



VERDE-OLIVA

Exército Brasileiro

Brasília-DF • Ano XLI • Nº 222 • Dezembro 2013

Centro de Comunicação Social do Exército

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Organização, Adestramento da Tropa, Doutrina, Operações,
Atividades Subsidiárias, Aviação e Segurança, e Missões de Paz.



Ainda nesta edição:

- A Força Terrestre nos Grandes Eventos
- Segurança do Papa Francisco
- Operação Laçador

ISSN 2178-1265



Programa Casa Própria **PROCAP**

As melhores condições para financiar a aquisição de imóvel residencial, novo ou usado, de terreno, e para a construção da casa própria.

Para militares de carreira das Forças Armadas e seus respectivos pensionistas participantes do Fundo de Apoio à Moradia (FAM) ou detentores de outro seguro de vida da FHE.

Vantagens

- juros de 0,60% a.m. a 0,77% a.m.*
- amplo prazo de pagamento
- rápida liberação

* para detentores de Poupança POUPEX Salário



Conheça as condições no site
fhe.org.br/procap



Fundação
Habitacional
do Exército

Consulte os endereços e telefones dos Pontos de Atendimento da FHE no site www.fhe.org.br

Central de Teleatendimento ao Cliente 0800 61 3040 Ouvidoria 0800 647 8877 Central de Teleatendimento aos Surdos 0800 646 4747



Editorial

VERDE-OLIVA – ANO XLI • Nº 222 • DEZEMBRO 2013

Prezado leitor,

Nesta edição ressaltam-se os trabalhos do Comando de Operações Terrestres (COTER), órgão central do sistema operacional do Exército Brasileiro que atua desde o momento da instrução do militar para cumprir pequenas missões cotidianas, até o preparo da tropa e de toda a Força para os Grandes Eventos em que atuamos recentemente e os que estão por vir no ano que se inicia.

Criado em 6 de novembro de 1990, o COTER sempre centrou seus objetivos na preparação e emprego da Força Terrestre (F Ter), em atividades de cunho estritamente militares, como operações, missões de paz e exercícios, visando à capacitação do combatente e ao adestramento de frações, Unidades e Grandes Unidades. E, para isso, conta com uma estrutura composta de quatro Subchefias (SCh).

Capacitação, adestramento, instruções de combate são palavras de ordem, quando o assunto é Sistema de Instrução Militar do Exército, responsabilidade da 1ª SCh. No entanto, sempre em busca de melhores métodos para atingir pleno êxito em seus objetivos, conta com modernos **softwares** de simulação em diferentes cenários hostis.

Responsável pelo preparo operacional da tropa, a 2ª SCh realiza o acompanhamento, o planejamento e a execução de operações de diversas naturezas. Não se pode deixar de enfatizar, sua participação em atividades subsidiárias, caracterizando a atuação da F Ter na construção da Nação Brasileira.

A 3ª SCh tem a responsabilidade de coordenar

ações relacionadas à Aviação do Exército, com um diversificado espectro de missões e um estreito relacionamento com a Força Aérea Brasileira, coordenando, ainda, atividades relacionadas às missões de paz, em especial, o preparo e a desmobilização de contingentes e o gerenciamento de recursos.

Considerando que as informações ocupam, cada vez mais, uma posição de destaque na condução das operações militares, está sendo implantada a 4ª SCh do COTER para o gerenciamento de informações operacionais, importante papel integrador de atividades.

A fim de dar a conhecer um pouco mais sobre os trabalhos nas OM operacionais, nesta edição, você irá conhecer o Comando de Operações Especiais, com origens que se entremeiam à realização do primeiro Curso de Operações Especiais, por volta de 1957 e 1958, no Rio de Janeiro. Hoje, como Grande Comando, enquadrando outras OM operacionais de Forças Especiais, tem sede na cidade de Goiânia (GO).

Poderá constatar como a F Ter atuou com desenvoltura em grandes eventos, como a visita do Papa Francisco ao Rio de Janeiro, atividade em que se realizou proteção de estruturas estratégicas; defesa cibernética; combate ao terrorismo; defesa química, biológica, radiológica e nuclear; fiscalização de explosivos; defesa aeroespacial; e, principalmente, inteligência.

A simulação de combate na Guarnição de Santa Maria também é destaque, com o emprego de modernos e eficazes equipamentos na qualificação e aperfeiçoamento do militar. E, falando em Santa Maria, existe um projeto de

exploração pecuária no Campo de Instrução dessa Guarnição que visa ao melhor aproveitamento da área e ao melhor cuidado para com os animais.

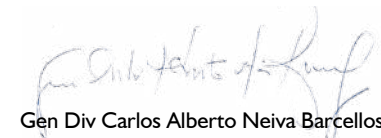
Ainda no Sul do Brasil, o Ministério de Defesa realizou a Operação Laçador 2013, exercício de adestramento coordenado pelo Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, durante o qual foram realizados treinamentos de guerra com foco na Defesa da Pátria.

A Banda de Música da AMAN é apresentada nessa revista, devido a seu centésimo aniversário, abrilhantando as páginas desta edição, da mesma forma com que vem enaltecendo a imagem da Instituição nos mais diversos eventos pelo Brasil.

Finalizando, a Revista Verde-Oliva aproveita para resgatar, como Personagem da Nossa História, o General de Divisão Domingos Ventura Pinto Junior, que, com sua capacidade de comando, inteligência, bravura e espírito de sacrifício, atuou de modo exemplar em terras italianas, durante a Segunda Guerra Mundial.

Assim, a Revista Verde-Oliva fecha esta edição, mais uma vez, após apresentar o que há de mais recente na área operacional, o que vem contribuindo para o aperfeiçoamento do militar e da própria Força, levando o Exército Brasileiro rumo ao Futuro.

Uma ótima leitura e até a próxima edição.


Gen Div Carlos Alberto Neiva Barcellos

Chefe do CCOMSEx

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEx)

Chefe do CCOMSEx:
Gen Div Carlos Alberto Neiva Barcellos

Subchefe do CCOMSEx:
Cel Cav QEMA Nilson Kazumi Nodiri

Chefe de Produção e Divulgação:
Cel Art QEMA Aléssio Oliveira da Silva

CONSELHO EDITORIAL
Cel Art QEMA Richard Fernandes Nunes
Cel Art QEMA Aléssio Oliveira da Silva
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

REDAÇÃO
Maj QCO Maurício Infante Mendonça
Cap QCO Cacilda Leal do Nascimento
2º Ten QAO Cesar Luiz Oliveira Viegas

PROJETO GRÁFICO

1º Ten QAO Adm G Osmar Leão Rodrigues
2º Ten QAO Adm Valmir José Kerkhoven
1º Sgt Inf Djalma Martins
1º Sgt Art Juliano Bastos Cogo
2º Sgt Inf Fabiano Mache
Cb Hartlen de Oliveira Ximenes Mesquita

DIAGRAMAÇÃO

1º Sgt Art Juliano Bastos Cogo

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO

Gráfica e Editora Meridional Ltda,
Quadra 11, Lt 07 St, Central
Gama-DF
CEP 72.405-110 – Tel. (61) 3484-1001/3484-1002
edmeridional@gmail.com

PERIODICIDADE
Trimestral

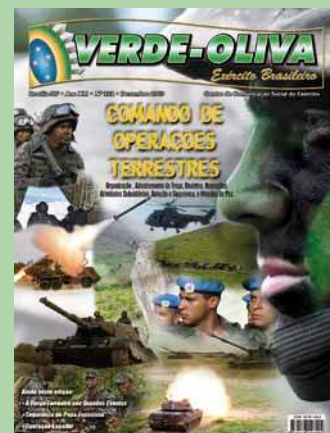
TIRAGEM
50.000 exemplares – Circulação dirigida
(no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS
Arquivo CCOMSEx

JORNALISTA RESPONSÁVEL
1º Ten Rômulo Teixeira Farias

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF
Telefone: (61) 3415-4673 – Fax: (61) 3415-4399
redacao@ccomsex.eb.mil.br
Disponível em PDF na página eletrônica:
www.eb.mil.br

NOSSA CAPA



É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto de matérias que contiverem indicação em contrário.



Sumário

Acompanhe nesta Edição

Palavras Iniciais

06



08
O Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro



09
A Simulação como Ferramenta no Adestramento da Tropa



13
A Divisão de Acompanhamento Doutrinário



19
A Assessoria de Programas de Governo



21
Juramento à Bandeira Nacional na EsPCEEx



22
As Operações na Força Terrestre



27
O Emprego da Força Terrestre em Atividades Subsidiárias



30
O Centro de Comando e Controle da Força Terrestre (CC²FTer)



32
A Divisão de Aviação e Segurança



35
Inspetoria-Geral das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares



36
Missões de Paz



38
O Futuro das Informações Operacionais



39



40
Nossas OM: Comando de Operações Especiais



44
A Força Terrestre nos Grandes Eventos



48
Segurança do Papa Francisco



54
A Simulação de Combate na Guarnição de Santa Maria



60
Operação Laçador



66
Projeto de Exploração Pecuária do Campo de Instrução de Santa Maria: Avanços com a aplicação de Biotecnologias de Reprodução



68
Centenário da Banda Sinfônica da AMAN



70
Personagem da Nossa História:

General de Divisão Domingos Ventura Pinto Junior



Espaço do Leitor

redacao@ccomsex.eb.mil.br

“Sou o gerente responsável pelos negócios, que envolvem Folhas de Pagamento e Postos de Atendimento Bancário com as Forças Armadas, em âmbito nacional. Nossa sede, no Brasil, fica em São Paulo. A Revista Verde-Oliva sempre foi uma publicação de grande interesse para nos atualizar sobre o andamento da Força Terrestre, nos permitindo, cada vez mais, melhor servir à família militar, notadamente ao Exército Brasileiro. Parabenizamos toda a equipe do CCOMSEx, em especial a Equipe Verde-Oliva, pela qualidade editorial e destacada relevância de todas as matérias produzidas ao longo de tantos anos.

Adriano Manzani Pereira
São Paulo

“Sou Desembargador Federal, vinculado ao Tribunal Regional Federal da 4ª Região.

Recentemente, participei da 10ª Viagem Institucional, promovida pelo Exército Brasileiro, em visita ao Comando Militar da Amazônia. Nessa viagem, recebi alguns exemplares da Revista Verde-Oliva, editada pelo Centro de Comunicação Social do Exército. Por jurisdicionar em gabinete de direito administrativo, gostaria de receber os próximos números desta publicação. Atenciosamente,

Cândido Alfredo Silva Leal Júnior
Porto Alegre

“Gostaria de receber exemplares da Revista Verde-Oliva para compor o acervo da Biblioteca Pública Municipal Carlos Martins, na cidade de Pedreiras (MA). Acho a revista interessante e, também, vai incentivar o público jovem e estudantes a frequentarem a biblioteca. Obrigado,

Carlos Alberto Lacerda
Auxiliar Bibliotecário

“Sou grande admirador do Exército Brasileiro e estou tentando montar uma coleção com objetos e revistas das Forças Armadas do Brasil. Se possível, gostaria de receber, gratuitamente, a Revista Verde-Oliva para fazer parte dessa coleção, por enquanto pequena. Obrigado,

Luciano Catto
Jaú (SP)

“Em 1996, o Curso PLENARIUS foi criado na cidade de Juiz de Fora (MG). Inicialmente, esteve voltado para as carreiras jurídicas e, posteriormente, também se dedicou às carreiras bancárias, fiscais, tribunais e afins. Em 2010, iniciou sua trajetória EAD e, hoje, possui 85 unidades distribuídas por todo o território nacional. A partir do ano 2012, inseriu os cursos profissionalizantes e os preparatórios para as carreiras militares, com abordagem para as áreas do Exército, Marinha e Aeronáutica. Atualmente, possui 450 alunos matriculados, preparando-se para as carreiras militares. Dessa forma, gostaríamos de solicitar o envio de Revistas Verde-Oliva para serem distribuídas aos nossos alunos, que estão extremamente interessados na vida militar e no belo trabalho desenvolvido pelo Exército Brasileiro. Atenciosamente,

Vinícios Almeida
Supervisor de Atendimento

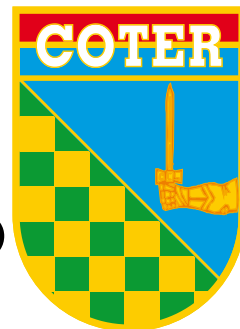
“Sou guia de Turismo em Bento Gonçalves (RS). Acompanhado da minha esposa, estive na EXPO – Bento/2013 e, no estande do Exército, fui presenteado com a Revista Verde-Oliva. Achamos a revista excelente, por trazer informações importantes para o trabalho que realizo e para os livros que, em breve, estarei colocando à disposição do público. Parabéns pelo trabalho e gostaríamos de receber outras publicações.

José Fontenelle
Guia de Turismo e Escritor

Prezado Leitor,

Não esqueça. O envio de sua opinião pelo e-mail redacao@ccomsex.eb.mil.br é importante e necessária à melhoria dos produtos de Comunicação Social da Força Terrestre.
Equipe Verde-Oliva

PALAVRAS INICIAIS



Criado em 6 de novembro de 1990, como órgão central do sistema operacional do Exército, o Comando de Operações Terrestres tem por objetivo preparar e empregar a Força Terrestre em operações, missões de paz, ligação com as Polícias Militares e com os Corpos de Bombeiros Militares, além de gerenciar as informações operacionais, em conformidade com a Política Militar Terrestre e com as diretrizes emanadas pelo Comandante do Exército e pelo Estado-Maior.

Desde a sua concepção, fruto da evolução das conjunturas nacional e internacional, o Comando de Operações Terrestres (COTER) passou por inúmeras transformações até chegar à atual configuração organizacional. Diversas circunstâncias levaram à criação de novas organizações militares e centros de instrução e à vinculação a esse Órgão de Direção Setorial. Atualmente, compete-lhe orientar e coordenar o preparo da tropa; orientar e acompanhar os exercícios de mobilização, de defesa territorial, de apoio logístico e de militares destinados ao cumprimento de missões de paz no exterior; apreciar e coordenar as atividades da competência e do interesse do Exército em relação às Polícias Militares (PM) e aos Corpos de Bombeiros Militares (CBM); e coordenar o emprego da Força Terrestre (F Ter) na Defesa Civil.

Nessa evolução, o COTER passou a ser o órgão central de diversos sistemas operacionais, entre eles o de Aviação do Exército (Av Ex), de Comando e Controle, de Informações Operacionais, de Operações Psicológicas, de Simulação de Combate, de Defesa Química, Biológica, Nuclear e Radiológica e do Sistema Integrado de Proteção de Estruturas Estratégicas Terrestres e de Monitoramento de Fronteiras.

Os Projetos Estratégicos do Exército Brasileiro, superando desafios, permitirão a reestruturação e a transformação da F Ter para adequar-se às demandas impostas pelo cenário, em rápida mudança, o que aumentará a capacidade operacional e possibilitará o emprego por capacidades e a transformação da Força.



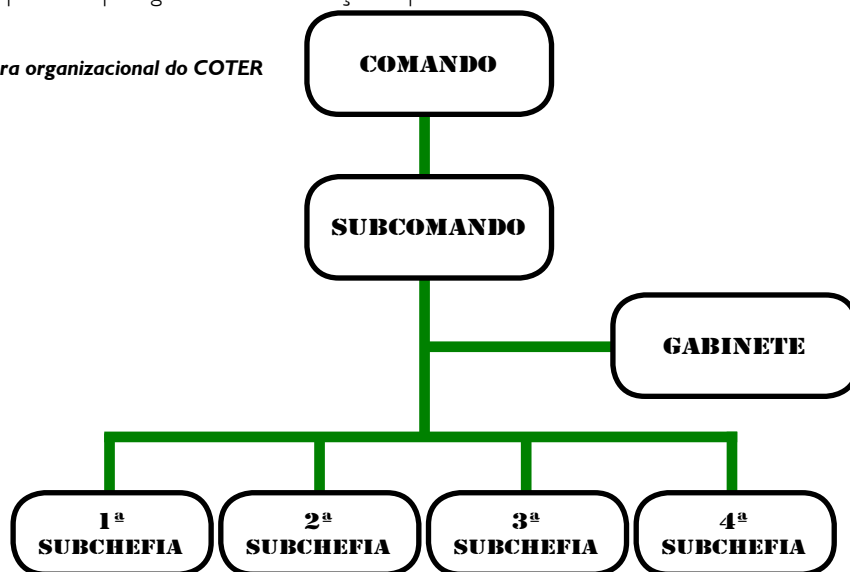
COMANDO DE OPERAÇÕES

O novo **software** para adestramento simulado (o Combater), adquirido pelo COTER, foi concebido para emprego nos exercícios de Postos de Comando e Estado-Maior nos níveis Força Terrestre, Divisão de Exército, Brigada, Batalhão, Regimento e Grupamento, nas diversas formas de combate. Ele também possibilitará a integração com as Forças Singulares (Marinha e Aeronáutica) na busca da interoperabilidade e permitirá atuar em ambiente Conjunto e/ou Interagências.

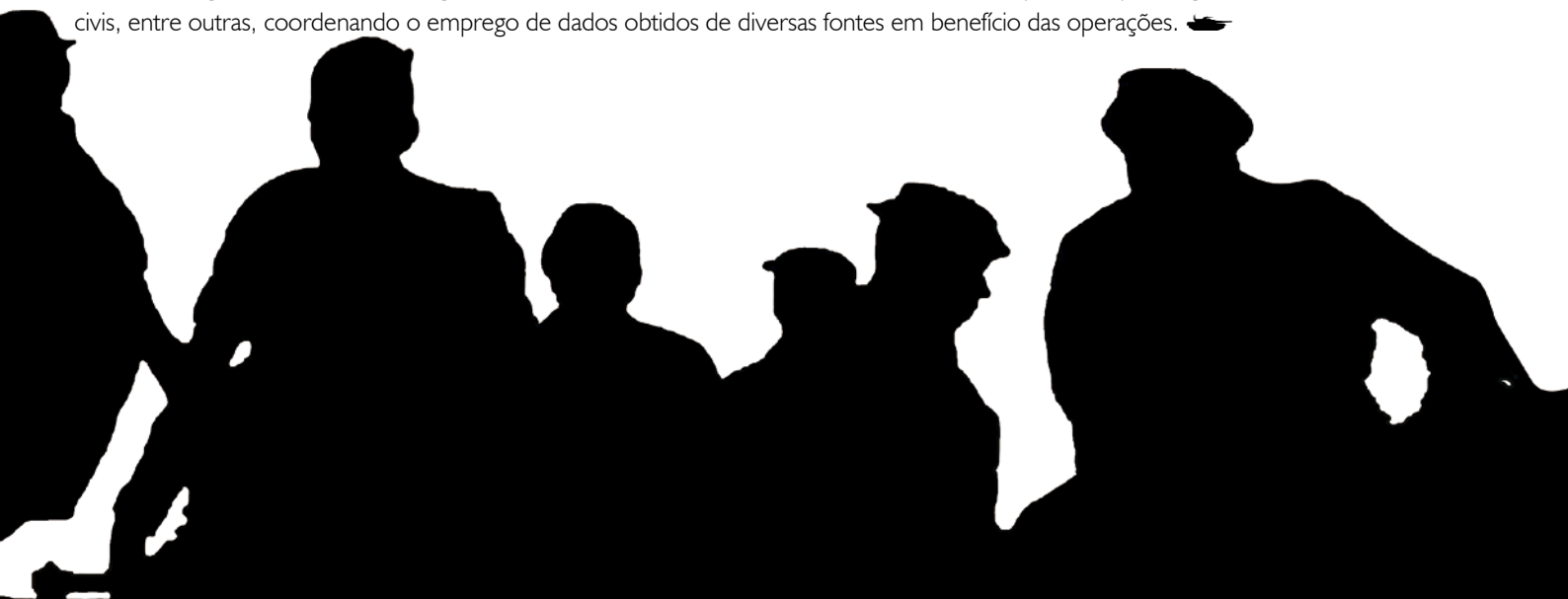
O projeto estratégico do COTER, Novo Preparo e Emprego, possibilitará aumentar a capacidade de pronta resposta da F Ter, na implementação de nova sistemática de instrução para o efetivo profissional e no faseamento da instrução do efetivo variável.

Integram a estrutura organizacional do COTER; o Comando, o Subcomando, o Gabinete e quatro Subchefias (SCh). A 1ª SCh é responsável pelo preparo operacional; a 2ª tem a seu cargo o emprego da F Ter; a 3ª é responsável pelo preparo, emprego e desmobilização de militares e tropas em missões de paz, das atividades ligadas à Av Ex e da ligação com as PM e os CBM; e a 4ª SCh é responsável pela gestão das informações operacionais.

Estrutura organizacional do COTER



Criada recentemente, a 4ª Subchefia incrementará a estrutura de inteligência e informações voltadas para as operações militares, integrando as atividades de guerra eletrônica, defesa cibernética, comunicação social, operações psicológicas e assuntos civis, entre outras, coordenando o emprego de dados obtidos de diversas fontes em benefício das operações. 🚢



OPERAÇÕES TERRESTRES

O Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro



O Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro, coordenado pelo COTER, tem como objetivos, a capacitação do pessoal e o aprimoramento do adestramento, possibilitando à Força Terrestre, como instrumento de combate, alcançar níveis desejáveis para o cumprimento de sua missão constitucional.



Exercício do NPOR do 19º BC

Materializado como um documento básico de mais alto nível da Força Terrestre (F Ter), de caráter normativo e doutrinário, em que são estabelecidos os fundamentos e a sistemática da instrução individual e do adestramento, o caderno do Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro (SIMEB) aborda em sua estrutura, dentre outros assuntos:

- os Pressupostos Básicos relativos ao preparo;
- as normatizações e orientações relativas à Instrução Individual, ao Adestramento e à Capacitação Técnica e Tática do Efetivo Profissional (CTTEP);
- aspectos relativos à prevenção de acidentes e à segurança nas atividades de preparo;
- os sistemas de apoio à instrução militar, tais como: o Sistema de Acompanhamento e Validação da Operacionalidade (SISTAVOP) e o Sistema de Validação dos Programas-Padrão e Cadernos de Instrução (SIVALI-PP/CI);
- a sistemática de planejamento de recursos para a instrução, por meio do Sistema de Apoio ao Planejamento (SAP); e
- as orientações relativas aos estágios, atividades conjuntas, mobilização e desmobilização dos recursos humanos da Força.

O COTER, anualmente, apresenta suas orientações por intermédio do Programa de Instrução Militar (PIM). Valendo-se desse documento básico, em conformidade com a conjuntura, assegura uma coordenação e avaliação efetiva das atividades de preparo da F Ter para o ano de instrução.

A Instrução Militar (IM) é a parte do preparo militar de caráter predominantemente prático, visando à formação do líder, em todos os escalões, à capacitação dos combatentes e ao adestramento das frações, unidades (batalhões, regimentos e grupos de artilharia) e grandes unidades (brigadas).

As Organizações Militares (OM) operacionais vivenciam, em um ano de instrução, as atividades de IM de forma continuada, definidas em um faseamento, no qual ocorrem a capacitação individual (Fase da Instrução Individual) e a capacitação coletiva (Fase do Adestramento).

Na Fase da Instrução Individual, ocorre o processo de formação do combatente, que busca capacitá-lo ao exercício das atividades correspondentes ao seu cargo, tornando-o, ainda, capaz de ser integrado às diversas frações que constituem sua OM. Essa fase subdivide-se em dois períodos: Instrução Individual Básica (IIB) e Instrução Individual de Qualificação (IIQ).

O Adestramento é a fase da IM na qual as tropas se inserem em um conjunto de atividades que têm como objetivos:

- o desenvolvimento das capacidades necessárias, dentro das possibilidades conjunturais, para permitir que as OM da F Ter atuem em diferentes cenários e ambientes operacionais; e
- o preparo da F Ter para atuar de maneira sinérgica em operações conjuntas (interoperabilidade) e interagências (complementaridade).



Exercício de qualificação do 20º BIB.
Tiro do morteiro 120mm AR.

Exercício de tiro com metralhadoras
MAG 7,62mm



A Simulação como Ferramenta no ADESTRAMENTO DA TROPA

A busca pelo incremento das atividades de adestramento, aprimoramento da destreza individual e capacitação das frações levou a Força Terrestre ao emprego crescente de uma valiosa ferramenta de apoio: a SIMULAÇÃO.

O Exército Brasileiro (EB) emprega simuladores no adestramento da tropa desde que foi realizado o primeiro treinamento visando ao combate. Afinal, tudo o que não é guerra, é simulação.

Nesse contexto, tem utilizado diversos simuladores. Os mais conhecidos e de uso frequente são os redutores de calibre, a munição de festim, as torres de salto e outros aparelhos e equipamentos que, rusticamente, simulam atividades mais complexas ou de alto custo.

Com o avanço da tecnologia da informação, o adestramento passou a ser realizado com simuladores mais modernos. Esses sistemas, equipamentos e dispositivos de simulação possuem elevada carga tecnológica e, cada vez mais, retratam a realidade do ambiente de combate, simulando os fatores psicológicos, o desgaste físico, a alteração climática, a duração do combate, dentre outros aspectos.

Além de retratar a realidade de forma cada vez mais fidedigna, a simulação apresenta

diversas soluções para sobrepor-se às dificuldades do mundo moderno, dentre as quais destacam-se a redução de orçamento, a escassez de campos de instrução, o risco inerente à atividade militar, o emprego cada vez maior de tropa em ambientes urbanos e povoados e a necessidade de repetir seu adestramento até atingir o nível desejado.

Equipamento ExpeditionDI® para simulação e treinamento da infantaria

Com o Processo de Transformação da Força Terrestre (F Ter), a simulação foi inserida nos sete principais Projetos Estratégicos do Exército (PEE): GUARANI, PROTEGER, RECOPI, DEFESA ANTIAÉREA, ASTROS 2020, SISFRON e DEFESA CIBERNÉTICA. Assim, vislumbra-se um futuro bastante promissor, no qual a F Ter contará sempre com a simulação no adestramento da tropa, nas áreas técnica, tática ou de procedimentos, do comandante ao soldado.

Os comandantes e seus estados-maiores, bem como os alunos do Curso de Comando e Estado-Maior (CCEM) e do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO), têm sido adestrados por meio da simulação construtiva (Jogos de Guerra) desde 1990. Após a fase inicial de universalização, a quebra de paradigmas e a afirmação da simulação construtiva, o COTER pôde investir na aquisição de um sistema capaz de simular não apenas operações convencionais de defesa, mas, também, atividades de proteção, tais como enchentes e catástrofes, resgate de não combatentes, proteção de infraestruturas estratégicas e outras operações de não guerra.

Esse novo sistema, denominado COMBATER, trará novas possibilidades, tais como o gerenciamento de crises, a simulação de planejamentos operacionais baseados em capacidades, a experimentação doutrinária, a pesquisa operacional e a operação interagências. Com plataforma moderna, possibilitará a integração com o Sistema de Comando e Controle da Força Terrestre (C² Cmb) e com os simuladores da Força Aérea e da Marinha, permitindo a realização de exercícios conjuntos simulados. É um sistema completo, cuja inteligência artificial permitirá a avaliação de linhas de ação apresentadas por alunos do CCEM e do CAO. Tendo sido realizada a aquisição do **software**, o processo vive agora a fase de adaptação e transição da doutrina já existente em seu banco de dados para a Doutrina Militar do Exército Brasileiro.

Para o adestramento e a avaliação de frações constituídas, empregando pessoas reais, armamento real, ambiente real e interação entre os participantes (simulação viva), o Exército Brasileiro emprega o Centro de Avaliação de Adestramento do Exército (CAAdEx) desde 1995. Nessa Organização Militar (OM), são realizados, anualmente, exercícios até o nível subunidade, para o adestramento de militares integrantes das Forças de Ação Estratégicas do Exército e o treinamento de tropas que comporão a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), empregando Dispositivos de Simulação e Engajamento Tático (DSET), que permitem o sensoriamento do disparo simulado de armas portáteis de uso individual e coletivo por meio de laser, apresentando o resultado em tempo real e dando maior realismo às ações.



Foto: 2º Ten Edvaldo

AV-LMU - SIMULATOR - Simulador do Sistema Astros



Exercício Tático com Apoio de Sistema de Simulação para adestramento dos quadros do Comando da 7ª e 10ª Brigada de Infantaria Motorizada realizado no 16º RC Mec

Simulação com interação entre os participantes e avaliação do CAAdEx no 19º contingente do BRABAT



Foto: 2º Sgt Mache

A simulação virtual, na qual pessoas reais empregam equipamentos simulados em cenários virtuais, vem se expandindo, fruto da chegada do helicóptero e do blindado Leopard, bem como com a implementação do projeto GUARANI. O Centro de Instrução de Aviação do Exército (CIAvEx) desenvolveu seus simuladores com o apoio da indústria nacional, e o Centro de Instrução de Blindados (CIBId) recebeu os simuladores do fabricante do carro Leopard 1A5. Esses sistemas permitem o treinamento dos procedimentos das tripulações e o adestramento tático no nível pelotão. No CIBId, uma rede com sistemas de simulação virtual permite o treinamento de uma subunidade em um cenário tático, inclusive contando com os apoios de engenharia e artilharia. No projeto GUARANI, o subprojeto “Simuladores” implantou o Treinamento Baseado em Computadores (TBC) com a aquisição de **tablets**, para que o mecânico possa se adestrar mesmo sem a chegada do carro. No decorrer do projeto, serão desenvolvidos, pelo Departamento de Ciência e Tecnologia, os simuladores das ações do motorista, do comandante do carro e do atirador.

Para o treinamento individual, foram adquiridos e distribuídos simuladores de tiro de armas portáteis para o Batalhão de Polícia do Exército de Brasília e para o 20º Batalhão de Infantaria Blindado. O objetivo inicial é criar uma metodologia para a realização dos tiros previstos nas Instruções Gerais para o Tiro das Armas do Exército e para a avaliação dos resultados.

Centro de Treinamento Virtual do 20º BIB



Nesse cenário de treinamento individual, estão incluídos também os simuladores de condução de viaturas leves e pesadas, já em uso pelos motoristas do 16º Batalhão Logístico (B Log), e o manequim adulto para treinamento de primeiros socorros, distribuídos para todos os B Log em 2012.

Assim, o Departamento de Ensino e Cultura do Exército (DECEX) implantou o projeto do Simulador de Apoio de Fogo (SAFO). Constituído de duas unidades de simulação, a serem construídas na Academia Militar das Agulhas Negras (Resende/RJ) e no Campo de Instrução de Santa Maria (RS), realizará o adestramento de mais de 80% dos Grupos de Artilharia de Campanha, que se encontram localizados a menos de cinco horas de deslocamento terrestre de uma dessas unidades de simulação, bem como atenderá às necessidades de ensino e de instrução de tiros indiretos de todos os cadetes e alunos dos sistemas subordinados ao DECEX.



Simulador do Projeto Leopard



Exercício de simulação nos Treinadores Sintéticos de Blindados – CI Blind

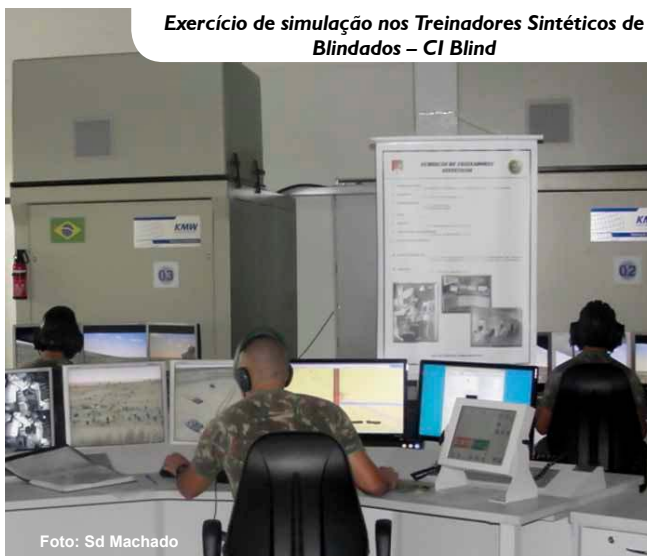


Foto: Sd Machado

Simulador de condução de viatura pesada



A experiência advinda de todo esse trabalho na área de simulação passou a ser respeitada e expandida pelos meios acadêmicos e pelas empresas do Brasil e do mundo. A ferramenta utilizada para isso foi o debate sobre o uso da simulação com a realização do Workshop de Simulação e Tecnologia Militar (WSTM), nos anos de 2011 e 2012, no Quartel-General do Exército (Brasília). Constando de uma exposição de empresas brasileiras e estrangeiras e também de uma conferência temática com a apresentação de especialistas civis e militares, esse evento propiciou que militares das três Forças Armadas, especialistas da indústria e integrantes das universidades e dos institutos de pesquisa se conhecessem e trocassem experiências. Permitiu, também, que os militares e os decisores conhecessem, em detalhes, as possibilidades de uso da simulação no treinamento e sua contribuição para a modernização do adestramento das tropas. O WSTM 2013 ocorreu, de 15 a 17 de outubro de 2013, no Quartel-General do Exército.

Como visão de futuro, o COTER está voltado ao que há de mais moderno em termos de simulação. Assim sendo, os técnicos da sua Divisão de Simulação de Combate estão trabalhando no intuito de alcançar uma integração dos simuladores da F Ter, de modo que seja possível a implementação de vários adestramentos, em diversos níveis, no mesmo cenário e ao mesmo tempo.

Para a simulação construtiva, o COTER vislumbra a criação de Centros de Adestramento Simulado de Postos de Comando (CAS-PC) e do Centro de Adestramento Simulado e de Pesquisa Operacional (CAS-PO), bem como a especialização do pessoal envolvido na atividade de Jogos de Guerra. Assim, haverá militares especializados na Direção do Exercício e operando o sistema COMBATER.

Para a simulação virtual, o planejamento é distribuir simuladores de tiro e de conduta auto para viaturas leves e pesadas em sedes que possuam pelo menos três OM e aumentar a capacidade da simulação virtual no CIAvEx, com a ampliação de suas instalações que são voltadas para essa atividade.

Na simulação viva, a proposta é aumentar a quantidade de DSET, o que facultará ao CAAdEx realizar exercícios e avaliações no nível batalhão e distribuir DSET aos Comandos Militares de Área, de modo que eles possam realizar exercícios com até uma subunidade.

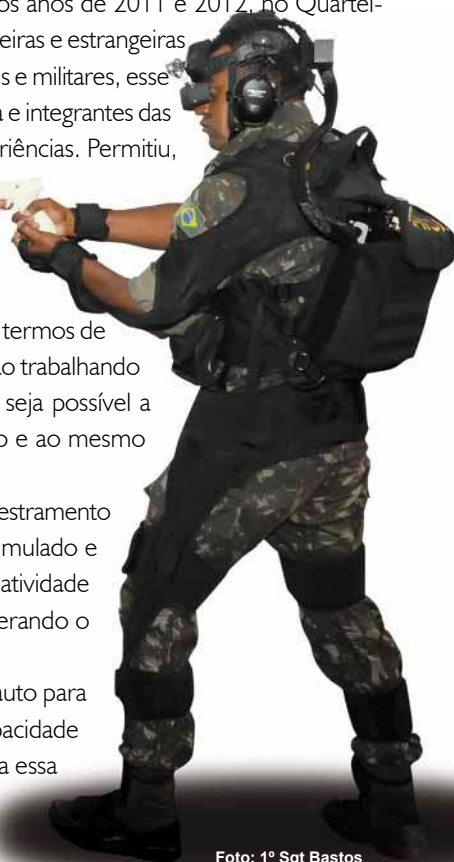


Foto: 1º Sgt Bastos

A simulação no Exército Brasileiro busca a perfeição no adestramento, a fim de obter eficiência e eficácia no emprego da tropa e de garantir um presente profícuo e um futuro promissor. 🇨🇧



Foto: 1º Sgt Bastos

A DIVISÃO DE ACOMPANHAMENTO DOCTRINÁRIO



Foto: Sd Ênio

Como parte da 1ª Subchefia, a Divisão de Acompanhamento Doutrinário (Div AD) viabiliza a participação do COTER no Sistema de Doutrina Militar Terrestre (SIDOMT) pela execução de diversas atribuições, dentre as quais se destacam:

- *elaborar Programas-Padrão (PP) e Cadernos de Instrução (CI);*
- *acompanhar Experimentações Doutrinárias;*
- *elaborar pareceres para reuniões decisórias de Produtos de Defesa (PRODE);*
- *consolidar os Relatórios de Informações Doutrinárias Operacionais (RIDOP);*
- *administrar o Portal do Preparo;*
- *contribuir para o Sistema de Lições Aprendidas (SISLA);*
- *emitir parecer sobre trabalhos úteis elaborados por militares do Exército Brasileiro; e*
- *acompanhar os Centros de Instrução.*

Programa-Padrão e Caderno de Instrução

O Programa-Padrão (PP) e o Caderno de Instrução (CI) são documentos produzidos pela Divisão de Assuntos Doutrinários (Div AD), nos quais constam as diretrizes relacionadas à instrução da tropa.

O PP prevê a sequência ordenada de assuntos destinados a orientar, coordenar, metodizar e fixar uma unidade de doutrina na preparação e execução da instrução, necessária ao emprego das unidades, subunidades e demais organizações das Armas e Serviços, bem como a cooperação imprescindível entre estas. São documentos básicos de acionamento que constituem instrumentos dinamizadores do sistema de instrução, pois:

- definem objetivos;

- estabelecem os fundamentos metodológicos;
- proporcionam as bases para o planejamento e a programação;
- orientam a execução; e
- fixam os critérios.

O CI tem a finalidade de orientar a instrução de táticas, técnicas e procedimentos ou de outra natureza, relativa a assunto específico, minucioso ou de pequena amplitude. Práticos, complementam manuais e regulamentos que necessitam de informação específica e detalhada, que não caberia apresentar em outro documento.

Para elaborar os documentos padronizados da 1ª Subchefia (1ª SCh) do Comando de Operações Terrestres (COTER), foi criada, em 2002, a Seção de Editoração Gráfica (SEG), tendo como foco trabalhos técnicos de **Design** Gráfico, revisão e editoração de textos.



Avaliação da VBTP GUARANI pelo CAEx



Avaliação da VBTP GUARANI pelo CAEx no 2º BEC



Experimentação Doutrinária na 15ª Bda Inf Mec

Experimentação Doutrinária

O COTER, como órgão de execução do Sistema de Doutrina Militar Terrestre (SIDOMT), é o responsável pela coordenação da experimentação doutrinária da Infantaria Mecanizada do Projeto Estratégico do Exército (PEE) GUARANI. Na execução dessa missão, provê à 15ª Brigada de Infantaria Mecanizada (15ª Bda Inf Mec) os recursos necessários à realização da atividade, orienta a aplicação dos documentos doutrinários e coordena o emprego da tropa sob as condições que simulam, ao máximo, as situações de combate. A finalidade dessa experimentação é comprovar, na prática, a exequibilidade dos novos preceitos doutrinários e a eficácia dos novos Quadros de Cargos (QC) e Produtos de Defesa (PRODE).

Essa atividade, que visa a colher subsídios para o emprego futuro das frações de Infantaria Mecanizada, bem como responder aos Elementos Essenciais de Informações Doutrinárias (EEID), teve início em 2012, com a experimentação doutrinária do Pelotão de Fuzileiros Mecanizado. Neste ano, será realizada no nível Subunidade de Infantaria Mecanizada e, para 2014 e 2015, estão previstas as experimentações da Força-Tarefa Subunidade Mecanizada e Batalhão de Infantaria Mecanizado, respectivamente.

O Sistema de Lições Aprendidas (SISLA) destina-se a captar, validar e difundir as experiências profissionais vivenciadas por oficiais e praças no desempenho de atividades operacionais que convenham ser do conhecimento de todos os integrantes da Força Terrestre (F Ter), tendo o Estado-Maior do Exército (EME) como seu órgão central.

O COTER participa do SISLA por intermédio da Div AD, contribuindo, como todos os Órgãos de Direção Setorial, para o aperfeiçoamento da doutrina.

Portal do Preparo

Os novos tempos demandam rapidez no processo decisório. Desta forma, o Portal do Preparo, ancorado nas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), aperfeiçoa o desenvolvimento de trabalhos na modalidade a distância (via internet), proporcionando aos usuários flexibilidade de tempo, espaço e abrangência. A proposta desta plataforma é facilitar, integrar e desenvolver trabalhos colaborativos a distância entre os militares dispostos no País.

O Portal do Preparo está hospedado no sítio www.portaldopreparo.eb.mil.br, sob responsabilidade da Div/AD/Iª SCH/ COTER. Para solicitar cadastramento e/ou outras informações, utilize o e-mail portaldopreparo@coter.eb.mil.br.

Os Centros de Instrução

Os Centros de Instrução (CI) são importantes instrumentos de preparação da F Ter, que vêm contribuindo para atender às necessidades da Instituição no que tange à capacitação dos recursos humanos, à elaboração de doutrinas próprias e ao adestramento de pequenas frações, de pelotão, de subunidade e de unidade.

O COTER presta apoio, orienta o preparo, acompanha e supervisiona as atividades da maioria dessas Organizações Militares (OM), particularmente daquelas voltadas à elevação dos níveis de operacionalidade das Forças de Atuação Estratégica e Forças de Ação Rápida (FAR).

O Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil

O Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil (CI Pqdt GPB) é o responsável pela formação do combatente aeroterrestre. Em suas instalações, funcionam os seguintes cursos e estágios: Básico Paraquedista; Mestre de Salto; Precursor Paraquedista; Salto Livre; Mestre de Salto Livre; Dobragem, Manutenção de Paraquedas e Suprimento pelo Ar; e Estágio de Transporte Aéreo e Resgate. Esta tradicional Escola de Paraquedistas detém, ainda, a responsabilidade da realização das diversas readaptações de todas as Unidades da Brigada de Infantaria Paraquedista e do Comando de Operações Especiais.

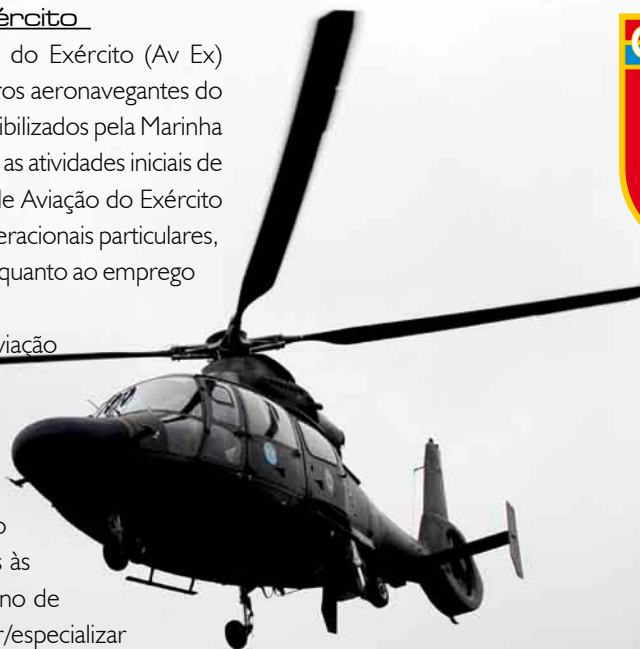
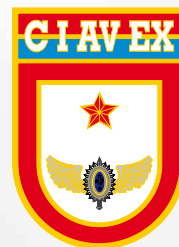
Atualmente, a escola possui uma eficiente estrutura de ensino, contando com uma piscina tática de treinamento; equipamentos de última geração; simulador de lançamento de aeronaves, instalado em uma sala de lançamento virtual, que possibilita aos alunos realizarem instruções e treinamentos; simulador de navegação, que permite aos alunos do Curso de Salto Livre treinamentos de navegação com velame aberto; e um simulador de lançamento de carga.



Centro de Instrução de Aviação do Exército

A formação dos recursos humanos da Aviação do Exército (Av Ex) remonta ao início do ano de 1986, quando os primeiros aeronavegantes do Exército Brasileiro (EB) frequentaram os cursos disponibilizados pela Marinha do Brasil e pela Força Aérea Brasileira. Posteriormente, as atividades iniciais de ensino do EB foram desenvolvidas pelo 1º Batalhão de Aviação do Exército (1º B Av Ex), que recebeu, além das suas atividades operacionais particulares, a incumbência de instruir e adaptar os aeronavegantes quanto ao emprego dos equipamentos adquiridos pela F Ter.

Em 1991, o Núcleo do Centro de Instrução de Aviação do Exército iniciou suas atividades, dando origem, no mesmo ano, ao atual Centro de Instrução de Aviação do Exército (CIAvEx). As atribuições da escola cresceram à medida que as imposições técnicas e operacionais aumentaram sua complexidade. Partindo de uma fase relativa à adaptação dos aeronavegantes às aeronaves do EB, ao longo dos anos, a linha de ensino de aviação desenvolveu conhecimentos visando formar/especializar oficiais e sargentos em mais de 20 cursos e 11 estágios desenvolvidos durante todo o ano letivo.





O Centro de Instrução de Blindados

O Centro de Instrução de Blindados General Walter Pires (CI Bld) foi criado, em 11 de outubro de 1996, para se constituir em um dos vetores de modernização do Núcleo de Blindados. Ativado no dia 1º de janeiro de 1997, na Guarnição do Rio de Janeiro, foi transferido para Santa Maria (RS) em 2004. Como Estabelecimento de Ensino integrante do Sistema de Ensino Militar do EB, está subordinado à 6ª Brigada de Infantaria Blindada e vinculado ao COTER para planejamento, coordenação, avaliação e execução das atividades de instrução e adestramento de frações blindadas/mecanizadas e contribui para o desenvolvimento da doutrina militar, no tocante ao emprego, material e organização dessas tropas.

O CI Bld utiliza a Tecnologia da Informação aplicada ao ensino, por meio de dispositivos de simulação, tais como: simuladores de procedimento de torre e para mecânico/motorista; treinadores sintéticos, que permitem a interação das guarnições com os comandos da viatura; e os Exercícios de Simulação Tática, que permitem às unidades blindadas desenvolverem atividades de adestramento de suas respectivas subunidades.



Centro de Instrução de Operações de Garantia da Lei e da Ordem

O Centro de Instrução de Operações de Garantia da Lei e da Ordem (CI Op GLO), criado em 1º de março de 2005, está sediado em Campinas, interior do estado de São Paulo, e subordinado ao Comando do 28º Batalhão de Infantaria Leve, integrante da 11ª Brigada de Infantaria Leve (11ª Bda Inf L).

São missões do CI Op GLO: cooperar para a evolução da DOMT no nível tático, atualizar as Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) utilizados em operações de GLO, planejar e conduzir estágios gerais e de área e acompanhar as operações e o adestramento da 11ª Bda Inf L.

O Centro de Instrução de Guerra na Selva

O Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), que está localizado na cidade de Manaus, é subordinado ao Comando Militar da Amazônia e tem por missões: conduzir estágios e o Curso de Operações na Selva em três categorias, especializando oficiais, subtenentes e sargentos para combater no ambiente operacional de selva; realizar pesquisas e experimentação doutrinária sobre material de emprego militar; e, eventualmente, adestrar, naquele ambiente de selva, tropas de outras regiões do País. Anualmente, cerca de 600 militares frequentam os cursos e estágios ministrados pelo CIGS.



Centro de Instrução de Artilharia de Foguetes

O Centro de Instrução de Artilharia de Foguetes (CI Art Fgt) foi criado em 3 de agosto de 2005, com sede em Formosa (GO), e é subordinado ao Comando Militar do Planalto. Tem como missões: contribuir para a pesquisa, o desenvolvimento e a validação da doutrina de emprego da F Ter no tocante à Artilharia de Mísseis e de Foguetes e à Busca de Alvos (BA); planejar e conduzir cursos e estágios, visando à especialização de militares (oficiais e sargentos) nas



técnicas específicas de emprego e de manutenção do material da Artilharia de Mísseis, de Foguetes e de BA; cooperar com os estabelecimentos de ensino do Exército; conduzir, sob orientação do COTER, as atividades de simulação de combate, referentes à Art Fgt e à BA; e conduzir, sob orientação do EME, estudos visando à aquisição de material referente à BA.

O Centro de Instrução de Operações Especiais

O Centro de Instrução de Operações Especiais (CI Op Esp), criado em 4 de setembro de 2003, tem sede na cidade do Rio de Janeiro, nas antigas instalações do 1º Batalhão de Operações Especiais. A partir de janeiro de 2004, por transformação do Núcleo de Instrução de Operações Especiais, iniciou suas atividades. É subordinado ao Comando de Operações Especiais (Cmdo Op Esp), com sede em Goiânia, tendo vinculação com a Brigada de Infantaria Paraquedista para as atividades aeroterrestres. Tem por missões: capacitar os recursos humanos pertencentes às OM subordinadas ao Cmdo Op Esp; contribuir para o desenvolvimento da doutrina de Operações Especiais no Exército Brasileiro; e realizar a pesquisa e a experimentação de novas técnicas operacionais e de equipamentos peculiares às Operações Especiais.



O Centro de Instrução e Operações na Caatinga

O Centro de Instrução e Operações na Caatinga (CI Op C), localizado na cidade de Petrolina (PE), é o estabelecimento destinado à formação do Combatente de Caatinga do Exército Brasileiro. Faz parte da estrutura organizacional do 72º Batalhão de Infantaria Motorizado (72º BI Mtz) e está vinculado ao COTER. Possui o Campo de Instrução Fazenda Tanque do Ferro, que é estruturado com alojamentos, casa-sede, copa, enfermaria e salas para instruções e é destinado às atividades de formação e adestramento dos militares.

A principal missão do CI Op C é contribuir para a pesquisa, o desenvolvimento e validação da doutrina de emprego da F Ter no tocante às técnicas, táticas e procedimentos peculiares ao ambiente de Caatinga. São ministrados no centro, cursos e estágios, visando à especialização de militares.



Foto: 2º Ten Edvaldo

Centro de Instrução de Operações no Pantanal

Em 1998, o Comando Militar do Oeste (CMO) propôs ao EME a criação de um Núcleo de Operações no Pantanal, do qual se originou a Seção de Instrução de Operações no Pantanal (SIOP), que tinha o encargo de ministrar Estágios de Operações no Pantanal (E O Pan) para oficiais e sargentos que serviam na área do CMO. Naquele mesmo ano, foi realizado o primeiro estágio com a colaboração de oficiais e sargentos possuidores do Curso de Operações na Selva e do Curso Expedito de Pré-Comissão no Pantanal, coordenado pela Marinha do Brasil. A partir de 1999, foram realizados dois estágios por ano, um para oficiais e um para sargentos.



Em 2011, a SIOP tornou-se o Centro de Instrução de Operações no Pantanal (CI Op P), tendo como incumbência ministrar estágios para oficiais e sargentos, para cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras e alunos da Escola de Sargentos das Armas; o Estágio de Adaptação ao Pantanal (E A Pan) na guarnição de Corumbá (MS); além de atender os Pedidos de Cooperação de Instrução das OM que integram a Força de Ação Estratégica, como o Cmdo Op Esp, a Brigada Paraquedista, a 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel) e a Aviação do Exército, bem como contribuir com a pesquisa, o aperfeiçoamento e desenvolvimento da doutrina alusiva ao ambiente operacional do Pantanal.

Centro de Instrução de Operações de Montanha

O Centro de Instrução de Operações de Montanha (CI Op Mth) opera nas instalações do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, em São João Del Rei (MG), e tem como principal missão formar o militar especialista em operações em montanha, para o que ministra: o Estágio Básico do Combatente de Montanha, que habilita o militar a transpor um paredão equipado em ambiente de montanha; o Curso Básico de Montanhismo, que habilita o militar a equipar um paredão para passagem de tropa durante uma operação militar; e o Curso Avançado de Montanhismo, que habilita o militar a realizar todos os tipos de reconhecimento em montanha e a conduzir tropa de qualquer natureza neste tipo de ambiente. Desta forma, o centro forma, anualmente, cerca de quinhentos montanhistas para as Forças Armadas, Forças Auxiliares e Nações Amigas. 🐾

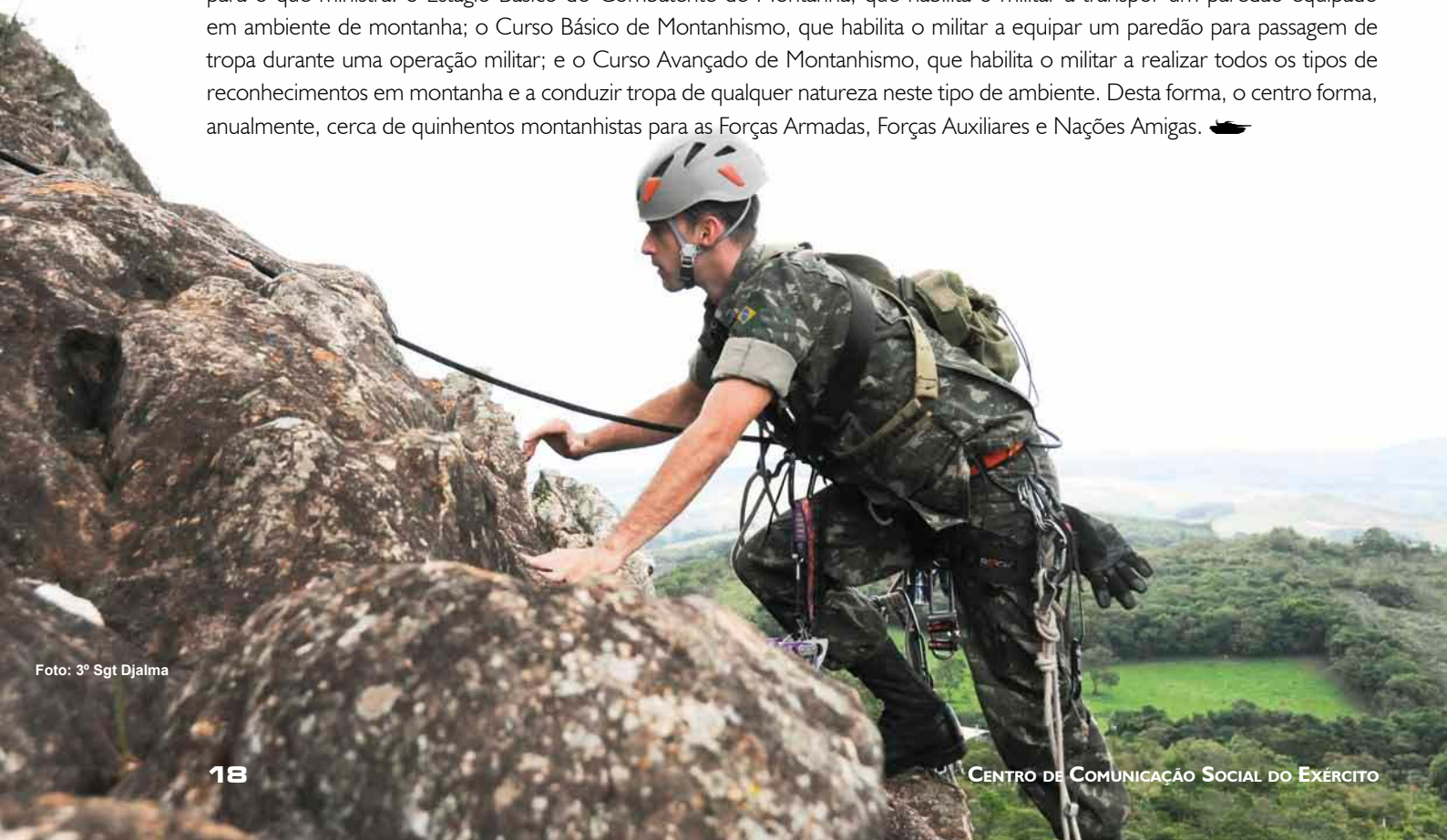


Foto: 3º Sgt Djalma



Foto: Sd Yucatan

Abertura das atividades do Programa Força no Esporte (PROFESP) no 59º BI Mtz

A ASSESSORIA DE PROGRAMAS DE GOVERNO

Criada na 1ª Subchefia do Comando de Operações Terrestres (COTER), a Assessoria de Programas de Governo (APG) tem sob sua responsabilidade alguns programas sociais do Ministério da Defesa (MD): “Projeto Soldado-Cidadão”, “Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego”, “Forças no Esporte” e “Atleta na Escola”. Sua atuação possibilita ao COTER o planejamento, a coordenação e a orientação desses programas no âmbito da Força Terrestre.

Projeto Soldado-Cidadão (PSC)

Criado em 2002, como Projeto de “Qualificação de Mão de Obra”, no Rio de Janeiro, por iniciativa do Exército, o PSC visa proporcionar uma qualificação profissional aos jovens durante o Serviço Militar, possibilitando-lhes melhores condições de ingresso no mercado de trabalho.

O projeto está inserido no Programa de Assistência e Cooperação das Forças Armadas à Sociedade Civil do Ministério da Defesa.

Desde sua criação, já qualificou mais de 154.000 militares em diversas competências, destacando-se, entre outras, as

de Auxiliar de Cozinha, Manutenção em Redes Telefônicas, Montagem e Manutenção de Microcomputadores, Motoristas Profissionais Categoria “D” com especialização em Transporte de Cargas Perigosas, Construção Civil, Panificação e Pintura Automotiva.

Além de sua função social, o projeto tem servido como instrumento importante no auxílio à desmobilização dos jovens que, por força de imposição legal, são obrigados a deixar a farda após vários anos de Serviço Militar.



PSC – Encerramento do Curso de Cozinheiro do SENAC na EsFCEX/CMS

Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC)

Criado no dia 26 de outubro de 2011, o PRONATEC tem como objetivo principal expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para a população brasileira. Para tanto, prevê uma série de subprogramas, projetos e ações de assistência técnica e financeira que buscam oferecer oito milhões de vagas a brasileiros de diferentes perfis nos próximos quatro anos.

No mesmo ano, o MD celebrou um Acordo de Cooperação com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), por meio do PRONATEC, o que proporcionou a inclusão dos Tiros de Guerra em um programa de capacitação profissional e também aos reservistas que não puderam ser atendidos pelo Projeto Soldado-Cidadão, durante a incorporação.



PDE | PRONATEC
PROGRAMA NACIONAL DE ACESSO
AO ENSINO TÉCNICO E EMPREGO



Programa Forças no Esporte (PROFESP)

Desde a criação do PROFESP, em 2003, a Marinha, o Exército e a Aeronáutica ajudam a melhorar a qualidade de vida de crianças e jovens carentes do Brasil. O programa, desenvolvido por intermédio de uma parceria entre os Ministérios da Defesa e do Esporte, promove a inclusão social por meio da prática de esportes.

Nas atividades, desenvolvidas por militares e profissionais especializados, os adolescentes têm oportunidade de praticar esportes e assistir a aulas de reforço escolar, além de ter assegurado o direito a atendimento médico, odontológico, alimentação, roupas e transporte.

No Exército, participam do projeto cerca de 50 Organizações Militares (OM), localizadas em todo o território nacional, nas quais quase 10.000 (dez mil) jovens são atendidos.

Programa Atleta na Escola

Projeto governamental que envolve os Ministérios do Esporte, da Educação e da Defesa, com o objetivo de aumentar a chance de o Brasil obter Medalhas Olímpicas, selecionando jovens estudantes em três modalidades: corrida de 100 m rasos (15 a 17 anos), corrida de 75 m rasos (12 a 14 anos) e salto em distância (nas duas faixas).

A prática desportiva apresenta duplo caráter educativo: além de permitir o desenvolvimento das atividades motoras, cognitivas e físicas, é um meio particular de socialização e superação de limites pessoais e coletivos.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, é dever do Estado incentivar a prática de esportes e assegurar a destinação de recursos visando ao desenvolvimento dessas atividades e à captação de novos talentos. O esporte é considerado como forma de promoção social.

São objetivos do Programa Atleta na Escola:

- difundir a prática desportiva entre os estudantes brasileiros;
- desenvolver valores olímpicos e paraolímpicos entre jovens e adolescentes; e
- favorecer a identificação de jovens talentos numa perspectiva de formação educativa integral que concorra para a elevação do desempenho escolar e esportivo dos alunos.

Ao Ministério da Defesa caberá organizar, planejar e executar os treinamentos dos atletas selecionados nos 26 Estados e no Distrito Federal. As OM participantes foram indicadas pelo MD e entrarão no projeto após a seleção dos atletas, realizada pelo MEC. 🐾



PROGRAMA DE FORMAÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR

Juramento à **BANDEIRA NACIONAL** na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx)



No dia 17 de agosto de 2013, na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), foi realizada a solenidade de Juramento à Bandeira Nacional, oportunidade em que cerca de 5000 visitantes, convidados da Escola e familiares dos alunos, testemunharam 490 jovens comprometerem-se em servir voluntariamente ao nosso País, com o sacrifício da própria vida se preciso for.

O Juramento à Bandeira é uma cerimônia durante a qual o militar declara, perante o Estandarte Nacional, lealdade e compromisso à Pátria. Todo cidadão, após ingressar nas Forças Armadas, presta compromisso de honra, no qual afirma a sua aceitação consciente das obrigações e deveres militares, manifestando sua livre disposição de bem cumpri-los.

Esse compromisso, com caráter solene, é cumprido pelos alunos matriculados no Curso de Formação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico do Exército Brasileiro. Cumprindo o que prescreve a Lei Nº 6.880, de 09 de dezembro de 1980 – Estatuto dos Militares –, é sempre prestado sob a forma de Juramento à Bandeira na presença da tropa formada.

A Portaria Nº 178-EME (Estado-Maior do Exército), de 13 de novembro de 2012, normatizou o Curso de Formação e Graduação de Oficiais de Carreira da Linha de Ensino Militar Bélico, alterando a sua duração de quatro para cinco anos. Dessa forma, a EsPCEEx converteu-se em Estabelecimento de Ensino Superior Militar e integrou-se, indissociavelmente, à Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), transformando-se no primeiro ano da formação do futuro oficial combatente de carreira.

O curso deve desenvolver e consolidar atitudes requeridas do futuro chefe militar, internalizando valores e desenvolvendo atributos característicos de um caráter sólido e baseado em princípios inabaláveis.

A habilitação de todas as competências necessárias ao oficial do Exército Brasileiro, bem como sua efetiva sedimentação, são tarefas árduas e de demorada forja. A AMAN e a EsPCEEx têm, portanto, responsabilidade ativa.

A atual sistemática de formação do Oficial Combatente

O Exército, sempre acompanhando a necessidade de aperfeiçoar o seu ensino superior militar, implantou, em 2011, a nova sistemática de ensino de formação do oficial combatente da linha bélica. Ficou estabelecido que, a partir do ano de 2012, a formação profissional passa a ser executada em cinco anos. Para isso, o grau de ensino da Escola foi elevado de médio para universitário, fazendo com que, na EsPCEEx, seja cursado o primeiro dos cinco anos de formação do oficial da Força Terrestre. Ao término de um ano de estudos, o aluno aprovado tem o seu ingresso garantido na AMAN, localizada em Resende (RJ), onde, como Cadete, prosseguirá na sua formação acadêmica pelos quatro anos seguintes e, ao concluí-la, será promovido ao posto de Aspirante a Oficial do Exército.

No 1º ano do curso, além das disciplinas universitárias, o aluno inicia o estudo das Ciências Militares na teoria e prática, por meio da qual desenvolve a parte cognitiva, psicomotora e afetiva.

A parte afetiva merece destaque especial em todas as ocasiões, seja em sala de aula ou nas instruções militares e atividades diárias, como serviços de escala e formaturas, durante as quais é estimulado ao desenvolvimento dos atributos militares selecionados pela Escola: ADAPTABILIDADE, COOPERAÇÃO, CORAGEM FÍSICA, DEDICAÇÃO, DISCIPLINA, RUSTICIDADE, RESPONSABILIDADE, LEALDADE, PERSISTÊNCIA, RESILIÊNCIA e EMPATIA. 🐾

AS OPERAÇÕES NA FORÇA TIT





MISSÕES TERRESTRES

Com a atribuição de acompanhar o planejamento e a execução de todas as operações em que houvesse emprego da Força Terrestre (F Ter) em 2012, a Divisão de Operações da 2ª Subchefia do COTER contabilizou, em média, 70 missões de emprego de tropa por dia.

No ano de 2013, também esteve presente em várias operações singular, conjunta, combinada ou interagência.

Em 2012 (destaques):

- Operações Bracolper Amazônia;
- Operações Ágata (operações conjuntas e interagências na faixa de fronteira);
- Operação Arcanjo (operação de garantia da lei e da ordem na cidade do Rio de Janeiro);
- Operação Segurança de Embaixada; e
- operações na faixa de fronteira (cooperação com o Governo Federal no combate aos delitos transfronteiriços e ambientais).

No ano de 2013 (destaques):

- Operações Ágata;
- Bracolper Amazônia (Brasil, Colômbia e Peru);
- Panamax (Brasil, EUA e mais vinte países da América e da Europa);
- Copa das Confederações;
- Hileia Pátria (de apoio ao IBAMA);
- Jornada Mundial da Juventude; e
- Laçador (operação conjunta no Comando Militar do Sul).

Observação:
 Operação singular: emprego do Exército;
 Operação conjunta: emprego das Forças Armadas de um mesmo país de forma coordenada;
 Operação combinada: presença de tropa de países diferentes;
 Operação interagência: interação das Forças Armadas com outras agências;
 Agência: organização ou instituição com estrutura e competência formalmente constituída, podendo ser governamental ou não, militar ou civil, nacional ou internacional.

VERDE-OLIVA – Ano XLI • Nº 222 • dezembro 2013 **23**

23



Operação Arcanjo

Seção de Garantia da Lei e da Ordem (SGLO)

A Garantia da Lei e da Ordem (GLO) é uma operação militar conduzida pelas Forças Armadas, por decisão do Presidente da República, realizada de forma episódica, em área previamente estabelecida e por tempo limitado, com o propósito de assegurar o pleno funcionamento do estado democrático de direito, da paz social e da ordem pública (MD).

A principal atividade da SGLO é, recebida uma Diretriz Ministerial elaborada pelo Ministério da Defesa, formular e divulgar a Diretriz de Planejamento Operacional Militar (DPOM) correspondente, na qual constem as orientações do Comandante de Operações Terrestres para o(s) Comando(s) Militar(es) de Área (C Mil A) pertinente(s), permitindo a confecção dos respectivos planos operacionais, particularidade essa inexigível no caso da existência de um Plano Estratégico de Emprego Conjunto das Forças Armadas (PEECFA).

A partir da difusão da diretriz, cabe a SGLO acompanhar o planejamento e a execução da operação decorrente, administrar e descentralizar os recursos correlatos e acompanhar a sua execução orçamentária, além de atender às necessidades levantadas pelo(s) C Mil A executante(s).

A SGLO acompanha e analisa a conjuntura nacional, com base em documentos de inteligência expedidos pelo Centro de Inteligência do Exército (CIE). O objetivo é tentar antever a possibilidade de emprego da F Ter, a fim de proporcionar o assessoramento oportuno ao Comandante de Operações Terrestres e um alerta antecipado ao(s) C Mil A envolvido(s).

Dentre as atividades rotineiras da Seção, destacam-se o acompanhamento dos adestramentos de GLO, a coordenação dos planejamentos operacionais e a apreciação dos Planos de Segurança Integrada confeccionados/atualizados pelos C Mil A. Essas atividades permitem à Seção apresentar sugestões às demais

Subchefias do COTER, a fim de compatibilizar as atividades de preparo e de emprego da F Ter em operações de GLO, contribuir para a atualização do Sistema de Planejamento do Exército (SIPLEX) e da Diretriz Estratégica e apresentar propostas relativas ao aperfeiçoamento da doutrina, nas atividades de preparo, no aperfeiçoamento da estrutura de emprego em operações de GLO e na articulação das Organizações Militares da F Ter.

Para cumprir essas atividades, a SGLO conta com o apoio da Assessoria Jurídica do COTER na análise do amparo legal para o emprego de tropa. As apreciações correspondentes aos amparos legais são divulgadas para o Estado-Maior do Exército (EME) e para a seção de GLO/Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), por meio de palestras aos alunos e Pedidos de Cooperação de Instrução (PCI).

Além das atividades relativas ao emprego da F Ter na GLO, a Seção é responsável por supervisionar, coordenar e controlar as operações da F Ter em que ocorre o emprego de fração militar constituída fora do território nacional, excetuando-se as missões de paz. Atualmente, isso está consubstanciado no acompanhamento da missão de segurança da embaixada brasileira na República Democrática do Congo, onde uma equipe de militares, além de prestar a segurança ao Corpo Diplomático naquele país, planeja o emprego da F Ter em operações de evacuação de não combatentes numa situação de contingência.

Até 2016, com a realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (Rio 2016), a SGLO estará diretamente empenhada nos Grandes Eventos que acontecerão no País.

Emprego do EB em GLO de 1985 a 2012

C Mil A	Nr Op
Comando Militar da Amazônia	29
Comando Militar do Nordeste	27
Comando Militar do Leste	30
Comando Militar do Sudeste	07
Comando Militar do Sul	16
Comando Militar do Oeste	19
Comando Militar do Planalto	26
TOTAL	154

Seção de Operações Psicológicas (Seç Op Psc)

As Operações Psicológicas (Op Psc) são o conjunto de ações destinadas a motivar um grupo a ter comportamentos desejáveis para se atingir um objetivo militar, constituindo-se em importante vetor do fogo não cinético e capacidade indispensável às Operações de Informação.

Essas operações, que ocorrem antes, durante e após as ações militares, ampliam o poder relativo de nossas forças, por meio da disseminação de informações pelos diversos meios de

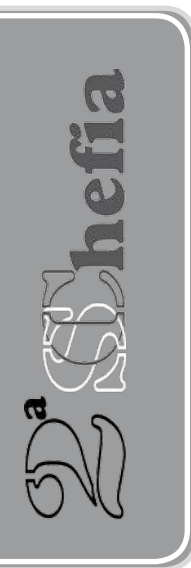
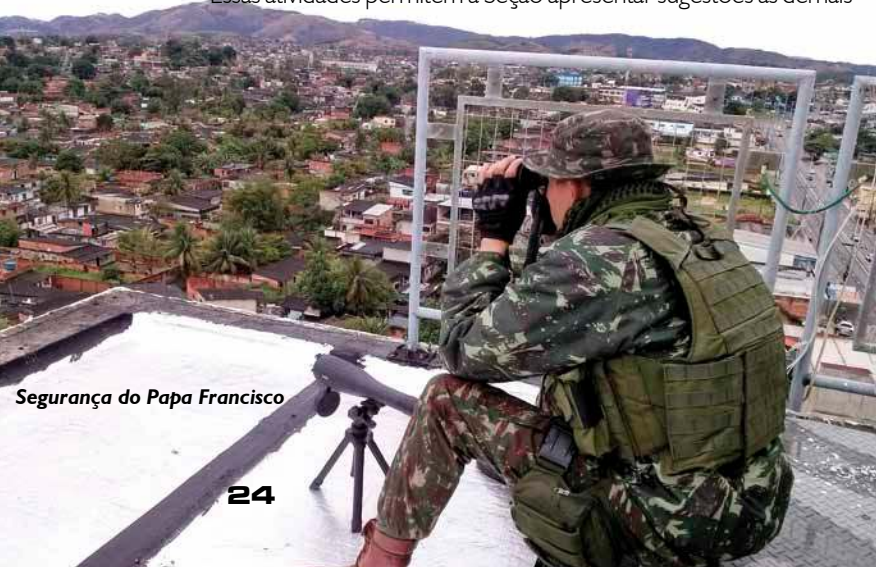


Foto: Sd Camilo



Segurança do Papa Francisco

propaganda, como carros de som, rádios, televisão, cartazes e panfletos, entre outros veículos midiáticos, que aumentam a abrangência e o alcance das mensagens de interesse.

A importância das Op Psc tem aumentado em função da evolução dos métodos científicos de atuação sobre a motivação humana e do desenvolvimento dos meios de comunicação social de alta tecnologia, ou seja, as fronteiras físicas já cederam lugar à fronteira psicológica. Nesse contexto, a opinião pública assume papel relevante na tomada de decisão nos níveis político ou militar.



Op Psc no Haiti

O Exército entende que todas as ações militares têm seus aspectos psicológicos, intencionais ou não. Para isso, implementou, em 2004, o Sistema de Operações Psicológicas, uma estrutura capaz de planejar, conduzir e executar Op Psc nos níveis estratégico, operacional e tático, interagindo com os sistemas congêneres das demais Forças Armadas, designando o COTER como Órgão Central do Sistema de Operações Psicológicas do Exército Brasileiro.

A Seção de Operações Psicológicas da Divisão de Operações/2ª Subchefia é a responsável por regular, participar, orientar e supervisionar a execução das atividades de gestão de pessoal, atualização doutrinária e emprego do Sistema de Operações Psicológicas.

Para isso, planeja e conduz simpósios, seminários e o Estágio Setorial de Op Psc para os Comandos Militares de Área. Participa, ainda, da seleção de militares e atua como gestor no funcionamento dos cursos de Op Psc para oficiais e sargentos e do Curso Avançado de Op Psc para oficiais. Além disso, seleciona os militares para compor o efetivo do Destacamento de Op Psc do Batalhão Brasileiro no Haiti, em conjunto com o 1º Batalhão de Operações Psicológicas (1º Btl Op Psc), e colabora com o Estado-Maior do Exército (EME) na implantação, evolução e atualização da legislação específica.



Distribuição de panfletos (Op Psc)

Assim, a Seção Op Psc vem realizando, continuamente, a orientação e conduzindo o planejamento das ações necessárias à consecução dos objetivos estabelecidos para o Sistema de Op Psc.

Seção de Defesa Externa (SDE)

A Seção de Defesa Externa está estruturada com recursos humanos das mais variadas competências. Possui capacidade para atender às demandas de todos os C Mil A, mantendo, para isso, seus quadros no estado da arte em termos doutrinários, por meio da realização de cursos e estágios, no Brasil e no exterior, e pela participação em seminários e simpósios em assuntos atinentes à Revolução em Assuntos Militares (RAM).

Tal condição, também, permite a projeção nacional e internacional do COTER, por meio da participação de seus integrantes, em palestras dedicadas aos mais diversos públicos, de acadêmicos a militares, incluindo, nesse rol, os integrantes dos Órgãos de Segurança Pública (OSP), resultando na troca de informações fundamentais ao aperfeiçoamento de conhecimento sobre o emprego da Força.

Tem por encargo precípua a coordenação, ao promover a interface entre os níveis político e estratégico de decisão e o Comando Operacional ativado, atuando como facilitadora dos processos norteadores das atividades de planejamento e emprego da F Ter, nas operações conjuntas e combinadas, nas operações interagências, com destaque para as Operações ÁGATA, e nas operações que têm por Ambiente Operacional (AO) a faixa de fronteira terrestre.

Também tem participação atuante na revisão de publicações doutrinárias, na composição de grupos de trabalho dedicados a temas de relevância e/ou sensíveis para a F Ter, mormente os de gestão do MD, e, mais recentemente, tem colaborado com a concepção/aperfeiçoamento do Plano Estratégico do Exército nos assuntos relacionados à articulação da F Ter.

Abordando aspectos intrínsecos à atividade fim da F Ter, é digno de registro que as Operações Conjuntas constituem-se na oportunidade de adestramento de estados-maiores conjuntos nas atividades de planejamento, envolvendo os níveis estratégico (Chefia de Operações Conjuntas do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas do Ministério da Defesa), operacional (Comandante do Teatro de Operações ou da Área de Operações) e tático (Forças Componentes e Escalões Subordinados), na execução das operações e no controle da ação planejada. São orientadas com base em cenários prospectivos, erigidos segundo as Hipóteses de Emprego (HE) clássicas definidas na Estratégia Militar de Defesa.

As Operações na Faixa de Fronteira são conduzidas pelos Comandos Militares da Amazônia, do Norte, do Oeste e do Sul. Essas operações mesclam concepções clássicas de emprego, com base em HE tradicionais e operações interagências de baixo perfil, contando, nesse caso, com a representatividade local dos OSP. Também indicam o exercício da atividade fim para a qual esses Grandes Comandos estão vocacionados, qual seja: a Defesa Externa.



Operação Ágata VII

Já as Operações Interagências têm como carro-chefe as Operações ÁGATA, em atendimento ao teor do Plano Estratégico de Fronteiras, cujo planejamento ascende ao nível de decisão político, envolvendo a Alta Administração do País. Cabe à F Ter atuar em caráter complementar às agências e OSP dos níveis municipal, estadual e federal do Executivo brasileiro, permitindo uma cooperação, essencialmente, com base no atendimento de algumas funções logísticas, de comunicações e de inteligência.

A essas operações, que têm por foco o represamento de ilícitos nas suas origens, somam-se as Operações Sentinela (Ministério da Justiça) e Fronteira Blindada (Ministério da Fazenda).

Dentre as Operações Combinadas, normalmente realizadas em atendimentos a demandas políticas ou a compromissos internacionais assumidos pelo Exército, merecem destaque as participações da F Ter na Operação BRACOLPER/AMAZÔNIA e na Operação PANAMAX 2013.

A Operação BRACOLPER/AMAZÔNIA já se encontra em sua terceira edição e tem fulcro no enfrentamento aos crimes/delitos transnacionais na fronteira tripartite de Brasil-Colômbia-Peru. Essa operação guarda muita aderência com os objetivos

da Operação ÁGATA, constituindo-se em vetor integrador e de reforço aos laços de cooperação, camaradagem e de confiança entre as FA desses três países.

A Operação PANAMAX 2013 baseia-se em cenário de operações de amplo espectro, com ênfase em combates assimétricos de baixa intensidade contra ameaças difusas, não identificadas e de *modus operandi* pouco ortodoxos. Planejada pelo Comando Sul Estadunidense (USSOUTHCOM), envolvendo cerca de 20 países, contou, em 2013, pela primeira vez, com a liderança brasileira nos componentes terrestre – Combined Force Land Component Command (CFLCC) – e de forças especiais – Combined Joint Special Operations Task Force (CJSOTF) –, ensejando a participação de cerca de 30 militares brasileiros entre oficiais e praças do COTER, da 2ª Divisão de Exército, da 1ª Brigada de Artilharia Antiaérea, do Centro de Defesa Cibernética e do Comando de Operações Especiais.



Ambas as operações tratam-se de excelentes veículos difusores da capacidade profissional dos integrantes da F Ter, bem como de transparente exercício da diplomacia militar brasileira, por meio da F Ter, contribuindo para o fortalecimento da segurança hemisférica, um dos objetivos capitais da Política Militar de Defesa.



Op BRACOLPER. Patrulhamento fluvial para combater crimes transfronteiriços e ambientais (CF Sol/8º BIS)



Destruição de pista de pouso clandestina pelo 6º BEC

O Emprego da Força Terrestre em ATIVIDADES SUBSIDIÁRIAS

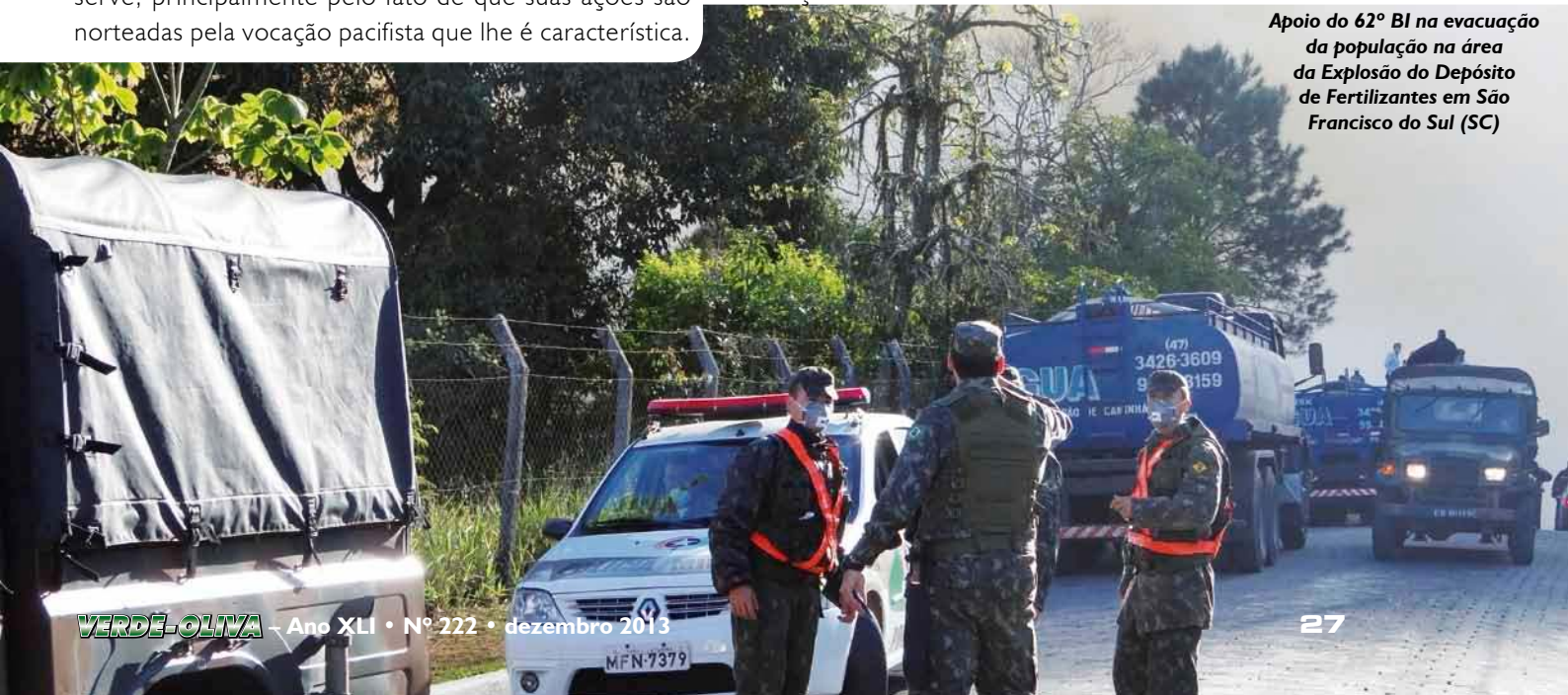


Seja por iniciativa de seus comandantes, seja cumprindo diretrizes ministeriais, as Unidades do Exército Brasileiro, integradas às comunidades locais, participam de programas e atividades voltadas aos setores mais carentes da sociedade e apoiam campanhas direcionadas à melhoria das condições de vida da população em geral. As chamadas “Atribuições Subsidiárias”, no que se refere ao Exército, exigem de forma mais intensa uma elevada capacidade de resposta, conferindo-lhe elevados índices de aprovação no seio da sociedade civil.

A participação das Forças Armadas na formação do Estado brasileiro é evidenciada ao longo da história, por sua presença nos momentos mais importantes do País e por não permitir que ele sucumbisse aos movimentos separatistas deflagrados, mantendo-o coeso e enaltecendo o sentimento de nação, tão caro ao povo brasileiro. De Guarapés até os dias atuais, as Forças Armadas mantêm-se firmes no cumprimento de sua missão constitucional de garantia da soberania e defesa dos interesses brasileiros, buscando, também, a melhoria das condições de vida da sociedade a que serve, principalmente pelo fato de que suas ações são norteadas pela vocação pacifista que lhe é característica.

O Exército Brasileiro, como instituição permanente que é, participa intensamente da ideia de um “projeto nacional de desenvolvimento”, cooperando com diversos órgãos civis em ações de socorro e assistência em casos de desastres, desenvolvendo e cooperando com projetos sociais e contribuindo com o desenvolvimento nacional na construção de estradas e outras obras de engenharia. Desde a regulamentação do emprego e preparo das Forças Armadas, por intermédio da Lei Complementar nº 69, de 23 de julho de 1991, que vem se verificando um aumento sensível da participação das Forças Armadas em apoio à sociedade brasileira, as chamadas “Atribuições Subsidiárias”.

Apoio do 62º BI na evacuação da população na área da Explosão do Depósito de Fertilizantes em São Francisco do Sul (SC)





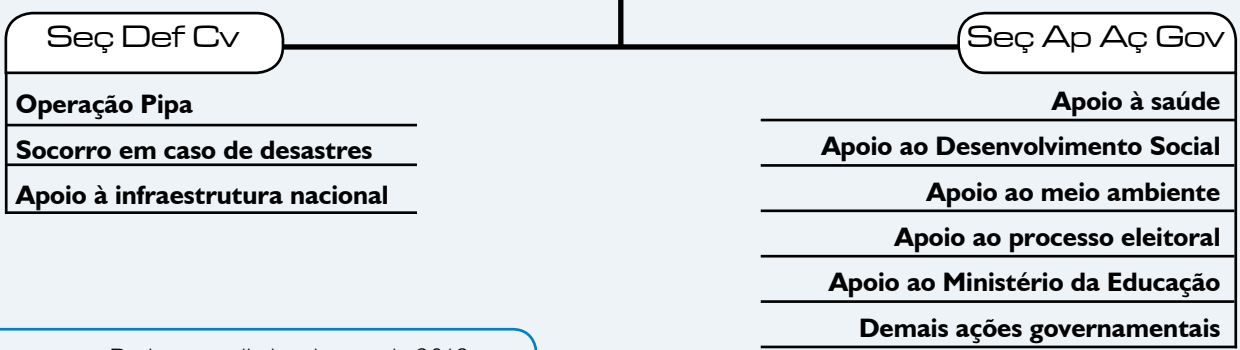
A Divisão de Ações Subsidiárias (Div Aç Sbs)

Criada em 1997, inicialmente denominada Seção de Emprego nº 5 (SE 5) e, posteriormente, Seção de Ações Complementares (2000 a 2005), a Div Aç Sbs (denominação atual) é responsável pela coordenação do emprego da Força Terrestre em atividades subsidiárias, não estando abrangidos nesse rol de responsabilidades as obras de engenharia de construção, as operações de garantia da lei e da ordem e as ações na faixa de fronteira.

Cabe a ela representar o Exército junto aos órgãos solicitantes de apoio, formular as diretrizes de emprego, gerenciar os recursos financeiros recebidos, acompanhar a execução das atividades em operação, apresentar os resultados das ações realizadas assim como a prestação de contas dos recursos financeiros recebidos, e participar de grupos de trabalho junto a diversos órgãos do Governo Federal, tais como a Casa Civil da Presidência da República, o Gabinete de Segurança Institucional da Presidência República e a Secretaria Nacional de Defesa Civil, entre outros.

Div Aç Sbs

Estrutura da Divisão de Ações Subsidiárias/COTER



Dados compilados do ano de 2012:

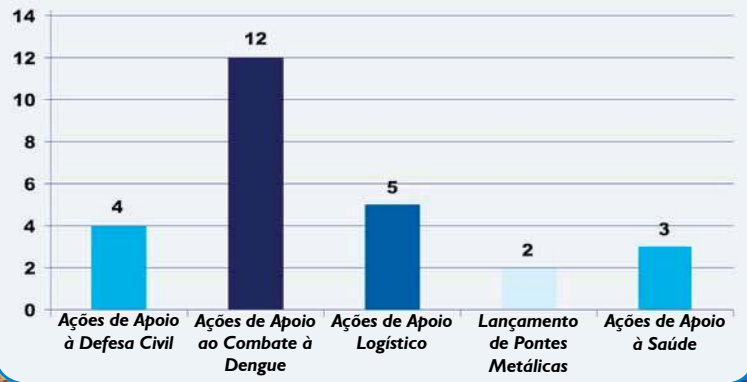
- 38 operações subsidiárias realizadas;
- 10.200 militares empregados em operações/atividades subsidiárias;
- 78 OM empregadas em operações e/ou atividades subsidiárias;
- 8 Ministérios apoiados (Integração Nacional, Relações Exteriores, Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Transportes, Esporte, Educação, Meio Ambiente e Justiça);
- 4 equipagens de pontes lançadas; e
- 3.500.000 pessoas atendidas pela Operação Pipa em mais de 700 municípios atingidos pela seca.

Alimentos recolhidos pelo Tiro de Guerra 02/032, Rio Claro (SP)



Operações de 2013:

Atividades Subsidiárias em 2013



Operações de apoio à Defesa Civil

Operação Pipa

Cooperação com o Ministério da Integração Nacional para a realização de ações visando à distribuição emergencial de água potável aos municípios do semiárido brasileiro, prioritariamente às populações rurais atingidas pela estiagem e seca.



Dados compilados do ano de 2013:

- 817 municípios atendidos;
- 5.365 carros-pipa contratados;
- 3.600.000 pessoas atendidas;
- 2.160.000 metros cúbicos de água distribuídos por mês;
- 9 estados brasileiros beneficiados; e
- 36 Organizações Militares empregadas.



Operação Pipa no 72º BI Mtz

Foto: 2º Ten Edvaldo

Apoio à Infraestrutura Nacional

Lançamento de Pontes Metálicas

Visa cooperar com o Departamento Nacional de Infraestrutura do Transporte (DNIT) em atividades de emprego de Organizações Militares de Engenharia (OME) para a montagem, operação, manutenção e desmontagem de pontes metálicas, para o restabelecimento do tráfego em rodovias federais danificadas por desastres.

Disposição das Pontes LSB nas Organizações Militares de Engenharia

7º BE Cmb – Natal (RN)

2º BEC – Teresina (PI)

5º BEC – Porto Velho (RO)

23ª Cia E Cmb – Ipameri (GO)

9º BE Cmb – Aquidauana (MS)

B Es E – Rio de Janeiro (RJ)

5º BE Cmb Bld – Porto União (SC)

3º BE Cmb – Cachoeira do Sul (RS)



O Centro de Comando e Controle da FORÇA TERRESTRE (CC²FTer)

O Georreferenciamento no apoio às Operações Militares

Uma das atribuições do COTER, realizada pela 2ª Subchefia, é instalar, operar e manter o CC²FTer, integrando-o ao Sistema Militar de Comando e Controle do Ministério da Defesa (MD) e aos sistemas correspondentes das demais Forças Singulares (Marinha do Brasil e Força Aérea Brasileira).

O Centro de Comando e Controle da Força Terrestre (CC²FTer) é também o Centro de Comando alternativo do MD em caso de necessidade. Essa atribuição impõe que a Força mantenha seus operadores sempre adestrados e os equipamentos com alto desempenho.

Confecciona o Sumário Diário de Operações, com a descrição diária das operações em curso no Exército Brasileiro (EB). Nele estão instalados diversos meios de comunicações em voz, videoconferência, Intranet e Internet, além de linha direta com o MD.

O CC²FTer também é responsável pela gerência técnica do Sistema de Videoconferência do Exército, podendo prestar apoio a todas as unidades que tenham acesso à Intranet do EB (EBNET) e/ou ao Sistema de Comunicações por Satélite (SISCOMIS), atualmente contando com mais de 70 pontos com equipamento de videoconferência.

Suas principais atribuições são:

- gerenciar, operar e manter o Sistema de Videoconferência do Exército; e
- assessorar tecnicamente os Centros Permanentes de C² dos Comandos Militares de Áreas (Cmdo Mil A), Órgãos de Direção Setorial (ODS) e demais Organizações Militares (OM) do EB em assuntos relacionados à videoconferência.

O CC²FTer possui ferramentas de controle e apoio à decisão que permitem o acompanhamento das operações do EB em atividade no território brasileiro e no exterior, permitindo o gerenciamento de crises e o monitoramento das ações das tropas amigas e das forças adversas no teatro de operações. São elas: o Programa Pacificador e o C² em Combate.

O Programa C² em Combate

O Programa C² em Combate é uma ferramenta de apoio à decisão que permite a condução de operações militares de qualquer natureza pelo comandante da tropa empregada. Possibilita, também, o acompanhamento e controle das mesmas operações por parte dos Grandes Comandos de Área, dos Órgãos de Direção Setorial (COTER, Comando Logístico etc.) e pelo Comandante da F Ter, se for o caso.

Funciona com uma rede de computadores cuja visualização é permitida somente àqueles que o Comando determinar. Entre os dados disponíveis para consulta no Programa C² em Combate, destacam-se pessoal, armamento e equipamento empregados, missão e localização da tropa, percentual decorrido da missão, relatos de incidentes e/ou ocorrências durante a missão, entre outros.

CCDA na Copa das Confederações



Foto: Arquivo da 4ª RM

Programa C² em Combate





O Pacificador

Foto: Ten Cel Alisson

O Pacificador também é uma ferramenta de apoio à decisão e de acompanhamento e controle, permitindo uma ingerência mais imediata dos comandantes/coordenadores das operações e pelos gestores logísticos e operacionais que as acompanham.

Funciona em ambiente Web dentro da EBNET, permitindo a visualização dos dados por todos aqueles que estiverem acessando o sistema, por meio de "post" interno, semelhante a uma rede social, que permite ao agente de campo enviar (postar) um relato para o sistema, inclusive com a inserção de fotos, de forma instantânea e segura; além de sinalização de eventos e matriz de sincronização, que apresenta os eventos programados em ordem cronológica, sinalizando em tempo real as atividades programadas, facilitando o controle da operação.

Utilizando essas duas ferramentas, de forma complementar e simultânea, o CC²F Ter acompanha as operações da F Ter onde ela for empregada, fornecendo subsídios para que as tomadas de decisão pelos gestores dos ODS e pelo Comando da Força sejam as mais acertadas possíveis.

A Divisão de Imagens e Informações Geográficas

A Divisão de Imagens e Informações Geográficas (Div Im Info Geo) é responsável por integrar o COTER ao Sistema de Imagens do Exército – SIMAGEX. Possui, também, a atribuição de realizar a atividade de moderador do Portal de Inteligência Operacional (PIOp) do MD no âmbito do Exército. Presta apoio em imagens e informações geográficas às demais Divisões da 2ª Subchefia do COTER e, por intermédio dessas, às outras OM ou Instituições. Possui, em seus quadros, militares especializados para realizar a aquisição e o processamento de imagens de sensoriamento remoto e integrá-las, junto com uma base de dados geográficos, em um Sistema de Informação Geográfica (SIG). Para isso, conta com computadores e **softwares** capazes de processar essa diferente gama de informações.

As bases de dados geográficos contêm informações espaciais, representadas por pontos, linhas e polígonos, e dados tabulares, que descrevem os elementos espaciais. Enquanto os dados espaciais representam, por intermédio de uma simbologia própria, elementos geográficos, como hidrografia, sistema viário, relevo, limites geográficos, estruturas estratégicas terrestres, entre outros, os dados tabulares são relacionados aos geográficos e têm como função descrever os primeiros por intermédio de seus atributos.

Além da base de dados geográficos, podem ainda ser utilizadas imagens de satélites orbitais ou de sensores aerotransportados, cartas topográficas ou mapas para serem integrados aos programas de comando e controle, a fim de apoiar a decisão do Comandante.

As imagens são fornecidas ao COTER por intermédio do Sistema de Imagens do Exército, cuja Diretoria do Serviço Geográfico (DSG) é o Órgão Técnico Normativo, e pelo PIOp. A DSG também produz e fornece informações geográficas e cartas topográficas pelo Banco de Dados Geográficos do Exército.

Ao CC²F Ter, a Div Im Info Geo apoia em imagens e informações geográficas que, depois de consolidadas, são inseridas nos programas C² Cmb e Pacificador.





A Divisão de AVIAÇÃO E SEGURANÇA

A 3ª Subchefia, trabalhando integrada às demais subchefias do COTER, possui um diversificado e amplo espectro de responsabilidades e de atuação, parte do qual é de responsabilidade da Divisão de Aviação e Segurança, que tem a competência de gerenciar o Sistema Aviação do Exército (SisAvEx) e, o de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos do Exército (SIPAAerEx).

A participação de meios aéreos e navais em proveito da Força Terrestre cresce de importância na guerra moderna, particularmente em um ambiente de operações conjuntas entre as três Forças Armadas.

O COTER desempenha papel fundamental no preparo e emprego da Aviação do Exército (Av Ex) e na alocação de aeronaves da Força Aérea Brasileira e meios da Marinha do Brasil nas diversas missões cumpridas pelo Exército Brasileiro (EB).

Dessa forma, as diversas demandas por aeronaves são conciliadas com as disponibilidades de meios aéreos, sempre levando em consideração os preceitos arraigados da segurança de voo e os conceitos doutrinários.

ESTUDOS E DOCTRINA

A partir de 2010, o COTER assumiu a responsabilidade de coordenar o funcionamento do Sistema Aviação do Exército, regulando, orientando e acompanhando o seu preparo e o seu emprego.

Nesse sentido, são realizados estudos a respeito da Av Ex, planejamentos e projetos que afetem a operacionalidade e a doutrina de seu emprego, estudos a respeito de armamento para as aeronaves, aquisição de aeronaves de asa fixa e novos modelos de helicópteros, viabilidade de emprego de uma Unidade de Helicóptero de Força de Paz, implementação de novas bases, entre outros assuntos de interesse para o Sistema Aviação do Exército.

AVIAÇÃO DO EXÉRCITO

A Av Ex é o segmento aéreo do EB, que foi recriado com o objetivo primaz de proporcionar aeromobilidade. Além disso, carrega consigo o desígnio de ser um vetor de modernidade para, com isso, constituir-se num polo de absorção, domínio e difusão de tecnologia e doutrina desse segmento da guerra moderna. Para tanto, a cada dia, vem se desenvolvendo pelo constante aprimoramento técnico-profissional de seus integrantes, pelo adestramento operacional de seus elementos orgânicos e pelo aperfeiçoamento das doutrinas atinentes ao emprego da Aviação em prol da F Ter.

Nos meses de janeiro a abril, a Av Ex está voltada, prioritariamente, para o seu próprio adestramento. O esforço aéreo é concentrado no adestramento técnico das tripulações, bem como no adestramento tático das frações de helicópteros e unidades aéreas.

No restante do ano, a prioridade passa para o apoio ao Exército. Cabe ao COTER receber dos Comandos Militares de Áreas (Cmdo Mil A)/Órgãos de Direção Setorial (ODS) as necessidades de horas de voo, por modelo de aeronave, para fins de Pedido de Missão Aérea (PMA) em proveito do preparo da Força.

Trabalho de grande monta, que envolve a disponibilização de horas de voo pela Diretoria de Material de Aviação (DMAvEx), atrelado ao orçamento do Comando Logístico (COLOG), que reflete na distribuição do esforço aéreo da Av Ex para o ano "A".

Os PMA são iniciados no ano “A-1”, em reunião de contrato de objetivos, sendo confirmados no ano “A”. Cabe, ainda, a apreciação de Pedidos de Missões Aéreas Extraordinárias (PMAE) na véspera da missão. Esta sistemática está prevista no Programa de Instrução Militar (PIM) do COTER e no Sistema de Instrução Militar do Exército Brasileiro (SIMEB).

No caso de operações voltadas para o emprego do Exército em proveito do Governo Federal, as solicitações são centralizadas na 2ª Subchefia do COTER, tais como: Operação Hileia Pátria, Grandes Eventos, Operação Ágata e Operação Curumim.

FORÇA AÉREA BRASILEIRA

O COTER é responsável por orientar e coordenar a execução do Plano de Missões Conjuntas (PMC) com a Força Aérea; o Plano de Missões Aeroterrestres (PMAet), realizados pela Brigada de Infantaria Paraquedista, pela Brigada de Operações Especiais e pela 3ª Companhia de Forças Especiais; e o Plano de Apoio à Amazônia (PAA), controlando as horas de voos alocadas à F Ter, definindo prioridades do esforço aéreo, o que exige um grande trabalho de coordenação para aproveitar ao máximo os meios disponíveis.

Portanto, é necessário contato estreito desse ODS operacional com o Comando-Geral de Operações Aéreas (COMGAR), com as Terceira e Quinta Forças Aéreas e com os Comandos Aéreos Regionais (COMAR).



Exército Brasileiro e Força Aérea em ação conjunta na Segurança do Papa Francisco

Foto: 2º Sgt Hugo



Jornada de Segurança de Voo

SEGURANÇA DE VOO

A aviação, de maneira geral, é uma atividade de alto custo que envolve riscos em sua operação. A formação do pessoal e os meios que a compõem são caros e um constante trabalho de prevenção de acidentes é necessário para evitar grandes prejuízos e, principalmente, preservar vidas humanas.

A Segurança de Voo é uma atividade altamente especializada que tem a finalidade de prevenir acidentes aeronáuticos, focando em três vertentes: homem, meio e máquina. O Exército está inserido nessa importante atividade, uma vez que emprega meios aéreos para as suas operações.

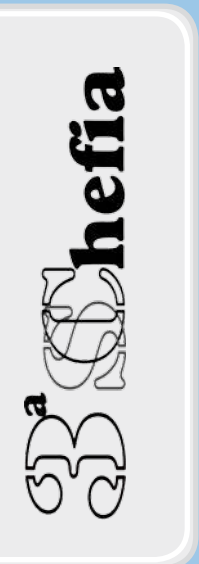


Patrulha aérea na Operação Ágata VII



Por sua vez, o COTER desempenha o papel de órgão central do Sistema de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos do Exército (SIPAAerEx), o qual integra o Sistema de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (SIPAER).

Vale destacar que as atividades de investigação de acidentes aeronáuticos permitem identificar deficiências e propor ações corretivas para que um próximo evento semelhante não ocorra. A investigação de acidentes aeronáuticos é um processo realizado com o propósito de prevenir novos acidentes, que compreende a reunião, a análise de informações e a obtenção de conclusões, incluindo a identificação dos fatores contribuintes para a ocorrência (fator humano e fator material), visando à formulação de recomendações sobre a segurança.



Segurança pela Marinha na JMJ em coordenação com o COTER

Foto: 1º Ten Larissa

MARINHA DO BRASIL

Finalmente, o COTER gerencia o Plano de Missões Conjuntas com a Marinha do Brasil, principalmente, nas operações fluviais do Comando Militar da Amazônia, Comando Militar do Oeste e Comando Militar do Sul, ligando-se com o Comando de Operações Navais. 🚢

Inspetoria-Geral das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares

Sob a responsabilidade da 3ª Subchefia, a especificidade das atribuições e missões da Inspetoria-Geral das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares (IGPM) reside, notadamente, no que se refere às Forças Auxiliares (Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares).

A necessidade de centralizar e padronizar assuntos de interesse do então Ministério da Guerra, relativos às Polícias Militares e aos Corpos de Bombeiros Militares, levou o Governo Federal, por força do Decreto nº 317, de 13 de março de 1967, a reorganizar essas corporações militares. Como órgão central de assessoramento, o mesmo decreto criou a Inspetoria-Geral das Polícias Militares (IGPM), cuja chefia seria exercida por um oficial-general.

Inicialmente, nasceu a IGPM como uma diretoria subordinada ao Departamento-Geral do Pessoal. Em 1969, após algumas modificações, passou a integrar o Estado-Maior do Exército, estruturada no mesmo nível das demais Subchefias lá existentes.

Com a organização do Comando de Operações Terrestres (COTER), em 1990, passou a IGPM a ser subordinada a esse Comando a partir de 1º de abril de 1991. Desde 2005, é uma Divisão da 3ª Subchefia do COTER.



Policial Militar da Bahia no Haiti

Guiada pelo ordenamento institucional e jurídico do País, a IGPM vem zelando pela missão constitucional do Exército junto as suas Forças Auxiliares. Dessa forma, propõe o estabelecimento de princípios, diretrizes e normas para a efetiva realização do controle e da coordenação das Polícias e dos Corpos de Bombeiros Militares por parte do Comando do Exército, juntamente a Comandos Militares de Área, Regiões Militares e demais Grandes Comandos Administrativos e Operacionais.

A rotina diária da IGPM tem sido ofertar cursos, controlar a organização, a legislação, os efetivos e todo material bélico das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares do País. Além disso, colabora nos estudos visando aos direitos, deveres, justiça e garantias; e seleciona policiais militares para missões de paz no exterior (UNPOL) e, ainda, estabelece as condições gerais para convocação e mobilização dessas Forças Auxiliares.



Integração entre as Forças Armadas, Instituições Federais e Órgãos de Segurança Pública de Alagoas no 59º BI Mtz.



Polícia Militar e Exército em conjunto



MISSÕES DE PAZ

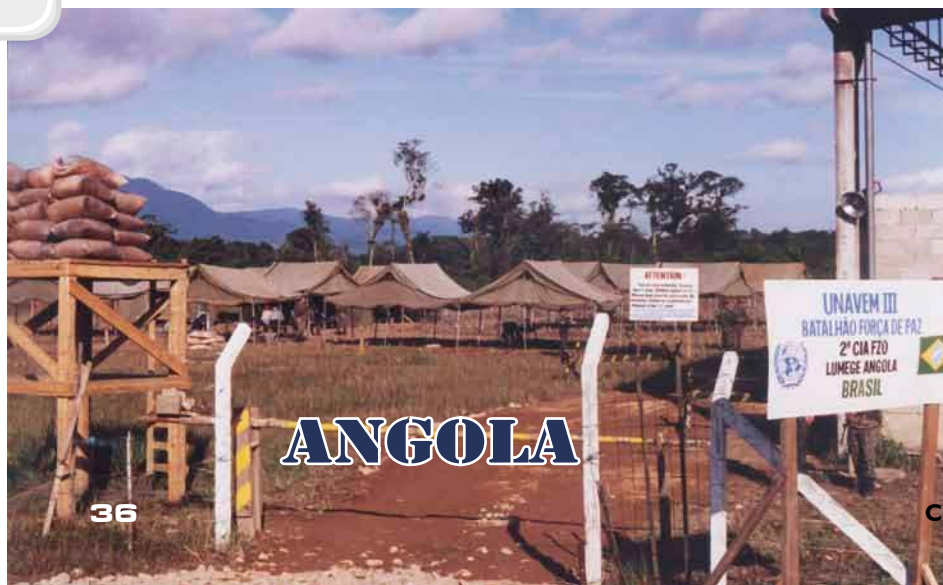
No âmbito do Comando de Operações Terrestres (COTER), as atividades relacionadas às Missões de Paz são conduzidas pela 3ª Subchefia, principalmente pela Divisão de Missão de Paz (Div Mis Paz), com uma contribuição da Inspeção-Geral das Polícias Militares (IGPM), que seleciona os policiais militares brasileiros para desempenharem a função de Polícia das Nações Unidas (UNPol). O militar brasileiro pode participar de missão de paz como integrante de tropa ou de caráter particular.

A Divisão de Missão de Paz

Dentre as atribuições da Div Mis Paz, citam-se:

- orientar, acompanhar e avaliar todas as atividades relacionadas ao preparo e à desmobilização dos contingentes para missões de paz;
- acompanhar as atividades do emprego por intermédio do Grupo de Acompanhamento e Apoio às Missões de Paz no Âmbito da Força Terrestre (GAAPaz);
- orientar o planejamento, a condução e a avaliação das atividades relacionadas ao preparo dos militares selecionados para participarem de missões de paz de caráter individual;
- analisar e aprovar propostas de cursos e estágios a serem desenvolvidos pelo Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), Organização Militar vinculada ao COTER para o preparo de contingentes e de integrantes de missões de paz de caráter individual;

3ª Subchefia



ANGOLA

36



TIMOR

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO

– contribuir para a pesquisa e o desenvolvimento da doutrina de emprego da Força Terrestre no tocante às Operações de Paz; e

– gerenciar os recursos destinados ao preparo, ao emprego e à desmobilização de contingentes, bem como aqueles destinados ao preparo dos militares indicados para missões de paz de caráter individual.

A participação do Brasil

Há duas formas mais comuns de participação de militares brasileiros em Missões de Paz:

Participação como integrante de tropa: quando uma unidade formada é enviada para a missão. É o caso do Batalhão de Infantaria de Força de Paz Haiti e da Companhia de Engenharia de Força de Paz Haiti. A composição das duas unidades forma o Contingente Brasileiro no Haiti.

O Brasil enviou tropas para:

- Suez, de janeiro de 1957 a junho de 1967;
- Moçambique, de julho a dezembro de 1994;
- Angola, de agosto de 1995 a julho de 1997;
- o Timor Leste, em 1999; e
- o Haiti, desde 2004.

Participação como integrante de missão de paz de caráter individual: quando militares são enviados para desempenho de missões fora de unidades formadas. Têm caráter variado, de acordo com a solicitação da Organização das Nações Unidas (ONU). As mais comuns são:

- Observadores Militares (UNMO) ou Oficiais de Ligação Militar (MLO);
- Integrantes de Estado-Maior da Missão (Staff-Officers); e
- Integrantes da Polícia da ONU (UNPol).

O Brasil participa dessas operações desde 1947, quando observadores militares brasileiros foram enviados aos Balcãs. No período recente, militares brasileiros têm atuado como observadores na África, América Central, Europa e Ásia, além da cooperação para a solução pacífica do conflito fronteiriço entre o Equador e o Peru.

Ao Timor Leste, foram enviados observadores policiais e eleitorais para acompanhar o referendo sobre a independência, organizado pela ONU, em 1999. Com a eclosão dos ataques de milícias protegidas pela Indonésia, contrária à independência, foi criada uma força internacional, que contou com a participação de brasileiros, e implantada a Administração Transitória para o Timor Leste, chefiada pelo brasileiro Sérgio Vieira de Mello, que empresta seu nome à designação histórica do CCOPAB. Sérgio Vieira de Mello foi funcionário da ONU durante 34 anos e Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos desde 2002. Faleceu no dia 19 de agosto de 2003, durante atentado à sede da ONU, em Bagdá, atribuído ao grupo Al Qaeda.

Missões de Paz atuais

Em 2004, o Brasil assumiu a liderança da força militar internacional na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), à frente de contingentes de vários países, no contexto de ausência de poder constituído naquele país, decorrente da partida do Presidente Jean-Bertrand Aristide.

Em 2010, após o terremoto ocorrido no Haiti, o Brasil aumentou sua participação na Missão, passando a ter um contingente de cerca de dois mil homens. Apoiou – ao lado de Canadá, União Europeia, Estados Unidos da América (EUA), França e Espanha – a realização do processo eleitoral de 2011, quando Michel Martelly foi eleito Presidente do país.

O Brasil participa, atualmente, de treze Missões de Paz ou Humanitárias: missões de paz de tropa no Haiti (MINUSTAH) e no Líbano (UNIFIL, com a Marinha do Brasil) e missões de paz de caráter individual no Chipre, na Costa do Marfim, no Peru/Equador, na Colômbia, na Libéria, nos EUA, no Haiti, no Saara Ocidental, no Sudão do Sul, em Abyei e no Congo.

As mulheres também atuam nas missões de paz. Atualmente, existem 14 militares do segmento feminino do Exército Brasileiro servindo no 18º Contingente Brasileiro no Haiti (CONTBRAS). ➡



O FUTURO DAS INFORMAÇÕES OPERACIONAIS



Considerando a importância, cada vez maior, das informações na condução das operações militares, está sendo implantada a 4ª Subchefia do Comando de Operações Terrestres, cuja função principal, entre outras, é gerenciar as informações operacionais, contribuindo para a obtenção da superioridade de informações por parte da Força Terrestre.

Na guerra moderna, ou em qualquer ambiente operacional em que estiverem sendo conduzidas, as operações militares dependem, cada vez mais, do eficiente gerenciamento das informações. Assim, em qualquer conflito, avulta de importância a obtenção da superioridade de informações em relação ao adversário.

Com o objetivo de contribuir para a obtenção dessa superioridade de informações por parte da Força Terrestre e aprimorar o fluxo e o gerenciamento das informações necessárias ao planejamento e à condução das operações militares, o COTER, atendendo à diretriz expedida pelo Estado-Maior do Exército, deu início ao processo de implantação de sua 4ª Subchefia (4ª Sch). A nova subchefia terá a função de gerenciar as informações operacionais, cabendo-lhe, entre outras missões:

- ampliar a consciência situacional sobre o território brasileiro e no exterior onde tropas brasileiras estiverem sendo empregadas;
- integrar informações operacionais de diversas origens em apoio às operações militares; e
- orientar as operações de informação, aumentando a capacidade da Força Terrestre de influenciar públicos diversos para a consecução de seus objetivos.

As operações de informação, um conceito que vem sendo trabalhado com grande interesse pelo Exército Brasileiro, constituem-se no emprego integrado das capacidades relacionadas às atividades de Comunicação Social, Operações Psicológicas, Guerra Eletrônica, Guerra Cibernética, Inteligência, dentre outras, com a finalidade precípua de afetar os sistemas de informação do adversário, informar audiências diversas e moldar suas percepções, proteger e otimizar o processo decisório das próprias forças e degradar o do adversário. Nesse contexto, a 4ª Sch/COTER exercerá um importante papel integrador de atividades, com o intuito de assegurar sua sinergia por ocasião das operações de informação.

A sua implantação está em harmonia com os processos correspondentes de outras iniciativas, particularmente a implantação do Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (SISFRON) e do subsistema do Projeto PROTEGER destinado à proteção das estruturas estratégicas terrestres. Além disso, o seu surgimento criará um ambiente propício ao incremento do uso da tecnologia da informação e das comunicações em proveito das operações militares.

Ao final de sua implantação, a 4ª Subchefia do COTER completará a estrutura de informações e inteligência da Força Terrestre e agregará a coordenação das operações de informação. Dessa forma, a capacidade de coordenação e controle, no âmbito do COTER, será otimizada, propiciando um uso mais eficiente das informações em todos os escalões operacionais do Exército Brasileiro. ■



Foto: Sd Vitor

Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) se destaca no ENEM 2012

No dia 25 de novembro de 2013, o Ministério da Educação e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) divulgaram o resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) referente ao ano 2012.

O exame foi criado pelo INEP, em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao final da escolaridade básica. Os alunos concluintes do Ensino Médio foram submetidos a provas objetivas, por áreas do conhecimento, além de uma redação.

Em 2012, 11.239 escolas e 683.389 estudantes participaram do exame, tendo destaque para seis colégios militares que apresentaram média geral nas provas objetivas (nas áreas de Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Humanas) dentre as 20 melhores escolas públicas do País. Mais uma vez, o Sistema Colégio Militar do Brasil destacou-se em nível nacional e no estado de sua localização, comprovando a excelência na educação básica.

SCMB NO ENEM 2012						
Escola	Média Geral (objetivas)	Média (redação)	Class Brasil		Class Estado	
			Geral	Pública	Geral	Pública
COLÉGIO MILITAR DE BELO HORIZONTE	666,49	717,87	43°	4°	8°	2°
COLÉGIO MILITAR DE JUIZ DE FORA	660,18	717,33	65°	8°	12°	4°
COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE	649,83	653,43	97°	11°	2°	2°
COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR	641,17	676,77	170°	16°	7°	1°
COLÉGIO MILITAR DE SANTA MARIA	640,04	679,49	180°	17°	8°	3°
COLÉGIO MILITAR DE CURITIBA	639,57	640,50	187°	18°	9°	2°
COLÉGIO MILITAR DE CAMPO GRANDE	634,67	745,83	240°	21°	3°	1°
COLÉGIO MILITAR DE FORTALEZA	632,50	722,80	265°	23°	8°	1°
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO	631,53	684,30	275°	25°	53°	4°
COLÉGIO MILITAR DO RECIFE	619,34	639,22	469°	41°	4°	2°
COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA	610,23	642,86	677°	56°	11°	1°
COLÉGIO MILITAR DE MANAUS	591,89	645,26	1230°	81°	4°	1°

Fonte: Ministério da Educação/INEP (<http://sistemasenem2.inep.gov.br/enemMediasEscola/>)

Nota:

1. Maior média nas objetivas escola privada – Colégio Bernoulli (MG): 722,15
2. Maior média escola pública – Colégio de Aplicação da UFV – COLUNI (MG): 706,22
3. Maior média em redação – Colégio São Bento (RJ): 810,53
4. A classificação acima está relacionada com a média geral nas objetivas

A Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA) cumprimenta todos os discentes, docentes e agentes de ensino que contribuíram para mais essa conquista. 🇧🇷

Nossas OM:

Foto: S Ten Andriely



As origens do Comando de Operações Especiais remontam aos idos de 1957/58, quando ocorreu a realização do primeiro Curso de Operações Especiais do Exército Brasileiro, a cargo do então Núcleo da Divisão Aeroterrestre, no Rio de Janeiro. Dez anos após, nasceria a primeira Organização Militar de Operações Especiais – o Destacamento de Forças Especiais –, instalada na Colina Longa Paraquedista da Vila Militar do Rio de Janeiro.

HISTÓRICO

O Destacamento de Forças Especiais era uma Organização Militar (OM) valor subunidade, subordinada ao então Centro de Instrução Especial Aeroterrestre. Sua criação ensejou o reconhecimento oficial dos cursos de Comandos e de Forças Especiais, além da constituição da primeira tropa de Forças Especiais.

O ano de 1983 assistiria a mais um passo na evolução das Operações Especiais do Exército, quando, em 30 de setembro, por transformação do antigo destacamento, foi criado o 1º Batalhão de Forças Especiais (1º B F Esp). À época, a nova OM passou a congrega, além dos destacamentos de Forças Especiais, organizados em duas companhias, a primeira tropa de Comandos do Brasil (valor subunidade).

Quase 20 anos depois, como parte de um projeto de reestruturação da Força Terrestre e em sintonia com o exponencial crescimento da relevância das Operações Especiais (Op Esp), em nível internacional, o 1º B F Esp daria origem à Brigada de Operações Especiais (Bda Op Esp).

Ainda durante seu processo de implantação, em 3 de setembro de 2003, a sede da nova Brigada seria alterada do Rio de Janeiro para Goiânia, onde viria a ocupar as antigas instalações da 3ª Brigada de Infantaria Motorizada a partir de 1º de janeiro de 2004. À exceção do 1º B F Esp, todas as demais OM subordinadas iniciaram suas atividades na mesma data.

Subordinada ao Comando Militar do Planalto e vinculada ao Comando de Operações Terrestres (COTER), para fins de preparo e emprego, a Bda Op Esp passou a enquadrar OM operacionais de Forças Especiais, de Comandos e de apoios diversos às operações especiais, bem como de um Centro de

Instrução e de uma Base Administrativa. Além disso, mantém vinculação com a 3ª Companhia de Forças Especiais, em Manaus, para fins de coordenação de preparo.

Após oito anos de atuação no Planalto Central, teve alterada a designação de Brigada para Comando de Operações Especiais (C Op Esp), sinalizando nova fase de sua caminhada, cujo direcionamento está sendo formulado pelo Estado-Maior do Exército.

Missão e organização

A missão do C Op Esp é conduzir operações especiais em proveito dos mais elevados escalões terrestres ou conjuntos, visando contribuir com a consecução de objetivos políticos, econômicos, psicossociais ou militares; em tempo de paz, crise ou conflito armado; em áreas hostis, negadas ou politicamente sensíveis. Para tal, prepara, organiza por tarefas, coordena, controla e apoia seus elementos subordinados.

Quando em operações conjuntas, torna-se núcleo da Força Conjunta de Operações Especiais (F Cj Op Esp), situação em que passa a enquadrar elementos de operações especiais da Marinha do Brasil e da Força Aérea Brasileira.

Sua organização mantém a mesma estrutura da antiga Brigada de Operações Especiais. Todas as OM estão sediadas em Goiânia, salvo o Centro de Instrução de Operações Especiais (CI Op Esp) e a 3ª Companhia de Forças Especiais (3ª Cia F Esp), localizados, respectivamente, em Niterói (RJ) e Manaus.



Foto: S Ten Andriely

1º BATALHÃO DE FORÇAS ESPECIAIS

Com a designação histórica de Batalhão Antônio Dias Cardoso, teve seu primeiro quartelamento localizado na Estrada do Camboatá, em Guadalupe, na Guarnição da Vila Militar do Rio de Janeiro.

Reorganizado e transferido para Goiânia, na época da criação e mudança de sede da Bda Op Esp, o Batalhão enquadra, além da Companhia de Comando e Apoio, duas Companhias de Forças Especiais e um Destacamento Contraterrorismo (também valor subunidade).

Tem por missões organizar, desenvolver, equipar, instruir e dirigir forças paramilitares em operações de guerra irregular; e realizar operações contra forças irregulares (incluindo o contraterrorismo) e de reconhecimento especial.

Seu elemento básico de emprego é o Destacamento Operacional de Forças Especiais (DOFEsp), constituído por quatro oficiais, organizados em estado-maior, e por oito sargentos especialistas nas áreas de Comunicações, Demolições, Armamento e Saúde. Todos são habilitados paraquedistas militares e possuidores dos cursos de Comandos e de Forças Especiais.

O alto grau de qualificação, adestramento e versatilidade dos integrantes do DOFEsp os torna aptos à infiltração nos mais variados ambientes operacionais por terra, mar e ar, além de habilitá-los a operar por largos períodos de tempo com o mínimo de direção e apoio.



CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

O Centro de Instrução de Operações Especiais (CI Op Esp), estabelecimento de ensino criado em 4 de setembro de 2003, foi implantado, a partir de 1º de janeiro de 2004, na área do antigo B F Esp, sendo posteriormente transferido para o Forte Imbuhy, em Niterói (RJ). É uma OM subordinada ao COTER e vinculada tecnicamente à Diretoria de Ensino Técnico Militar (DETMil).

Tem a missão de capacitar recursos humanos para o desempenho de funções especializadas nas organizações do Comando de Operações Especiais. Nesse sentido, conduz os cursos de Ações de Comandos e de Forças Especiais, além dos estágios de Mergulho Básico, Mergulho Avançado, Operações Aquáticas e de Caçador de Operações Especiais.

Além do ensino, o CI Op Esp contribui para o desenvolvimento da doutrina de Op Esp no Exército Brasileiro e realiza a pesquisa e experimentação de novas técnicas operacionais e de equipamentos peculiares às Operações Especiais.

1º BATALHÃO DE AÇÕES DE COMANDOS

Com a designação histórica de Batalhão Capitão Francisco Padilha, tem sua origem ligada à Companhia de Ações de Comandos, orgânica do 1º B F Esp, antes de sua reorganização decorrente da criação da Bda Op Esp. Trata-se da única OM de tropa de Comandos do Exército Brasileiro.

Sua missão precípua é a ação direta sobre alvos de alto valor estratégico, operacional e, eventualmente, tático, localizados em área hostil, negada ou politicamente sensível. A ação direta é caracterizada principalmente pela surpresa, rapidez e violência na ação e, normalmente, é traduzida em operações de captura, resgate, eliminação, interdição e conquista/manutenção de acidentes no terreno.

Seu elemento básico de emprego é o Destacamento de Ações de Comandos (DAC), constituído por quarenta oficiais, sargentos, cabos e soldados, todos qualificados paraquedistas militares e possuidores do Curso de Ações de Comandos.

Os DAC são aptos à infiltração nos mais variados ambientes operacionais por terra, mar e ar e tem sua organização de emprego flexibilizada pelas necessidades de cada missão específica.





3ª COMPANHIA DE FORÇAS ESPECIAIS

Subordinada diretamente ao Comando Militar da Amazônia (CMA) e vinculada ao C Op Esp para fins de coordenação de preparo, a 3ª companhia de Forças Especiais (3ª Cia F Esp) destina-se, especificamente, a operar naquela área estratégica prioritária do Exército Brasileiro.

A Força 3, como é conhecida, tem por missão proporcionar ao CMA capacidade de pronta resposta em operações especiais, bem como assessorá-lo no planejamento e emprego de forças dessa natureza. Constitui-se como a vanguarda do C Op Esp no teatro amazônico e suas operações, normalmente, se dão em conjunto com outras OM e Grandes Unidades do CMA.

Suas missões, características e forma de emprego são as mesmas do 1º B F Esp, ressalvada a diferença de escalão entre as OM.



1º BATALHÃO DE OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

O 1º Batalhão de Operações Psicológicas (1º B Op Psc) foi criado em 3 de janeiro de 2012, por evolução do destacamento implantado quando da criação da Bda Op Esp.

Sua missão é planejar e conduzir campanhas, integrando ações técnicas especializadas, destinadas a influir nas emoções, atitudes e opiniões de públicos selecionados, com a finalidade de obter comportamentos predeterminados favoráveis aos objetivos traçados pelo comando apoiado. Nesse sentido, a OM opera tanto na análise das motivações dos públicos, quanto na produção e disseminação das mensagens.

Seus integrantes, além de possuidores do curso de Operações Psicológicas (Op Psc), são versados em outras áreas de interesse para a atividade, como antropologia, sociologia e psicologia.

Seu elemento básico de emprego é o Destacamento de Operações Psicológicas, cujo valor e constituição são variáveis, podendo incluir oficiais e praças.



DESTACAMENTO DE APOIO ÀS OPERAÇÕES ESPECIAIS

O Destacamento de Apoio às Operações Especiais (Dst Ap Op Esp) é uma OM valor batalhão implantada simultaneamente à Bda Op Esp, ainda em 2004. É encarregada de proporcionar apoio às OM do C Op Esp nos campos da logística operacional, comando e controle e apoio à infiltração/exfiltração. Nesse contexto, desdobra a Base de Operações Especiais; instala, explora e mantém o sistema de comunicações; presta limitado apoio de transporte às unidades do C Op Esp; coopera com a infiltração e a retirada por mar e ar dos elementos operacionais; realiza a dobragem e manutenção de paraquedas, além do suprimento pelo ar; realiza a guarda, a manutenção e a operação dos meios aquáticos e subaquáticos de infiltração, entre outras tarefas.

Em face de tão diversificadas tarefas, a OM conta com recursos humanos especializados em áreas como precursor paraquedista, dobragem e manutenção de paraquedas e suprimento pelo ar, mecânico auto e armamento, manipulação de suprimentos etc.

COMPANHIA DE DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA, RADIOLÓGICA E NUCLEAR

A Companhia de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (Cia DQBRN) foi criada em 2012, a partir da expansão do 1º Pelotão de Defesa Química e Biológica Nuclear, OM orgânica da Bda Op Esp, desde seus primeiros dias.

Sua missão é prover apoio DQBRN às operações especiais, notadamente na avaliação e mitigação de risco em áreas operacionais; na detecção e identificação de agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares; e na descontaminação de pessoal e material afetado. Além disso, assessora o comando no que concerne ao emprego de armamento não letal.

Os oficiais, subtenentes e sargentos da OM são possuidores de cursos na área de DQBRN, realizados no País e no exterior, sendo os cabos e soldados qualificados na própria Unidade.

A companhia pode ser empregada com a plenitude de seus meios ou por módulos, configurados de acordo com as necessidades ditadas pela missão.



6º PELOTÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO

O 6º Pelotão de Polícia do Exército (6º Pel PE) presta sua contribuição ao C Op Esp e à guarnição de Goiânia, desde a implantação desse Grande Comando.

Apoia o Comando de Operações Especiais nas tarefas específicas de Polícia do Exército, proporcionando segurança à Base de Operações Especiais, quando desdobrada; realizando o controle de trânsito e o policiamento na área militar, além de escoltas e guardas; e realizando perícias técnicas requeridas por processos investigatórios.

Os quadros da OM são possuidores de cursos na área de PE, sendo os soldados qualificados na própria Unidade. Os cabos são qualificados e especializados (motociclistas militares, cinófilos etc.) com apoio de OM de PE de Brasília.



BASE ADMINISTRATIVA

A Base Administrativa (B Adm) trata-se de uma unidade ímpar no Exército Brasileiro, cuja trajetória se confunde com a do próprio Comando de Operações Especiais.

É encarregada da gestão orçamentária, financeira, patrimonial e de pessoal de todas as OM subordinadas ao C Op Esp, excetuado o CI Op Esp. Seu comandante é o ordenador de despesas de todas as oito unidades sediadas em Goiânia. Esse trabalho anônimo e diuturno, essencial e de suporte ao cumprimento da missão do C Op Esp, desonera as OM operacionais desses pesados encargos, liberando aqueles efetivos para dedicação exclusiva às atividades de preparo e emprego.

Entre outras tarefas, a B Adm também é responsável pela seleção, incorporação e formação básica dos recrutas (exceto do 1º BAC); condução de estágios e cursos de formação de cabos e sargentos temporários; fiscalização de produtos controlados; apoio de rancho a todo o efetivo em Goiânia; segurança do aquartelamento; e apoio médico à família militar. 🍷





A Força Terrestre nos GRANDES EVENTOS

A Copa das Confederações, disputada no Brasil em junho deste ano, foi um grande evento esportivo que, juntamente com os Jogos Pan-Americanos (2007), a Conferência Rio + 20 (2012), a Jornada Mundial da Juventude (2013) e os futuros eventos como a Copa do Mundo da FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos Rio-2016, tem destacado o Brasil no cenário internacional.

Todos esses eventos são motivos de orgulho para o nosso País, mas também representam grandes desafios, não só quanto à organização, como também no que diz respeito à segurança e à defesa.

Nesse contexto, a Copa das Confederações, considerada pela FIFA como um evento teste para a Copa do Mundo, foi uma grande realização de todos os brasileiros, que trouxe oportunidades e notável projeção para o Brasil. Na ocasião, as Forças Armadas foram envolvidas em diversas atividades, contribuindo sobremaneira para o sucesso do evento.

A organização teve início com uma série de reuniões e tratativas, envolvendo diversos órgãos da administração federal, como os Ministérios da Justiça e Defesa, a Casa Civil e o Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, entre outros. Essas tratativas resultaram em acordos, protocolos de intenções, planos, normas e diretrizes para que a Nação se mobilizasse de forma organizada e com o propósito de bem cumprir as metas propostas e o calendário acertado com a FIFA.

A adequada mobilização da sociedade brasileira e do poder executivo, nos três níveis de governo, foi fundamental para o sucesso do evento, resultando em plena integração, firmeza e unidade de esforços, bem como em organização e

definição de responsabilidades. Da parceria entre os órgãos envolvidos resultaram áreas de macro atuação, cada qual com seus atores e representantes bem definidos, observando as respectivas missões constitucionais e as orientações da FIFA.

Principais Eixos de Atuação do EXÉRCITO BRASILEIRO

Proteção de Estruturas Estratégicas

As tropas do Exército Brasileiro (EB) foram mantidas em condições de atuar para proteger estruturas que, se fossem alvo de ações adversas, comprometeriam a competição. É lícito afirmar que somente as estruturas estratégicas críticas à realização dos eventos relativos à Copa, como estações de energia, telecomunicações e de centrais de abastecimento de água, tiveram esse grau de valorização, em relação às demais constantes do mosaico nacional.

Cada coordenador de área, com base na análise das estruturas, estabeleceu o grau adequado de proteção, a fim de garantir seu ininterrupto funcionamento, considerando-se, também, a atuação da segurança privada e dos meios de segurança pública.



Foto: Sgt Campos

Defesa de ponto estratégico

Defesa Cibernética

Esse eixo vincula-se às ações promovidas pelo Centro de Defesa Cibernética, cuja atuação foi centralizada em Brasília, com ramificações em cada cidade-sede da competição. Suas ações foram transversais a todos os outros vetores de atuação do EB, realizando um trabalho silente e fundamental para que os serviços prestados e a estrutura de comando e controle fossem mantidas durante todo o evento.

Dentre as principais atividades desenvolvidas pelos militares desse eixo de atuação, destacam-se o mapeamento dos ativos computacionais em todos os Centros de Coordenação de Defesa de Área (CCDA), a transferência de informações e as orientações aos diversos coordenadores de área sobre a necessidade de utilizar medidas de segurança cibernética.

Centro de Segurança para Grandes Eventos



Combate ao Terrorismo e Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear

Essa atividade coube ao Comando de Operações Especiais, sediado em Goiânia, que teve o acréscimo de um Batalhão para a Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN) e do Batalhão de Guerra Eletrônica, essencial para as atividades relacionadas à inteligência de sinais. As atividades foram coordenadas a partir do Centro de Coordenação de Prevenção e Combate ao Terrorismo (CCPCT), que se valeu das instalações do Centro de Comando e Controle da Força Terrestre, em Brasília.

O Comando de Operações Especiais organizou suas forças em equipes táticas, sob o controle de um Centro de Coordenação Tático Integrado (CCTI) em cada cidade-sede dos jogos. Além disso, foi mantida uma equipe de reação imediata para atuar como reforço ante qualquer ameaça terrorista.

Treinamento DQBRN na 7ª RM



No que diz respeito à DQBRN, cada coordenador de área contou com pessoal e equipamentos para realizar varreduras de ambientes críticos, bem como detecção e identificação de possíveis ambientes degradados pela presença de agentes QBRN. O pessoal especializado compôs os núcleos da Força de Resposta Inicial e das Forças de Resposta à Emergência.

Fiscalização de Explosivos

Essa tarefa ficou a cargo da Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados (DFPC), subordinada ao Comando Logístico. A atividade esteve afeta à fiscalização de explosivos e correlatos, mormente os utilizados por gangues e criminosos. No cumprimento de sua missão, a DFPC buscou parcerias que, por meio do emprego de tecnologia de ponta e inovação, permitiram o rastreamento de explosivos por meio de radiofrequência, constituindo-se em mais um vetor a dificultar a ação das organizações criminosas.



Foto: Cb Tomasi Melo

Força de Contingência

Foram designadas como meio em reserva dos coordenadores de defesa de área para fazer face a eventuais limitações dos meios de segurança pública dedicados à manutenção da ordem pública nas cidades-sede, caso estivesse em risco a realização de qualquer evento relacionado à Copa das Confederações. O emprego de forças militares de contingência permaneceu condicionado a decisões no nível político-estratégico, envolvendo a Presidência da República, o Ministério da Defesa e o Ministério da Justiça, com o assessoramento na área de inteligência do Gabinete de Segurança Institucional.

Emprego de Helicópteros

Cada área contou com aeronaves de asas rotativas disponibilizadas pelo Comando de Aviação do Exército. Cada coordenador de área tinha, a seu dispor, duas aeronaves de ataque (HA-1) e dois helicópteros de manobra (HM-1, HM-2 ou HM-3). As aeronaves de ataque estavam equipadas com optrônicos no estado da arte e com interface amigável com os equipamentos de C2, que mobiliaram os CCDA, contribuindo para a manutenção da superioridade da informação.

O controle do espaço aéreo, exercido por meio do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (COMDABRA), criou zonas de exclusão aérea sobre os estádios, por um período de 5 horas, antes dos jogos, facilitando o controle positivo do emprego das aeronaves.

Foto: 2º Sgt Marco Antônio



Defesa Aeroespacial

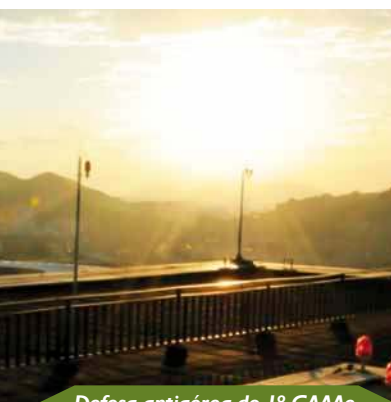
Embora este eixo tenha sido de responsabilidade da Força Aérea, o Exército se fez presente por meio da 1ª Brigada de Artilharia Antiaérea, braço da F Ter no COMDABRA.

Sobrevoos sobre a Arena Pernambuco





Solenidade que marcou o início dos trabalhos para a Copa das Confederações no Centro de Coordenação de Defesa de Área do Rio de Janeiro (CCDA/RJ), reunindo 1.200 pessoas



Defesa antiáerea do 1º GAAe

Inteligência

Deve ser destacada a atividade de inteligência, que foi coordenada pelo Gabinete de Segurança Institucional, por meio da Agência Brasileira de Inteligência. Foram ativados o Centro de Inteligência Nacional e os Centros de Inteligência Regionais, aos quais se integraram as competências de todas as fontes de inteligência das Forças Singulares e das agências nacionais e internacionais. A contribuição da F Ter para a produção de conhecimento ocorreu por intermédio do Centro de Inteligência do Exército (CIE) e das Agências de Inteligência dos Comandos Militares de Área.

As atividades de inteligências foram fundamentais para a manutenção da superioridade da informação, coadjuvadas pelas ações de defesa cibernética e pelos meios de Comando e Controle.

ASPECTOS POSITIVOS

A Operação Copa das Confederações foi uma grande operação interagências, em que ficou evidenciado o comprometimento de órgãos e agências de todas as esferas de governo, nos níveis federal, estadual e municipal. As palavras de ordem para que o trabalho fosse exitoso foram integração, coordenação e sinergia. A integração dos diversos segmentos da sociedade dedicados às atividades de segurança pública e de defesa permitiu a consecução dos objetivos visados em excelente nível de eficiência.

O trabalho desenvolvido pela Força Terrestre, no contexto da Copa das Confederações, apresentou um resultado altamente positivo e permitiu uma gama de oportunidades de melhoria. Lições aprendidas estão sendo postas em prática nas unidades militares, tanto nos planejamentos quanto nos adestramentos de tropa. Assim, a experiência e os resultados alcançados serão de suma importância para as ações relativas à Operação Copa do Mundo 2014.

O êxito obtido pela integração da atividade de inteligência e de defesa cibernética, com utilização de optrônicos embarcados em aeronaves e de ações do Comando de Operações Especiais e das unidades de tropa encarregadas de proteger estruturas e atuar em contingências mostra a sinergia dos sistemas operacionais da F Ter e seu poder dissuasório.

Por fim, cumpre salientar o legado de conhecimentos adquiridos em todas as áreas, que permitem a evolução doutrinária e a transformação, em melhores condições, do Exército Brasileiro. 🇧🇷



Segurança do PAPA FRANCISCO



A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) é um evento da Igreja Católica que acontece a cada dois ou três anos, e tem por objetivo reunir jovens do mundo inteiro em eventos religiosos numa mesma cidade. A atuação das Forças Armadas, durante esse evento de grandes proporções, enquadrou-se na hipótese de emprego da Força Militar na Garantia da Lei e da Ordem (GLO), para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, em área previamente estabelecida e por tempo limitado.



Foto: 2º Sgt Hugo

A JMJ teve sua origem em 1984, na Praça São Pedro, no Vaticano, durante um encontro promovido pelo Papa João Paulo II. No ano seguinte, houve outro encontro e o Papa anunciou a instituição do citado evento. Este ano, no período de 23 a 28 de julho, a 28ª edição da Jornada Mundial da Juventude aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. No período imediatamente anterior, de 17 a 29 de julho, ocorreu a Semana Missionária, na qual jovens nacionais e estrangeiros tiveram uma programação com foco missionário junto à Igreja. Esses peregrinos foram recebidos por Dióceses espalhadas por todo o Brasil. Ao final da Semana Missionária, esses jovens seguiram para o Rio de Janeiro.

A programação da JMJ compreendeu várias atividades, como missa de abertura, cerimônia de acolhida, via sacra, peregrinação, vigília e missa de envio.

Estima-se que, inicialmente, mais de 400 mil pessoas de 175 países tenham se inscrito como peregrinos. Contudo, cerca de três milhões teriam assistido à missa de envio na praia de Copacabana – maior evento da JMJ, ocorrida no dia 28 de julho. No total, mais de 3,5 milhões de pessoas participaram da JMJ Rio2013, que contou com eventos em Copacabana, na Quinta da Boa Vista, no Rio Centro e em diversas paróquias da cidade.



Situação Geral

Dentro do contexto dos grandes eventos, em particular, na JMJ, o Ministério da Justiça, por meio da Secretaria Extraordinária de Segurança para Grandes Eventos (SESGE), ficou com a missão de realizar as ações do Eixo de Segurança, e o Ministério da Defesa (MD), com as ações do Eixo de Defesa.

Por sua vez, o MD ratificou o Coordenador de Defesa de Área do Rio de Janeiro (CDA/RJ), já designado para a Copa das Confederações, para desempenhar as mesmas atribuições na JMJ, mantendo as estruturas de estado-maior conjunto e organizacional. Para os eventos nos quais a Presidenta da República estivesse presente e em Guaratiba, inicialmente, o CDA também acumulou as funções de Coordenador de Segurança de Área (CSA).

O Centro de Coordenação de Defesa de Área do Rio de Janeiro (CCDA/RJ)

Coordenado pelo Comandante da 1ª Divisão de Exército (1ª DE), o CCDA/RJ foi a estrutura criada para coordenar os Eixos de Defesa dos grandes eventos que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro. Também ficou responsável pela coordenação da Segurança em Guaratiba, área posteriormente modificada para a região do Centro e da Zona Sul do Rio de Janeiro, nos dias 27 e 28 de julho, e pela segurança de área nos eventos que contou com a presença da Presidenta da República.

Entende-se por Eixo de Defesa a utilização de forças de contingência; a defesa de estruturas estratégicas (subestações de energia elétrica, usinas hidrelétricas, usinas termoeletricas, usinas nucleares, refinarias, subestações de distribuição de água, subestações de radiodifusão e telecomunicações, portos, aeroportos, enfim, estruturas relacionadas à geração e fornecimento de água e energia, telecomunicações, transportes e pontos de interesse, que, caso sejam afetadas, prejudicariam a realização do evento ou causariam graves transtornos à população); a defesa aeroespacial e controle do espaço aéreo; a defesa cibernética; a defesa da área marítima e fluvial; a defesa química, biológica, radioativa e nuclear; a repressão e combate ao terrorismo; o emprego de helicópteros; e a fiscalização de explosivos.

A Operação Papa foi caracterizada como uma Operação Interagências. Além da Marinha, do Exército e da Força Aérea, outras instituições também participaram da operação, a saber: Departamento de Polícia Federal (DPF), Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), Polícia Civil (PCRJ), Secretaria Estadual de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (SESEG/RJ), Guarda Municipal (GM), Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro

(CBMERJ), Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro (CET-Rio), Comitê Local Organizador (COL) / Cúria, Secretaria Extraordinária de Segurança para os Grandes Eventos (SESGE), Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO), Defesa Civil, Polícia Rodoviária Federal (PRF), Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) e Receita Federal.

O CCDA/RJ operou a partir de uma sala de comando e controle montada nas instalações do Comando Militar do Leste (CML), no Palácio Duque de Caxias, no Centro do Rio de Janeiro. A partir desse espaço, a capital fluminense foi monitorada por profissionais das Forças Armadas, Órgãos de Segurança e Ordem Pública e demais instituições envolvidas no evento, que trabalharam de forma integrada, 24 horas por dia.

Contou com modernas ferramentas de comando e controle, capazes de auxiliar na coordenação e no monitoramento em tempo real das ações de defesa e de segurança na cidade do Rio de Janeiro. Isso porque, na sala de controle do CCDA, foi estabelecido um link com o Centro de Operações Rio (CO-Rio), da Prefeitura do Rio de Janeiro, tendo acesso a cerca de 700 câmeras de vigilância e de trânsito da Prefeitura. A alimentação de imagens também foi feita através do Sistema Olho da Águia (SOA), que consiste em câmeras acopladas em helicópteros, possibilitando o monitoramento de locais e/ou acontecimentos com a transmissão das imagens em tempo real. No CCDA/RJ também operava o Sistema Pacificador, que, por meio de **smartphones** distribuídos para as tropas, viaturas ou elementos de interesse, as posições e os deslocamentos eram observados em tempo real, auxiliando no processo de tomada de decisões. A sala ainda dispunha da possibilidade de acessar as imagens do VANT, que, no caso da JMJ, não foi utilizado, e o acompanhamento de notícias por meio de canais de televisão fechados.

O CCDA/RJ também possuía, instalado no Palácio Duque de Caxias, no CML, as seguintes estruturas subordinadas:

- o Centro de Controle Tático Integrado (CCTI), com a finalidade de planejar e coordenar as ações de Contraterrorismo e Defesa contra Agentes Químicos, Biológicos, Radiológicos e Nucleares (QBRN);



Foto: Sd Meizon

- a Central Integrada de Comunicação Social (CIComSoc), com a finalidade de coordenar e executar as atividades de comunicação social;

- a Central de Inteligência (C Intlg), com a finalidade de coordenar as atividades de inteligência operacional das Forças Armadas no Rio de Janeiro e realizar a integração com a inteligência dos Órgãos de Segurança e Ordem Pública (OSOP), ABIN e outras instituições não militares; e

- a Central de Batedores, com a finalidade de coordenar o emprego das escoltas de motociclistas das Forças Armadas durante a operação, em particular para os deslocamentos da Presidenta da República, das tropas militares e da Força de Contingência. Sua coordenação ficou a cargo do 1º Batalhão de Polícia da Exército (1º BPE).

Essa estrutura do CCDA foi utilizada com sucesso durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, em 2012, e Copa das Confederações, em junho de 2013, e continua em uso nas operações de defesa e segurança de grandes eventos, como foi a JMJ.

O CCDA teve por missão “coordenar e executar as ações de Defesa relativas à JMJ e ficar em condições de executar ações de Garantia da Lei e da Ordem, quando necessário, nas áreas de interesse da cidade do Rio de Janeiro; proteger, em coordenação com os demais Órgãos, as estruturas estratégicas relacionadas à cidade do Rio de Janeiro, cuja inoperância possa comprometer os eventos relativos à JMJ 2013; coordenar e executar as ações de defesa e segurança no evento de Guaratiba; e coordenar e executar as ações de defesa e segurança nos eventos com a participação da Presidenta da República, na cidade do Rio de Janeiro, a fim de contribuir para a realização da JMJ.”

Inicialmente, a previsão era que os principais eventos ocorressem na região de Guaratiba, onde foi construído o “Campus Fidei”. Contudo, por questões climáticas (muitas chuvas), o terreno que abrigaria o evento ficou alagado e o endereço da peregrinação, da vigília e da missa de envio foi trocado para o centro, Aterro do Flamengo, Botafogo e Copacabana. Diante disso, o CCDA/RJ e a tropa precisaram reformular seus planejamentos e realizar novos reconhecimentos em pouco mais de 24h.

Pessoal envolvido na JMJ:

Força Armada	Efetivo Empregado	Total
Marinha	3.014	10.559 militares
Exército	6.896	
Aeronáutica	649	

Força Terrestre Componente (Exército Brasileiro)

A 1ª Divisão de Exército (1ª DE) planejou e coordenou as atividades de defesa terrestre empregando os seus meios orgânicos e aqueles adjudicados do Exército na defesa da JMJ, conforme os planejamentos específicos. Mobilizou e estabeleceu o CCDA/RJ, contando, para isso, com integrantes de outras Organizações Militares (OM), Forças Armadas e órgãos não militares participantes da operação. Para as demandas logísticas, ativou o Centro de Controle das Operações Logísticas (CCOL) em suas instalações, na Vila Militar.



*Peregrinação em Botafogo (RJ)
e segurança do 15º RC Mec*

Foto: 2º Sgt Hugo

O Grupamento de Unidades-Escola / 9ª Brigada de Infantaria Motorizada (GUES/9ª Bda Inf Mtz) ocupou as estruturas estratégicas na cidade do Rio de Janeiro e realizou a segurança do altar, na Praia de Copacabana. Foram definidas 14 estruturas estratégicas e pontos de interesse relacionados à produção e distribuição de água; produção, geração e distribuição de energia elétrica; estruturas de transporte; e estruturas de telecomunicações. Essa ocupação deve-se ao fato de que, na possibilidade de falha em uma dessas estruturas, o desenvolvimento da JMJ poderia ser prejudicado ou causaria graves transtornos para a população.

A Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt) realizou a segurança da área de todo o percurso de peregrinação (Centro – Aterro do Flamengo – Botafogo – Copacabana) e do entorno de onde foi realizada a vigília e a missa de envio, em Copacabana, exceto da área do altar.

Observação do percurso de peregrinação pelo 25º BI Pqdt



Foto: Sd Camilo



A Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército (AD/I) recebeu a missão de Força de Contingência, priorizando seu planejamento para a Zona Sul e o Centro da cidade. Além de ter a missão de realizar a segurança das áreas onde estivesse a Presidenta da República.

A 4ª Brigada de Infantaria Leve (Montanha), inicialmente, compôs a reserva com o valor de um batalhão.

O Comando de Operações Especiais mobiliou e coordenou o Centro de Coordenação Tático Integrado (CCTI), subordinado ao CCDA/RJ, responsável pelas ações de Prevenção, Repressão e Combate ao Terrorismo, assim como coordenou a Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear e as ações de Operações Psicológicas.

A Base de Apoio Logístico do Exército instalou o Hospital de Campanha (H Cmp) na Fazenda Mato Alto, na região de Guaratiba, com a finalidade de atender aos militares que trabalhavam durante a operação. Em caso de necessidade, o hospital estaria pronto, também, para atender a população.



O Comando de Aviação do Exército participou da JMJ com um total com 12 helicópteros, garantindo a mobilidade aérea das tropas. Além disso, facilitou o Comando e Controle, ao apoiar a operação com aeronaves equipadas com o sistema "Olho da Águia", que permitiu a transmissão de imagens dos acontecimentos em tempo real para o CCDA/RJ.

O Centro de Defesa Cibernética (CD Ciber) planejou e executou ações de Defesa Cibernética, desdobrando uma equipe de ligação e monitoramento cibernético junto ao CCDA/RJ.

A 1ª Região Militar (1ª RM), por meio da Seção de Fiscalização de Produtos Controlados (SFPC), intensificou as atividades de rastreamento de produtos explosivos regularmente comercializados e a fiscalização de produtos controlados no Rio de Janeiro, mantendo, durante a operação, ligação com o CCDA/RJ.

No CML, foi instalada uma Delegacia Policial Judicial Militar (DPJM), funcionando permanentemente durante a operação, para prover assessoramento direto ao comandante e para a lavratura de Auto de Prisão em Flagrante Delito (APFD), no caso de crimes de natureza militar. Nos dias 27 e 28, foi estabelecido um desdobramento da DPJM na 12ª Delegacia de Polícia Civil, para apoiar as ações da Brigada de Infantaria Paraquedista, no bairro de Copacabana.

Viaturas entregadas pelo Exército na JMJ:

Tipo de Viaturas	Quantidade	Total
Operacionais	384	613 viaturas
Administrativas	155	
Blindadas	08	
Motocicletas	66	

Algumas das principais Ações de Defesa realizadas

- Abertura dos Centros de Comando e Controle (julho de 2013);
- início das ações de defesa (julho de 2013);
- intensificação da coordenação e da integração com os Órgãos de Segurança e Ordem Pública, agências envolvidos na segurança e organização dos eventos (julho de 2013);
- abertura do CCom Soc (julho de 2013);
- ativação do CCTI (julho de 2013);
- o Grupamento de Unidades-Escola / 9ª Brigada de Infantaria Motorizada (GUEs/9ª Bda Inf Mtz) realizou a ocupação nas estruturas estratégicas de energia elétrica, água, telecomunicações, bem como na Usina Nuclear de Angra dos Reis – Angra I - e na Refinaria de Duque de Caxias – Reduc (10 de julho de 2013);
- pronto da instalação de dois Hospitais de Campanha na região de Guaratiba, sendo um do Exército e outro da Marinha,



Foto: Sd Camilo

com a finalidade de atender aos militares que trabalhariam ali. Em caso de necessidade, os hospitais estariam prontos para atender à população também (12 de julho de 2013);

- os militares da Brigada de Operações Especiais chegaram ao CCDA/RJ para ativar o Centro de Coordenação Tático Integrado (CCTI), responsável por realizar as varreduras de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (DQBRN), e também pela Prevenção, Repressão e Combate ao Terrorismo (17 de julho de 2013);

- realização de treinamento do CCTI sobre ações DQBRN e Contra-Terror, no "Campus Fidei", em Guaratiba (18 de julho de 2013);

- verificação das instalações do Hospital de Campanha do Exército, na Fazenda Mato Alto, e preparação do "Campus Fidei", em Guaratiba;

- chegada do Papa Francisco na cidade do Rio de Janeiro (22 de julho de 2013);

- a Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército coordenou a segurança de área em virtude da chegada do Papa ao Rio de Janeiro e da presença da Presidenta da República (22 de julho de 2013);

- visita do Comandante do Exército Brasileiro às instalações do Hospital de Campanha do Exército, na Fazenda Mato Alto, em Guaratiba, e ao posto de triagem DQBRN (22 de julho de 2013);

- a Brigada de Infantaria Paraquedista ocupou a região de Guaratiba, onde estava localizado o "Campus Fidei" (22 a 24 de julho de 2013);

- viagem do Papa à cidade de Aparecida, em São Paulo, para a celebração de uma missa na basílica. Segurança a cargo da 12ª Bda Inf Leve (Amv) (24 de julho de 2013);

- treinamento final das tropas em Guaratiba, realizado pela Bda Inf Pqdt, 9ª Bda Inf Mtz e CCTI, com a presença da imprensa (25 de julho de 2013);

- por razões meteorológicas, mudança do local da vigília e da missa de envio da JMJ de Guaratiba para a Praia de Copacabana e peregrinação para o Centro, Aterro do

Flamengo e Botafogo (25 de julho de 2013);

- as tropas que ocupavam Guaratiba retraíram para fazer novos planejamentos e reconhecimentos (25 de julho de 2013);

- estabelecida a situação de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) nos bairros do Centro e da Zona Sul, sob responsabilidade das Forças Armadas, até o final do dia 28. A Bda Inf Pqdt realizou a segurança de todo o trecho da peregrinação. À noite, houve vigília com a presença do Papa. A GUEs/9ª Bda Inf Mtz ficou responsável pela segurança do altar e defesa das estruturas estratégicas. A AD/I compunha a Força de Contingência. Milhares de peregrinos dormiram em barracas pela praia e colchonetes nas calçadas, enquanto os militares realizavam a segurança do local e dos participantes da JMJ (27 de julho de 2013);

- durante a manhã, aconteceu a missa de envio, principal evento da JMJ, com a presença de mais de 3 milhões de pessoas (28 de julho de 2013);

- o GUEs/9ª Bda Inf Mtz continuou realizando a segurança do altar e a Bda Inf Pqdt coordenou a segurança em todo o entorno, inclusive a segurança de área devido à presença da Presidenta da República, em Copacabana (28 de julho de 2013);

- à tarde, o Papa participou de um almoço no Sumaré e, em seguida, deslocou-se para um evento com voluntários da JMJ no Riocentro. Por fim, embarcou rumo ao Vaticano na Base Aérea do Galeão (28 de julho de 2013);

- início da desmobilização da tropa na operação, sendo concluída até o dia 3 de agosto de 2013 (29 de julho de 2013).



A SIMULAÇÃO DE COMBATE NA GUARNIÇÃO DE SANTA MARIA



A guarnição de Santa Maria (RS), sede da 3ª Divisão de Exército, experimenta, desde o final da década de 1990, a utilização de sistemas de simulação de combate. O emprego de modernos e eficazes equipamentos, associado a outros meios auxiliares de última geração com baixo custo de utilização, tem credenciado a cidade de Santa Maria como referência nacional, no tocante ao uso de dispositivos de simulação para a qualificação e o adestramento de oficiais e praças do Exército Brasileiro.

No início, a simulação ocorria por meio da aplicação do “Sistema Guarini”, a partir de uma rede de computadores interligada com estrutura lógica, instalada nas dependências do então 7º Batalhão de Infantaria Blindado (7º BIB), na região do Boi Morto. Isso possibilitava a condução dos “jogos de guerra”, por ocasião dos exercícios de comando e estado-maior, envolvendo oficiais e praças das Grandes Unidades (GU), da Artilharia Divisionária e das Organizações Militares diretamente subordinadas à 3ª Divisão de Exército (3ª DE).

A posição estratégica de Santa Maria, localizada na região central do Rio Grande do Sul; o fato de ser sede do Comando da 3ª DE e a equidistância das sedes de inúmeros grandes comandos operacionais e administrativos do Comando Militar do Sul (CMS), auxiliaram na decisão de criar o Centro de Aplicação de Exercícios de Simulação de Combate de Santa Maria (CAESC-2), implementado em 2003 por meio da ocupação de dependências existentes no interior da sede do Campo de Instrução de Santa Maria (CISM). Em junho de 2013, o CAESC-2 passou a ser denominado Centro de Adestramento e Simulação de Posto Comando (CAS/PC).

Em 2004, com a transferência do 7º BIB para Santa Cruz do Sul (RS) e a decorrente ocupação daquele aquartelamento pelo 1º Regimento de Carros de Combate (1º RCC) e pelo

Centro de Instrução de Blindados (CIBId), as atividades de simulação de combate na guarnição ganharam mais um componente de apoio ao adestramento, caracterizado pelo emprego de dispositivos de “simulação viva” no treinamento individual e coletivo dos oficiais e praças matriculados nos cursos e estágios realizados naquele centro.

Em 2010, o Comandante do Exército assinou o Termo de Abertura do Projeto do Sistema de Simulação de Ensino do Exército Brasileiro com a empresa espanhola TECNOBIT, com o objetivo de assegurar a aquisição, entrega e implementação de dois módulos do Simulador de Apoio de Fogo (SAFO), destinados um para a Academia das Agulhas Negras (Resende/RJ), já operacionalizado, e outro para a Guarnição de Santa Maria, cujas obras estão em andamento, também, junto à sede do CISM.

Em dezembro de 2012, foi criado o Núcleo do Centro de Adestramento e Avaliação – Sul (NuCAA – Sul), com o propósito de estudar e elaborar as propostas de estruturação e implantação da futura Organização Militar (OM), que terá a incumbência de centralizar e disponibilizar instalações e equipamentos de simulação de última geração para o treinamento e adestramento das tropas de diferentes naturezas do CMS, acompanhados da integração de sistemas operacionais.

A participação do CAS/PC na evolução da simulação de combate

O Centro de Adestramento e Simulação de Posto de Comando (CAS/PC) foi mobiliado com equipamentos de informática que incluíram computadores, destinados à Direção dos Exercícios (DirEx) e aos “partidos”; servidores; rede de fibra ótica; dentre outras facilidades, que permitiram a condução dos Exercícios no Terreno com Apoio de Sistemas de Simulação de Combate (ETASS).

A implantação dos CAS/PC foi progressiva e voltada para a defesa externa, sendo que, atualmente, encontra-se em curso a ampliação das instalações para atender aos Comandos Divisionários do CMS. Possui 60 computadores clientes, três computadores servidores do sistema, três salas para atender aos comandos, estrutura de rede óptica, rede telefônica interna de 96 ramais, **no-break** centralizado, gerador de luz e equipamentos para o suporte dos meios de auxílio de projeção de mídia (projetores de mídia, lousa digital interativa, **notebooks** etc.), com vistas a atender aos exercícios de simulação planejados.

O sistema utiliza a modalidade “simulação construtiva”, que envolve tropas e elementos simulados, operando sistemas simulados, controlados por pessoas reais, em situações de comandos constituídos. Conhecida, também, como “jogos de guerra”, enfatiza a interação entre pessoas, divididas em forças oponentes que se enfrentam sob o controle de uma DirEx.

O estado-maior da tropa adestrada será avaliado pela DirEx, ou seja, o comando aplicador do exercício, escalão superior imediato, encarregado de fazer a análise das medidas adotadas e, caso necessário, propor revisões doutrinárias ao Comando de Operações Terrestres (COTER), acerca do que foi aplicado.

O sistema empregado, no momento, é o de Simulação Tática de Brigada (SISTAB), aplicativo desenvolvido pelo Exército Brasileiro que simula todos os dados médios de planejamento de combate de uma tropa. São realizados, anualmente, sete exercícios de brigada e três exercícios divisionários, ao longo de 16 semanas de exercícios.

Os sistemas de simulação de combate não substituem a realização de exercícios no terreno ou com o emprego do equipamento real aos quais se propõe substituir. Entretanto, o seu emprego serve para aprimorar habilidades e conhecimentos, de forma a potencializar os resultados obtidos nos exercícios e operações reais.

É importante destacar a valiosa contribuição do CAS/PC, ao longo desses 10 anos, para a geração de efetiva consciência da utilização da simulação construtiva, como forma de adestramento dos comandos e estados-maiores, validação das doutrinas aplicadas às tropas blindadas e mecanizadas, bem como ao aprimoramento dos programas desenvolvidos pelo COTER, em parceria com a iniciativa privada e órgãos encarregados pelas atividades de pesquisa e desenvolvimento tecnológicos do EB.



CAS/PC no CISM

Foto: 2º Ten Chiarello

O Centro de Instrução de Blindados e os simuladores de combate

O Centro de Instrução de Blindados General Walter Pires (CIBId), criado com a finalidade de se constituir em um vetor de modernidade do Exército Brasileiro, teve sua primeira sede na cidade do Rio de Janeiro.

Em 5 de novembro de 2004, foi transferido para a Guarnição de Santa Maria, onde ocupou as instalações do 7º BIB, juntamente com o 1º Regimento de Carros de Combate, passando a subordinar-se ao Comando da 6ª Brigada de Infantaria Blindada. As atuais instalações têm sede em local contíguo ao CISM, para facilitar a utilização de áreas de instrução no decorrer da realização dos estágios técnicos e táticos ministrados, anualmente, por aquele centro.



Foto: Sd Machado

Como Estabelecimento de Ensino (EE) integrante do sistema de ensino militar do Exército Brasileiro (EB), planeja e conduz cursos e estágios, presenciais e à distância, destinados à especialização e extensão de oficiais e sargentos ocupantes de cargos e funções em OM blindadas/mecanizadas e EE da Força Terrestre (F Ter).

Os Estágios de Operações visam qualificar oficiais e sargentos para operação de viaturas blindadas de transporte de pessoal (M113-B) e de combate (M108 e M109 A3). O Estágio de Comandantes de Organizações Militares blindadas, mecanizadas e logísticas tem como objetivo atualizar os comandantes nomeados sobre os assuntos referentes às tropas blindadas do EB.

Os Cursos de Operações são dirigidos à qualificação de oficiais e sargentos para o desempenho de funções destinadas à operação dos carros de combate (CC) LEOPARD IABR e demais viaturas blindadas da família LEOPARD. Já os Cursos de Manutenção têm por objetivo habilitar os sargentos de Material Bélico para exercer a função de mecânico de chassi e torre de viaturas blindadas do EB.

O CIBId contribui para a manutenção e o aprimoramento da doutrina militar, em especial, no tocante ao assessoramento do escalão superior sobre o emprego, material e organização, nos níveis guarnições de viaturas blindadas, frações, pelotões e subunidades blindadas/mecanizadas; a atualização, a modernização e a padronização da instrução e do adestramento das guarnições de viaturas blindadas, frações, pelotões e subunidades blindadas/mecanizadas.

Junto com o Centro de Avaliações do Exército (CAEx), colabora para a condução de avaliação técnica e operacional de material bélico blindado/mecanizado. Integrado ao Centro de Avaliação do Adestramento do Exército (CAAdEx), concorre para a avaliação do adestramento técnico e tático de frações, pelotões e subunidades blindadas/mecanizadas.

Realiza, ainda, em sua esfera de atribuição, pesquisas relacionadas aos Projetos Simulador Nacional e Câmera Situacional. O Projeto de Simulador Nacional está voltado para atender à Nova Família de Blindados Médios Sobre Rodas, com custo reduzido, possibilidade de simular no terreno nacional e permitir a integração entre as armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia e o apoio logístico). A Câmera Situacional foi desenvolvida, em parceria com empresa local, para permitir que a guarnição confinada no interior da viatura tenha a consciência situacional do ambiente externo, no qual está sendo empregada.

A aplicação da Tecnologia da Informação ao Ensino no CIBId

O CIBId utiliza, intensamente, a Tecnologia da Informação (TI) aplicada ao Ensino, por meio de diferentes dispositivos de simulação, considerados modernos recursos destinados a desenvolver, nas guarnições, reflexos condicionados a determinadas situações que possam ocorrer em combate. O emprego de simuladores teve seu início, em 2006, durante os

estágios táticos realizados naquele ano.

A simulação virtual empregada pelo CIBId é a modalidade na qual são envolvidas pessoas reais, operando sistemas simulados, ou gerados em computador, substituindo sistemas de armas, veículos, aeronaves e outros equipamentos, cuja operação exija elevado grau de adestramento ou envolva riscos e/ou custos elevados para operar.

Em 2010, foi inaugurado o Pavilhão de Simuladores, cuja implantação baseou-se em experiências adquiridas junto aos Exércitos Alemão e Chileno. O referido pavilhão conta, no momento, com os simuladores de procedimento de torre e para mecânico e motorista.

Além dos simuladores, o complexo de simulação disponibiliza Treinadores Sintéticos (Portátil e de Blindados) que permitem a interação das guarnições com os principais comandos existentes no interior da viatura, possibilitando o treinamento de técnicas, táticas e procedimentos, desde o nível guarnição até força-tarefa. São utilizados, ainda, os Dispositivos de Engajamento Tático nos “duelos” entre carros de combate e para o treinamento simulado de tiro, com vistas à redução de custos e do desgaste dos tubos dos CC.

O Polígono de Tiro do Barro Vermelho, localizado no Campo de Instrução Barão de São Borja (Saicã), em Rosário do Sul (RS), foi modernizado e reestruturado para permitir seu uso por guarnições de CC, nos mais diversos modos de operação e treinamentos de tiro.

Os recursos de TI aplicados pelo CIBId possibilitam, também, a realização de Exercícios de Simulação Tática que permitem, às unidades blindadas, desenvolverem atividades de adestramento de suas respectivas subunidades, por intermédio da constituição de forças-tarefas e a integração dos diferentes sistemas operacionais, particularmente, inteligência; manobra; apoio de fogo; mobilidade, contramobilidade e proteção; comando e controle; e logístico. O CIBId desenvolve, ainda, o Ensino a Distância e o Ensino Assistido por Computador, com o uso da TI.

O CIBId e a Simulação de Combate no Exército Brasileiro

No início desta década, o CIBId passou a desenvolver trabalhos em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o objetivo de criar dispositivos de treinamento próprios, adaptados e capazes de atender às necessidades de instrução da F Ter.

O processo de aprendizagem e de acúmulo de experiências quanto ao emprego da simulação ainda está longe do fim, mas já serve como base para o desenvolvimento de novas metodologias e até mesmo para o desenvolvimento de equipamentos de simulação nacionais.

O crescente intercâmbio de experiências com Exércitos de Nações Amigas, por meio de congressos, reuniões, demonstrações e visitas, bem como da interação com outros órgãos e empresas



Foto: S Ten Dagoberto

**Simulador de Procedimento de Torre
da VBC Leopard IAS**

ligadas à área, em feiras nacionais e internacionais, proporcionam a aquisição de relevantes conhecimentos para o Exército.

Novas iniciativas já em andamento dão mostras dessa maturidade, não só por parte do CIBId, mas também por outros órgãos, como o Centro Tecnológico do Exército (CTEx) e a Divisão de Simulação/COTER, entre outros. Na esteira desse desenvolvimento e na busca pela ampliação do emprego de simuladores, no âmbito do EB, é oportuno destacar alguns projetos:

– Projeto Integração de Simuladores da Força Terrestre: projeto desenvolvido pela Divisão de Simulação do COTER, em parceria com o Centro de Instrução de Aviação do Exército (CIAvEx), CIBId e CTEx, com vista a desenvolver estudos que viabilizem a integração de simuladores dotados de diferentes sistemas operacionais, buscando a interoperabilidade entre os equipamentos e sistemas já existentes e entre os que porventura venham a ser adquiridos, assim como garantir a interação de diferentes funções de combate num mesmo cenário virtual;

– Projeto TSB nacional: liderado pelo CIBId, em parceria com a Fundação Trompowski, e executado pela empresa nacional RSD (São José dos Campos/SP), o Treinador Sintético de Blindados (TSB) nacional tem por base o sistema de simulação **Virtual Battlespace 2** (VBS2), que concorre para a redução de custos de aquisição e manutenção desse tipo de equipamento e para o desenvolvimento da indústria nacional de defesa;

– Simulador de Apoio de Fogo (SAFO): desenvolvido em parceria com a empresa espanhola TECNOBIT, ora em construção na área da sede do CISM, que tem por finalidade proporcionar suporte ao treinamento do sistema operacional apoio de fogo, tendo como requisito contratual a compatibilidade e integração com os demais sistemas de simulação em uso no EB;

– Centro de Avaliação e Adestramento – Sul (CAA-Sul): núcleo inicial constituído para o estudo e desenvolvimento de um CAA, implantado em instalações da sede do CISM, a fim de viabilizar o adestramento e a avaliação nível Subunidade (SU) e OM, com emprego de diversos meios de simulação, em especial no ramo da “simulação viva”;

– Projeto Simulador Guarani (SIGUA): liderado pelo CIBId, em parceria com a UFSM, visa desenvolver um sistema de simulação com base na Nova Família de Blindados Sobre Rodas GUARANI, adotada pelo Exército Brasileiro, a partir de tecnologia 100% nacional, viabilizando o treinamento operacional e tático das futuras tropas mecanizadas da F Ter; e

– Projeto Modernização BT/41: fruto de mais uma parceria com a UFSM, tem por objetivo modernizar os Dispositivo de Simulação de Engajamento Tático (DSET) BT/41, substituindo a aquisição dos resultados por meio de impressora por um sistema moderno, georreferenciado, capaz de mostrar em tempo real os resultados obtidos pelas VBC em uma central de controle. Essa modernização representará um salto tecnológico de 20 anos, além da redução significativa de custos, em comparação com equipamentos similares no mercado mundial.

É notório que o investimento em instrução e treinamento militar baseado em simulação gera resultados efetivos a curto, médio e longo prazos. Um exemplo notório dessa assertiva foi o salto de qualidade na preparação dos recursos humanos da tropa blindada, em especial dos RCC, com o advento do Projeto Leopard, que viabilizou a aquisição de equipamentos de simulação de ponta, colocando o Exército Brasileiro em um grupo muito seletivo de nações: as que são capazes de operar e manter um blindado moderno.

Cabe agora prosseguir nesse caminho, difundindo e ampliando o uso de simuladores, adquirindo meios e sistemas de simulação e viabilizando a execução de Exercícios Táticos em ambiente virtual e atividades de Certificação de Pelotões, como já vem sendo feito, entretanto, buscando-se uma abrangência cada vez maior, de modo a gerar os necessários efeitos multiplicadores nas unidades operacionais.

A importância do SAFO para as Unidades de Artilharia

O contrato firmado, em 2010, entre o EB e a empresa TECNOBIT permitiu a aquisição de um dos melhores simuladores de apoio de fogo (SAFO) do mundo. Para tanto, foram construídas, no interior do CISM, no Bairro Boi Morto, instalações com área aproximada de 2.500 m² destinadas a acolher os equipamentos e dispositivos de simulação, bem como dependências para almoxarifado, refeitório, acantonamento/alojamento e sanitários.

O sistema consiste em um **software**, que opera todo o simulador, e de maquinário/equipamento, com peças de artilharia e dispositivos de observação de tiro. O SAFO constitui-se em valioso meio de instrução para os oficiais e praças encarregados de empregar as armas e equipamentos de artilharia de campanha, uma vez que permite maior eficiência e eficácia na realização dos tiros técnicos e táticos programados e a avaliação do trabalho executado por todos os militares envolvidos, os resultados obtidos e o estabelecimento de indicadores de desempenho.

Esse simulador possibilitará economia e racionalização no emprego dos recursos humanos, materiais e financeiros, uma vez que concorrerá para uma significativa redução do consumo de munição e combustível para os deslocamentos até as posições de tiro, no desgaste dos materiais de emprego militar (viaturas, canhões e demais equipamentos) e dos riscos à segurança. Contribuirá, ainda, para a preservação do meio ambiente junto às áreas destinadas à execução dos tiros reais, em virtude da redução do número de granadas lançadas.

A escolha da Guarnição de Santa Maria para receber um dos módulos do SAFO ocorreu, dentre outros, devido aos seguintes aspectos:

- a localização estratégica e central, em relação a um

grande número de OM de artilharia de campanha sediadas no Rio Grande do Sul e, também, em Santa Catarina e no Paraná;

- a existência de áreas no CISM e no Campo de Instrução Barão de São Borja (Rosário do Sul/RS), que possibilitam a execução do tiro real, após as atividades de adestramento no SAFO;

- a elevada capacidade de coordenação e controle sobre as atividades de adestramento a serem desenvolvidas naquela OM, proporcionada pelo Comando da 3ª DE, ao qual o SAFO estará subordinado;

- a existência do Centro de Instrução de Blindados (CIBId) e do Centro de Aplicação de Simulação de Posto de Comando (CAS/PC), ambos sediados nessa Guarnição e possuidores de dispositivos de simulação; e

- a recente criação do CAA – Sul (CAA–Sul), que será o responsável pela coordenação e integração dos dispositivos de simulação anteriormente mencionados, a partir do Núcleo implantado no CISM.

Os Objetivos Propostos para NuCAA–SUL (CTC)

O Nu CAA-Sul foi criado com o propósito de, inicialmente, estudar e elaborar as propostas de estruturação e implantação da futura OM, a qual tem como objetivos iniciais:

- complementar o adestramento das tropas de diferentes naturezas do CMS, com integração de sistemas operacionais;
- treinar frações de pelotão a unidades, por meio de “simulação viva”;

- centralizar e disponibilizar instalações e equipamentos de simulação de última geração para treinamento de tropas visitantes;

- treinar GU e Unidades (U), por meio de “simulação construtiva”;

- integrar as três modalidades de simulação (viva, virtual e construtiva);

- coordenar a utilização de áreas e instalações dos Campos de Instrução junto aos Comandos do CMS, 3ª Região Militar e 3ª DE;

- supervisionar a aplicação da doutrina em vigor; e

- colaborar para a evolução da Doutrina Militar Terrestre, desenvolvendo estudos e pesquisas para o aprimoramento ou a criação de doutrinas, táticas, técnicas e procedimentos.

Futuras instalações do Simulador de Apoio de Fogo da Artilharia, na área do Campo de Instrução de Santa Maria (CISM)

Foto: 2º Ten Chiarello

O advento do NuCAA-Sul concorre para o incremento dos níveis de preparo das tropas subordinadas ao CMS, destinadas ao emprego nas ações operacionais de dissuasão, por meio do combate convencional na defesa da Pátria.

A criação de um centro de referência de treinamento na Guarnição de Santa Maria contribui, sobretudo, para a intensificação da frequência, abrangência e melhoria da qualidade das atividades de adestramento das OM operacionais enquadradas pelo CMS e serve de referência para criação de órgãos do gênero em outros Comandos Militares de Área, bem como se constitui em estímulo ao desenvolvimento tecnológico nacional, convergindo atenções e investimentos para a Região Central do Rio Grande do Sul.



O Carro Antiaéreo GEPARD

O carro Gepard foi desenvolvido pela Krauss-Maffei Wegmann nas décadas de 70 e 80 com o objetivo de proteger forças blindadas de ataques aéreos, desencadeados por helicópteros de ataque.

Trata-se de um carro dotado de dois canhões antiaéreos Oerlikon de 35 mm, eficazes até 5.000 metros de distância, mais radares de aquisição de alvos e de direção de tiro com alcance de 20 km. O blindado Gepard foi projetado para prover defesa antiaérea a baixa altura sobre colunas de blindados, tropas e unidades dispersas pelo terreno, seja estaticamente, seja em movimento.

O modelo é capaz de enfrentar helicópteros de ataque (sua principal missão) e, também, veículos aéreos não tripulados, aeronaves voando próximas do solo etc. Os Gepard utilizam o mesmo chassi e motor dos Leopard 1A5 já utilizados pelo EB.

A introdução do sistema de direção de tiro digital possibilitou a adaptação do Gepard às novas ameaças resultantes das novas capacidades das aeronaves e procedimentos de ataque, mediante uma simples modificação de **software**.

O Gepard pode utilizar desde munições autoexplosivas incendiárias até granadas movidas por energia cinética com deflagração de balins, após penetração em blindagens, o que capacita o presente material a realizar disparos em diversos tipos de alvos, aéreos ou terrestres.

Além disso, as viaturas são adaptáveis ao uso simultâneo de mísseis terra-ar acoplados à torre, como o Stinger, o SA7 Grail-Strella 2, o Mistral ou o próprio Igla (míssil empregado pelos Grupos de Artilharia Antiaérea do Exército Brasileiro).

O sistema de direção de tiro do Gepard consiste de um conjunto de radares de aquisição de alvos e direção de tiro com possibilidade de aplicação de um sistema IFF (identification friend or foe) no atual padrão OTAN Mark XII. Esse sistema pode, ainda, ser complementado por um radar de vigilância, como no caso do brasileiro SABER M-60. 🛡️



OPERAÇÃO LAÇADOR

Exercício de Adestramento Militar

Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas – EMCFA

O Ministério da Defesa realizou, de 16 a 27 de setembro, a Operação Laçador 2013, que consistiu de um exercício de adestramento conjunto na Região Sul do Brasil, envolvendo mais de 8 mil militares da Marinha do Brasil, do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira, sob a coordenação do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas.

A estátua do Laçador é um monumento da cidade de Porto Alegre/RS, que representa o gaúcho com sua vestimenta tradicional

A Operação Laçador foi um exercício de adestramento das Forças Armadas, coordenado pelo Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA), durante o qual foram realizados diversos treinamentos e simulações de guerra, com foco na missão constitucional de Defesa da Pátria.

Os principais objetivos da operação foram:

- a manutenção da operacionalidade das tropas da Região Sul;
- o adestramento dos diversos Comandos e respectivas tropas, singulares e/ou conjuntas, em ações críticas de combate, apoio ao combate e apoio logístico;
- o adestramento dos diversos sistemas operacionais, promovendo e sedimentando a capacidade de interoperabilidade entre as Forças;
- a realização de ações cívico-sociais em apoio aos segmentos mais necessitados da população;
- a realização de experimentações doutrinárias de interesse para as operações conjuntas;
- a sistematização da atuação conjunta das três Forças sob a coordenação do Ministério da Defesa; e

– o levantamento das necessidades de meios operacionais para a atuação das Forças em hipótese real de emprego.

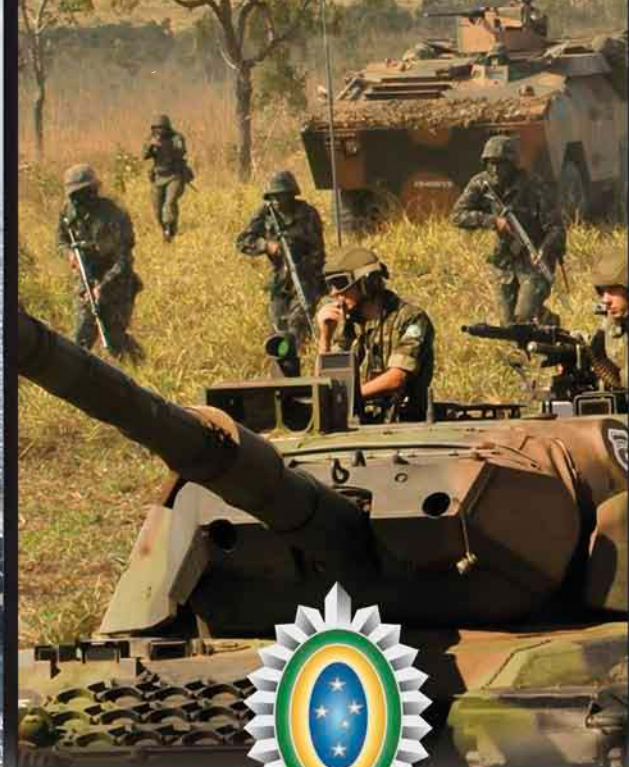
Durante a operação, destacaram-se algumas atividades, como as ações diretas de forças especiais, o ataque com transposição de curso d'água, as ações de isolamento e controle de uma localidade, o assalto aeroterrestre, a realização de controle de danos e a defesa de estruturas estratégicas na área de retaguarda, o controle e a defesa do espaço aéreo, o controle da área marítima, o adestramento dos Estados-Maiores Conjuntos (EMCj) por meio de problemas militares simulados e o Estágio de Correspondente de Assuntos Militares para profissionais da imprensa, professores e estudantes de jornalismo.

Concomitantemente, as Forças Armadas desenvolveram ações de caráter cívico-social, proporcionando uma série de serviços à população do município de Nova Santa Rita (RS), tais como atendimento médico e odontológico, teste de glicemia, palestras educativas (prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, acidentes domésticos com fogo e higiene bucal), atividades recreativas para as crianças menos favorecidas e distribuição de lanches e cestas básicas.

Foto: 1º Ten Berny

Transposição do Rio Santa Maria do 4º RCC
pelo 12º BE Cmb Bld





Tropas e Comandos Empenhados

No Teatro de Operações (TO) ativado na Região Sul, subordinado ao Comandante Militar do Sul (CMS), foram empregadas tropas da 3ª Região Militar (Porto Alegre), da 3ª Divisão de Exército (Santa Maria/RS), da 5ª Divisão de Exército e 5ª Região Militar (Curitiba) e da 6ª Divisão de Exército (Porto Alegre).

Além dessas tropas, também participaram da operação efetivos e meios do 5º Comando Aéreo Regional (Canoas/RS), do 5º Distrito Naval (Rio Grande/RS), da Brigada de Infantaria Paraquedista (Rio de Janeiro), da Brigada de Operações Especiais (Goiânia), do Comando de Aviação do Exército (Taubaté/SP), do 6º Grupo de Lançadores Múltiplos de Foguetes (Formosa/GO), da 1ª Brigada de Artilharia Antiaérea (Guarujá/SP), das Unidades Aéreas de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus, Campo Grande e Anápolis (GO); e diversos militares especialistas nas áreas de Guerra Eletrônica, Defesa Cibernética, Simulação de Combate e Comunicação Social, oriundos de Brasília.

Brigada de Operações Especiais

Coube ao CMS as tarefas de planejar, controlar, coordenar e executar o emprego das Forças dentro do Teatro de Operações Laçador (TO Laçador).

O Ministério da Defesa, representado pelo EMCFA, acompanhou o planejamento e a execução das ações realizadas no TO Laçador e, por intermédio de um núcleo de Direção do Exercício (DIREx), criou diversos incidentes/simulações que exigiram respostas do Comando Conjunto e de seus comandos subordinados.

A DIREx conduziu o ritmo dos trabalhos de planejamento, elaborando e controlando a execução dos Problemas Militares Simulados (PMS) pelo EMCj do TO e pelas Forças Componentes subordinadas ao Comando do TO. Além disso, coube à DIREx verificar a utilização adequada da doutrina de emprego de operações conjuntas, dentre outras atribuições.



Foto: 1º Ten Berny



O Estado-Maior do TO Laçador caracterizou-se por uma estrutura de planejamento conjunto com a participação de militares especialistas das três Forças, distribuídos pelas seguintes células: de pessoal (D1), de inteligência (D2), de operações (D3), de logística (D4), de planejamento (D5), de comando e controle (D6), de operações de informação (D7), de assuntos civis (D8) e de assuntos jurídicos (D9).

A Logística Operacional

Durante a operação, foi ativado o Comando Logístico do Teatro de Operações (CLTO), com a participação de militares das três Forças e sob o Comando da 3ª Região Militar, que recebeu o desafio de prover os meios para a sustentação das Forças Componentes (F Cte) na manutenção de suas capacidades operativas durante a realização das atividades planejadas, dentro de uma visão realista e com os meios disponíveis.



O CLTO foi responsável por exercer autoridade operacional sobre as ações logísticas conjuntas, no âmbito do TO, mediante a coordenação, o controle e a supervisão do aporte de meios das Forças Singulares (FS) às unidades e frações de tropa desdobradas.

No âmbito da Op Laçador 2013, os maiores esforços do CLTO focalizam-se nas fases de concentração de meios (mobilização) e de reversão (desmobilização), seja por pré-posicionamento de recursos, seja pelo uso de recursos humanos, materiais e infraestruturas lotados nas localidades da operação. Nessa edição, o CLTO atuou também no planejamento e na coordenação da realização de ação cívico-social conjunta, na localidade de Nova Santa Rita (RS).

O Comando e Controle

Para viabilizar a comunicação eficaz e o fluxo de informações da operação, a tecnologia foi a principal aliada. Na sede do CMS, funcionou um Centro de Comando e Controle, onde foram utilizados meios, sistemas e programas modernos que permitiram a integração, o estabelecimento de comunicações seguras e o acompanhamento de todas as ações realizadas pelas tropas. Dentre os recursos utilizados destacaram-se:

- o Sistema C² em Combate, que funcionou dentro da Rede Corporativa do Exército Brasileiro, fornecendo informações de pessoal, material, localização e eventos da tropa;
- o Sistema Militar de Comunicações via Satélite (SISCOMIS), que permitiu a integração e a manutenção de comunicações seguras de voz, dados, imagem e vídeo em tempo integral com os principais comandos subordinados e com o Ministério da Defesa;



Foto: Sd Dorneles

– o Sistema de Planejamento Operacional Militar (SIPLOM), com funções semelhantes ao C² em Combate, porém abrangendo não apenas o Exército Brasileiro, mas também a Marinha do Brasil e a Força Aérea Brasileira, garantindo a interoperabilidade entre as Forças envolvidas na operação.

A Comunicação Social na Operação Laçador

A Comunicação Social (Com Soc) mais uma vez cumpriu a missão de preservar e fortalecer a imagem das Forças Armadas Brasileiras. Atuou antes, durante e depois da operação, mantendo a população e a mídia permanentemente informadas sobre as atividades realizadas durante a operação.

Embora cada operação militar tenha características próprias, devem ser analisados, no planejamento e na execução das atividades de comunicação social, alguns aspectos como a duração, a amplitude, o tipo da operação (convencional, garantia da lei e da ordem, subsidiária ou de paz) e as consequências/repercussões das ações militares junto à opinião pública.

Na Operação Laçador, a Com Soc foi conduzida em três áreas distintas, a fim de atender às necessidades reais e de exercício. Para isso, foi estruturada com uma Subseção de Relações Públicas, uma Subseção de Informações Públicas e uma Subseção de Divulgação Institucional, de acordo com a doutrina de emprego vigente no EB.

Durante a Operação, a Com Soc realizou as seguintes tarefas:

- convite à imprensa para acompanhar as atividades da operação;
- atendimento à imprensa;
- preparação e condução de coletiva de imprensa;
- preparação das autoridades para a atividade de entrevista;
- preparação de **releases** e notas à imprensa;
- cobertura (vídeo e foto) das principais atividades realizadas;
- preparação de matérias jornalísticas para divulgação na página da operação;
- edição de vídeos sobre as atividades realizadas;
- acompanhamento de jornalistas e repórteres, fornecendo todo o apoio necessário a esse pessoal na cobertura das ações e na elaboração e veiculação das respectivas matérias e reportagens;
- apoio no planejamento e na condução das atividades do Estágio de Correspondente de Assuntos Militares (ECAM) promovido pelo Comando Militar do Sul durante a operação;
- prática de entrevistas e de preparação de matérias jornalísticas com os alunos do ECAM;
- acompanhamento diário das notícias divulgadas pela mídia local, regional, nacional e internacional;
- atualização constante da página da operação, inserindo vídeos, reportagens e matérias produzidas pelas Forças, bem como notícias e reportagens veiculadas pela mídia em geral; e

- elaboração de resenhas diárias com as principais notícias sobre a operação veiculadas nos órgãos de imprensa.



As Notícias da Operação

O Centro de Comunicação Social do Exército foi o responsável pela elaboração de uma página eletrônica para divulgação institucional dos principais eventos e ações da operação. O site, além de manter os internautas informados sobre as principais atividades da operação militar, foi utilizado como mais uma ferramenta na divulgação dos trabalhos realizados pelos estudantes de jornalismo que participaram do Estágio de Correspondentes de Assuntos Militares.



Comandos



Infantaria



Paraquedistas



Ação Cívico Social



Artilharia



Cavalaria

Estágio de Correspondentes de Assuntos Militares

Durante a Operação Laçador 2013, o Comando Militar do Sul realizou o Estágio de Correspondente de Assuntos Militares (ECAM) para profissionais da imprensa, professores e estudantes de jornalismo das universidades de Porto Alegre e regiões adjacentes. Essa atividade teve por finalidade proporcionar aos estagiários conhecimentos específicos a respeito das Forças Armadas e das especificidades da atividade jornalística relacionada aos assuntos militares, bem como propiciar ao público aludido uma possibilidade de exercitar os conhecimentos gerais auferidos nas faculdades e no estágio.

No estágio, foram abordados diversos assuntos, como a missão das Forças Armadas; aspectos gerais da Marinha, do Exército e da Força Aérea; a Comunicação Social no Exército Brasileiro, com ênfase nas operações; o relacionamento com a mídia; e o Direito Internacional dos Conflitos Armados. Além disso, os alunos visitaram diversas Organizações Militares e participaram de atividades práticas, como a realização de entrevistas individual e coletiva e uma jornada, denominada “Dia Verde”, na qual foram submetidos a diversas instruções militares, com ênfase em: primeiros socorros, orientação, pista de progressão individual e preparo e consumo de ração operacional. Durante o estágio, ainda, os universitários tiveram noções iniciais sobre o exercício, a missão das Forças Componentes, o trabalho diário do Estado-Maior nas operações e de como adequar o tema ao meio civil.

O envolvimento dos universitários em operações conjuntas entre Marinha, Exército e Força Aérea é uma prática que ocorre há alguns anos e tem como objetivo difundir, no meio acadêmico, o trabalho desenvolvido pelas Forças Armadas em um exercício de simulação de guerra.

Considerações Finais

A realização de operações conjuntas das Forças Armadas constitui-se em excelente oportunidade para desenvolver e aperfeiçoar o método de planejamento conjunto a ser utilizado em caso de participação em conflito armado ou situação de crise. A execução desse tipo de preparação tem se mostrado oportuna e necessária já que não se concebe, na atualidade, o emprego operacional militar sem que haja a interoperabilidade entre as três Forças Armadas.

O estudo das últimas guerras e conflitos mostra que as grandes vitórias foram alcançadas por meio de ações adequadamente integradas das forças navais, terrestres e aéreas. Sendo assim, as Forças Singulares devem somar esforços, compatibilizar procedimentos e integrar as ações, de modo a se obter maior eficiência na execução das operações conjuntas.

Nesse contexto, a comunicação social encontra-se inserida de modo marcante, pois se caracteriza por ser uma ferramenta importante de apoio à decisão e uma atividade que interage com todas as áreas do planejamento. Considera-se que, se for bem dimensionada e conduzida, pode contribuir para ampliar a liberdade de ação das tropas e multiplicar o poder de combate.

Depoimentos de estagiários do ECAM

“A falta de conhecimento nos leva ao preconceito. Ter sido imersa durante 5 dias no dia a dia das Forças Armadas foi uma experiência incrível. Quando cheguei, no primeiro dia, não tinha ideia de quanta coisa o Exército fazia e muito menos como fazia. O primeiro estágio de correspondente de assuntos militares atingiu, na minha opinião, o objetivo proposto com glória. Todas as palestras que nos foram introduzidas, as experiências reais e todo conhecimento agregado através dos militares e colegas trouxeram uma nova visão sobre o mundo militar e conhecimentos suficientes para tratar do assunto em oportunidades futuras.

O mais impressionante pra mim foi o companheirismo dos militares para conosco, cheguei imaginando que passaria uma semana sem dar uma risada, quanto a isso, risada foi o que mais aconteceu... Quanto ao mais, foi uma oportunidade única e enriquecedora. Muito obrigada pelo tempo disposto, empenho e hospitalidade. Estagiária Shállon Teobaldo”



Publicação de um aluno do ECAM no seu Blog

Em setembro, participei de um curso do Exército denominado Estágio de Correspondente de Assuntos Militares (ECAM). Já referi, no blog, minha filiação militar por intermédio de meus avós e tios-avós. Se o espírito das Forças Armadas pulula no sangue, pulula também pela afabilidade com a qual tento lidar com as pessoas. Pois foi com esse mesmo expediente que os soldados do curso lidaram comigo e com outros estudantes de Jornalismo.

Para tal, resolvi escrever uma carta “reclamando” do tratamento.

“Prezados,

Confesso que cinco dias de treinamento para quem não está acostumado com o ritmo pode cansar, mas não abater. Hoje, venho a vocês, na verdade, para fazer uma grande reclamação e creio que falo em nome de todos os companheiros que participaram do ECAM. Acredito que vocês já imaginam do que se trata, pois frustraram minhas expectativas, rasgaram os papéis do preconceito em nome de uma mudança de rumos para o Exército Brasileiro.

Bem, sempre vivenciei a característica amável dos militares de minha família. Eu poderia pensar que isso se dava em função dos laços sanguíneos, mas constatei que estava analisando apenas uma fração da verdade. Do alto de minha ignorância, percebi que as Forças Armadas são um reflexo de meus familiares, ou vice-versa. Nesse contexto, a pergunta que surgiu não poderia ser diferente: que petulância é essa de nos tratarem bem?

No primeiro dia, falei grosso, esperando respostas grossas. O grosso era eu, pois não recebi respostas grossas. Recebi um tratamento digníssimo dos soldados que apareciam em meu caminho. Todos elegantes, de boa postura e articulados nas palavras como se a linguagem fosse uma ciência exata. Os oficiais que recepcionaram o grupo do ECAM foram extremamente simpáticos, mostrando que ali não há vaidade, ao contrário, ostentam a lealdade e as boas relações como a essência de tudo.

Um oficial, o Silvio, tio de um colega meu, conversou comigo com a naturalidade de amigos de décadas. Outro, o Capitão Saulo, formado em Direito como eu, afirmou que, no Pantanal, foi alvejado pela hipotermia. Sabe o que aconteceu? Os poucos cobertores não deram conta, então seus companheiros o aqueceram com calor humano para que sua condição não piorasse. A entrada nos batalhões ia revelando histórias diferentes providas por pessoas diferentes. Conheci, inclusive, um simpático tenente carioca com sobrenome japonês.

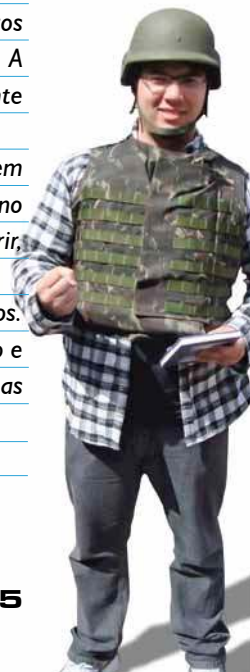
O que esses “brutos” estão pensando? Vocês são os caras que agredem as pessoas, censuram nossas ideias, e agora querem me dizer que isso era uma farsa de minha imaginação? Pois era. A ditadura se foi e, com ela, os anos de chumbo. Não entro no mérito da questão política, pois nem nascido eu era, mas destaco que o objetivo do Exército agora é outro. Eles querem se abrir, mostrar seu coração para as pessoas. O único chumbo a ser disparado é feito de algodão e não machuca ninguém.

O que é do passado pertence ao passado. O estilo turrão e fechado calibrou seu próprio fim em função da mudança dos tempos. Agora estamos todos do mesmo lado, buscando o melhor para o Brasil. A única guerra que persiste é a do desconhecimento e ela precisa ser vencida por braços fortes e mãos amigas. Ela precisa ser vencida na confiança que o povo pode depositar nas Forças Armadas.

Esta confiança, eu lhes garanto, não será em vão”.

(<http://gabrielguidotti.wordpress.com/2013/09/27/chumbo-de-algodao/>)

Estagiário Gabriel Guidotti (Bacharel em Direito e estudante de Jornalismo) 🖊





PROJETO DE EXPLORAÇÃO PECUÁRIA DO CAMPO DE INSTRUÇÃO DE SANTA MARIA: Avanços com a aplicação de biotecnologias de reprodução

O Campo de Instrução de Santa Maria (CISM) possui uma área total de 5.855,9 ha, dos quais 1000 ha são reservados para a exploração pecuária do próprio campo, dentro de um projeto criado, no ano de 2009, pelo Diretor do CISM, em parceria com dois veterinários, pertencentes àquela Organização Militar.

Esse projeto tinha como objetivos: melhorar o aproveitamento da área do CISM, contribuir com a reserva técnica de carne da 3ª Região Militar (3ª RM), diminuir o risco de zoonoses para a tropa através do manejo sanitário e implementar a produção de reprodutores de alta linhagem genética.

Tais objetivos seriam atingidos através de dois subprojetos principais: o rebanho de cria e a transferência e produção de embriões *in vitro* (PIV). Através da PIV se buscava a melhoria do padrão genético do rebanho do CISM e a produção de touros de alto padrão genético para o Exército Brasileiro. O subprojeto rebanho de cria possibilitaria aumentar a reserva técnica de carne da 3ª RM.

Necessárias ao projeto, nos anos de 2010 e 2011, foram realizadas reformas na Seção Veterinária para receber o Laboratório de Biotecnologia, além de se reformar a mangueira (curral) da Fazenda Sarandi para agilizar o manejo do gado. Ainda em 2011, foram adquiridos os equipamentos essenciais para o funcionamento do referido laboratório.

Na estação de monta 2011/2012, foi dado um grande salto na genética dos bovinos do CISM, considerando que foi realizada a inseminação de 50 matrizes com sêmen do touro argentino Red Angus Carloncho. Avanço maior ocorreu na estação de monta 2012/2013, quando foram inseminadas 150 matrizes com sêmen do touro brasileiro Red Angus, e campeão paranaense, Barney.

Para 2013/2014, existe a previsão da inseminação de 200 a 250 matrizes. A técnica utilizada para a efetivação das inseminações é a IATF (Inseminação Artificial em Tempo Fixo).

Também faz parte do projeto, conforme citado anteriormente, a biotecnologia Produção *In Vitro* (PIV) de embriões bovinos. Além do uso em estudos relacionados



à compreensão dos eventos biológicos que ocorrem durante o desenvolvimento embrionário inicial, a PIV tem sido usada como um método alternativo ou em complementação à Transferência de Embriões (TE).

No CISM, essa biotecnologia está em fase de aprimoramento, sendo que, no dia 17 de julho de 2013, por volta das 23:00h, foram implantados os primeiros nove embriões produzidos por PIV em receptoras do plantel do Campo de Instrução. Das nove receptoras, obteve-se um percentual de 30% de prenhez. Taxa considerada muito boa, levando-se em conta que foi a primeira TE efetuada.

Dessa forma, os próximos passos a serem dados no Projeto de Exploração Pecuária vão em direção à inseminação artificial, em tempo fixo, de praticamente todas as matrizes bovinas desse Campo de Instrução de Santa Maria, excetuando-se as que serão utilizadas nos processos de transferência de embriões/PIV. ■

Centenário da Banda Sinfônica da AMAN

Em outubro de 2013, a Banda Sinfônica da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) comemorou o seu centenário de criação. Ao longo desses anos, a “Banda da AMAN”, como é conhecida, tem participado ativamente de todas as atividades de formação do futuro oficial combatente do Exército Brasileiro.

Com brilho, garbo e marcialidade, contagiando tanto o público interno como os cidadãos resendenses e das cidades circunvizinhas, a Banda da AMAN brinda a todos com um repertório eclético, que vai do erudito ao popular, do sinfônico ao marcial, com retretas, concertos e apresentações nas diversas formações musicais.

O Decreto número 10.198, de 30 de abril de 1913, publicado no Boletim do Exército nº 273, de 05 de maio do mesmo ano, traz o seguinte: “A Escola Militar terá uma Banda de Música, que o governo manda organizar, sob a direção de um mestre reconhecidamente competente”. Atendendo a ordem contida no referido decreto, a Banda de Música da Escola Militar do Realengo foi criada, no dia 06 de outubro de 1913, dando início, então, a trajetória de uma das mais importantes bandas do Exército Brasileiro, criada com a precípua finalidade de emular o espírito militar do cadete.

Em 1944, acompanhando a Escola Militar do Realengo, foi transferida para a cidade de Resende (RJ), aos pés do

majestoso maciço que hoje lhe empresta o nome de Academia Militar das Agulhas Negras.

Transcorridos 100 anos de existência, são confirmados os ideais que nortearam aqueles que com grande entusiasmo lutaram pela sua criação. A Banda Sinfônica da AMAN exerce o papel fundamental de estar presente nas mais diversas atividades da vida acadêmica, conjugando a vibração e marcialidade militar com a alegria e descontração do meio civil, que também desfruta das suas apresentações.

Participou de inúmeros desfiles cívico-militares nas grandes capitais e municípios de nosso País, marcando a presença da AMAN e do Exército Brasileiro.

Suas atuais dependências encontram-se no Batalhão de Comando e Serviços, Batalhão Agulhas Negras, no Pavilhão Maestro Joaquim Pereira de Oliveira. Esse nome é uma justa homenagem ao seu prolífico regente nos anos 50, autor de vastíssima obra musical, reconhecido mundialmente pela criação do dobrado “Os Flagelados”, que é executado por bandas de música de vários países.



**1965 Ano do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro
FESTIVAL INTERNACIONAL DE BANDAS MILITARES
DE 30 de Maio a 5 de Junho**

100 ANOS



Desde o seu primeiro regente, o Segundo-Tenente Arsênio Porto, passando por outros renomados maestros que o sucederam, a Banda Sinfônica da AMAN sempre contou com grandes talentos da música. Atualmente, o seu quadro efetivo é composto por 93 músicos, oriundos dos mais diversos rincões da nossa terra, dotados de profunda sensibilidade

artístico-musical e com o objetivo unânime de entusiasmar e motivar a tropa, despertando-lhe a vibração do início ao fim das jornadas acadêmicas, tudo isso aliado ao profícuo trabalho de Relações Públicas que o Exército Brasileiro desenvolve junto à comunidade civil, despertando em todos o civismo e a brasilidade.



Desfile de 7 de setembro na cidade do Rio de Janeiro em 1957

GENERAL DE DIVISÃO DOMINGOS VENTURA PINTO JUNIOR

“Apreciável capacidade de comando, inteligência, bravura e espírito de sacrifício, demonstrados na ação de Fornovo, qualidades que o tornaram um elemento valioso para a vitória do 6º Regimento de Infantaria, o que redundou na rendição da 149ª Divisão de Infantaria Alemã, da Divisão Itália e da 90ª Divisão Panzer”. Elogio consignado ao Capitão Ventura, pelo Comandante do 6º Regimento de Infantaria, unidade integrante da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Nasceu em Barra Mansa (RJ), em 27 de junho de 1914, sendo declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 06 de janeiro de 1936.

Atuou durante 13 meses na Força Expedicionária Brasileira (FEB) e, quando retornava ao Brasil, recebeu, do **General Zenóbio da Costa**, o primeiro braçal da Polícia do Exército (PE), encargo que iria transformar a sua vida e ditar o seu destino em tempo de paz. A partir de então, deu início ao processo de estruturação e de consolidação da PE, conduzido posteriormente pelo próprio **Marechal Zenóbio da Costa**.

Comandou o 1º Batalhão de Fronteira, em Foz do Iguaçu (PR), de 1959 a 1961, e o 1º Batalhão de Polícia do Exército, no Rio de Janeiro, de 1961 a 1964. Passou para a Reserva Remunerada no posto de General de Divisão, em dezembro de 1964. Na reserva, exerceu diversas atividades na vida civil com a mesma dedicação e eficiência demonstradas na caserna.

Recebeu mais de 40 condecorações, entre nacionais e estrangeiras, dentre as quais podem ser destacadas a Medalha da Cruz de Combate 2ª Classe, a Medalha de Campanha da FEB e a Medalha de Guerra, além de sua inclusão na Ordem do Mérito Militar, ainda no posto de capitão.

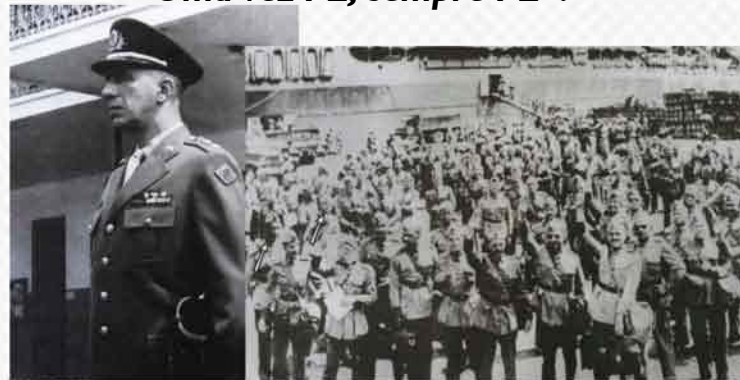
Autor em diversas obras sobre a FEB e a PE, foi Acadêmico Emérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – AHIMTB e Presidente do Conselho Nacional da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, órgão de cúpula das diversas associações de ex-combatentes sediadas em todo o território nacional, onde pôde dedicar-se integralmente na defesa de seus interesses, além de se mostrar um brilhante e incansável divulgador dos feitos heroicos de nossos pracinhas nos mais distantes rincões do Brasil.

Em 12 de julho de 2007, na cidade do Rio de Janeiro, aos 93 anos de idade, o General Ventura descansou com a satisfação do dever bem cumprido e o legado de entusiasmo, vibração, postura, correção de atitudes e determinação, atributos que sempre evidenciava na busca por seus ideais.

General Ventura, uma estrela que continuará brilhando, com seu exemplo, mostrando a cada soldado, em particular à Polícia do Exército, o caminho da **Lealdade, Disciplina e Vigilância Incessante**.

“Old soldiers never die, they just fade away” – verso famoso de antiga balada da I Guerra Mundial – “Velhos Soldados nunca morrem, eles apenas se afastam, distanciando-se lentamente no tempo e no espaço”. Assim é com o saudoso General Ventura. Sua memória estará sempre presente. 🖤

“Uma vez PE, sempre PE”.



ENVIO DE IMAGENS

revistaverdeoliva@ccomsex.eb.mil.br
redacao@ccomsex.eb.mil.br

Ineditismo

Neve em Caxias do Sul_3ºGAAAe_27Ago13_3º Sgt Barboza

Envie suas
imagens para
serem utilizadas
nos produtos
do CCOMSEX.
As melhores,
serão publicadas
na Revista
Verde-Oliva.

Atente para alguns detalhes:

- formatos JPG, RAW, NEF, PSD e o mínimo de 300dpi;
- maior tamanho possível;
- sem manipulação ou tratamento;
- fotos versando sobre atividades que estão acontecendo nas OMs do Exército Brasileiro;
- fotos jornalísticas e não posadas;
- atenção com uniforme e armamento; e
- o nome do arquivo deve conter a sequência: atividade ou assunto_OM_Data_Fotógrafo.

Contatos com a Subseção de Produtos Especiais e Revista:
RITEx: 860-6143 / 5943 / 5983
Telefones: (61) 3415-6143 / 5943 / 5983

Encerramento do EBST_CCFEEEx_19Set13_Sd Correa



Emoção, Orgulho e Alegria

Dia 19 de novembro de 2013.

Dia da Bandeira na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Formatura na Praça General Afonseca - Resende (RJ).

